MAURÍCIO ALVES DA COSTA

TEORIA DO POLISSISTEMA:

DO FOLHETIM AO BLOG, O POLISSISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO SOB A INTERFERÊNCIA DA INTERNET

Porto Alegre

2007

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ÁREA: ESTUDOS DA LITERATURA

ESPECIALIDADE: LITERATURA COMPARADA

LINHA DE PESQUISA: TEORIAS LITERÁRIAS E INTERDISCIPLINARIDADE

TEORIA DO POLISSISTEMA:
DO FOLHETIM AO *BLOG*, O POLISSISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO SOB A INTERFERÊNCIA DA INTERNET

MAURÍCIO ALVES DA COSTA

Orientadora: Profa. Dra. GILDA NEVES DA SILVA BITTENCOURT

Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre

2007

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar,
agradeço à Profa. Dra. Lea Masina,
que orientou este trabalho em sua primeira etapa,
e sugeriu a reorientação metodológica
que solucionou os principais impasses do projeto.

Em segundo lugar,
agradeço à Profa. Gilda Bittencourt,
que concluiu a orientação deste trabalho
e me acolheu como orientando
no momento mais difícil da realização deste percurso.

Em terceiro lugar,
agradeço aos meus familiares.

Em quarto lugar,
agradeço a todos os meus amigos,
tanto os de infância quanto os mais novos,
pelo apoio e pela confiança
com as quais sempre pude contar.

Em quinto lugar,
agradeço à Fernanda Rollo
pela formatação do trabalho.

Em sexto lugar,
agradeço ao sistema público de educação do Brasil,
que possibilitou minha formação
do jardim de infância até aqui.

Por último,
e mais importante de todos,
agradeço a meu pai,
que me inspirou desde criança
a paixão pela leitura
e me ensinou o valor da
educação.

RESUMO

Este estudo objetiva apresentar e discutir os principais conceitos da Teoria do Polissistema, de Itamar Even-Zohar, a aplicação de seus conceitos à realidade brasileira e as suas contribuições aos estudos lite

ABSTRACT

Based on Even-Zohar's Polysystem Theory, this work not only presents and discusses its main concepts, but also applies it to the Brazilian scenario, in addition to its contributions to literary studies and comparative literature. After presenting definitions for systems and polysystems, it exposes the hypothesis for the literary system structure. The hypothesis contains definitions of institution, market, manufacturer, consumer, repertoire and product. Also, this work discusses the hypothesis that determines the laws of literary interference. In order to apply the Polysystem Studies to the Brazilian scenario, a short case study over the Internet role in the Brazilian contemporary literary system was produced. The case study starts with an analysis over the hypertext concept under the light of Pierre Lévy, Alckmar Luiz dos Santos and Ingedore Koch. Then the definition for *blog* is discussed in relation to the hypertext notion. Finally, the Polysystem Theory is applied to the writing *A saga do Primeiro Beijo*, published in a *blog* by Alessandra Félix, also comparing it to feuilleton under the formal aspect. By this means, it is possible to see the set of contributions made by Even-Zohar's study as a whole, as well as the application of its main assumptions.

Keywords: Even-Zohar. Polysystem. Interference. Hypertext. Blog. Feuilleton.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 06

2 TEORIA DO POLISSISTEMA 09

3 O POLISSISTEMA LITERÁRIO 18

4 LEIS DE INTERFERÊNCIA LITERÁRIA 29

4.1 Princípios Gerais de Interferência 33

4.2 Condições para a Emergência e Ocorrência de Interferência 35

4.3 Processos e Procedimentos de Interferência 38

5 A POSIÇÃO DA INTERNET NO POLISSISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO 41

5.1 *Blog* e Folhetim 51

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 68

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 74

ANEXO A - Quadro Histórico do Folhetim 82

ANEXO B - Romance Folhetim - Quadro 85

ANEXO C - A Saga do Primeiro Beijo 92

1 INTRODUÇÃO

Compreender as relações literárias é requisito fundamental para que possamos analisar, em qualquer nível, os seus produtos. Várias são as opções de abordagem e de delimitação possíveis para uma reflexão teórica. Este trabalho opta por analisar as relações sistêmicas da literatura, bem como o papel exercido pela Internet como parte integrante do sistema literário brasileiro. Para tanto, baseia-se nos pressupostos teóricos da Teoria do Polissistema, de Itamar Even-Zohar, nos trabalhos de Pierre Lévy, Alckmar Luiz dos Santos e Ingedore Koch sobre hipertexto, nos trabalhos de Antônio Hohlfeldt e Marlyse Meyer sobre o folhetim e no folhetim eletrônico *A Saga do Primeiro Beijo,* de Alessandra Félix, que é o objeto do estudo de caso pelo qual é feita análise da aplicação desses pressupostos teóricos.

Este trabalho tem como objetivo principal a exegese da Teoria do Polissistema, com a qual procura estabelecer suas possíveis relações e aplicações à realidade brasileira tanto quanto ao cenário da Literatura Comparada como disciplina. Há, sem dúvidas, um conjunto de questões significativo que não será respondido por este trabalho. A coerência metodológica e as limitações de uma dissertação de mestrado exigiram o estabelecimento de um recorte do viés analítico e do objeto de estudo que não permitisse a dispersão do foco de análise. A análise aqui apresentada é exclusivamente formalista, voltada para observação das relações, e baseada na concepção de sistema de Even-Zohar. Os termos teórico-literários utilizados no decorrer deste trabalho são aplicados de acordo com os conceitos aqui apresentados. Este trabalho, portanto, não tem como objetivos a análise estética do trabalho de Alessandra Félix, o aprofundamento da história da Internet ou do folhetim ou a definição de tipologias narrativas. As possíveis deficiências relativas à periodização e tipologia foram sanadas pelo recurso de notas explicativas ou da utilização de anexos.

Para obter o melhor resultado possível na consecução dos objetivos, este trabalho foi dividido em quatro partes: a primeira, composta pelos capítulos “Teoria do Polissistema”, “O Polissistema Literário” e “Leis de Interferência Literária”, desenvolve os conceitos fundamentais dos trabalhos de Even-Zohar; a segunda, composta pelo capítulo “A Posição da Internet no Polissistema Literário Brasileiro”,

apresenta dados sobre o crescimento da utilização da rede mundial de computadores no Brasil, desenvolve a discussão teórica acerca dos conceitos de hipertexto de Pierre Lévy e Alckmar Luiz dos Santos e, sob a ótica da Teoria do Polissistema, aplica os conceitos discutidos ao texto de Alessandra Félix; a terceira é composta pelos anexos “Quadro Histórico do Folhetim”, “Romance Folhetim - Quadro”, retirados dos trabalhos de Antônio Hohlfeldt, e do anexo “A Saga do Primeiro Beijo”, texto de Alessandra Félix; por último, as considerações finais.

No primeiro capítulo, a Teoria do Polissistema é apresentada a partir das suas origens no pensamento formalista, fundamentalmente nos trabalhos de Tynjanov e Eickenbaum. Após a análise das relações entre o formalismo russo e os trabalhos de Even-Zohar, são apresentados e discutidos em profundidade os conceitos de sistema, de polissistema, de centro e periferia, de canonicidade, de tipos primário e secundário, de tensão entre estratos e de inovação.

No segundo capítulo, a concepção de sistema literário de Even-Zohar é apresentada e discutida em sua estrutura. São apresentados e analisados os conceitos de produtor, de consumidor, de produto, de repertório e seu desdobramento nos conceitos de modelo passivo e de modelo ativo, de instituição e de mercado. Cada um dos conceitos é detalhadamente apresentado e, na medida do possível, exemplificado durante a análise.

No terceiro capítulo é discutida a concepção de leis gerais de interferência entre sistemas literários de Even-Zohar. São apresentados os conceitos de interferência, que é comparado ao conceito de influência e discutido em suas diferenças, de transferência, como resultado do processo de contato entre sistemas, bem como são apresentadas e discutidas as hipóteses de leis de interferência literária de Even-Zohar, que são aprofundadas e exemplificadas com base nos princípios gerais de interferência, nas condições para a emergência e a ocorrência de interferência e nos processos e procedimentos de interferência.

No quarto capítulo é iniciado o estudo de caso no qual serão aplicados os conceitos apresentados e discutidos nos capítulos anteriores. Em primeiro lugar, são apresentados dados relativos ao crescimento do número de usuários da Internet no Brasil nos últimos cinco anos. Em segundo lugar, a partir da análise da dimensão desse fenômeno, é discutido o conceito de hipertexto sob a ótica dos trabalhos de Pierre Lévy e Alckmar Luiz dos Santos. Correlacionada aos conceitos de Even-Zohar, é apresentada a hipótese de estruturação do sistema da Internet e a sua

estruturação em instituição-mercado, repertório, produtor-consumidor e produto. Por último, o conceito de *blog*, bem como suas especificidades em relação ao hipertexto, é discutido para, em seguida, ser comparado ao folhetim tradicional. A partir desta comparação são exemplificados os processos de interferência entre sistemas, transferência de modelos e formação de repertório sob a aplicação das hipóteses de leis de interferência literária de Even-Zohar.

Nas considerações finais são debatidas as contribuições da Teoria do Polissistema aos estudos literários e, mais especificamente, à Literatura Comparada, a seguir é discutido o conceito de hipertexto, sua relação com a teoria literária e quais as hipóteses que podem ser lançadas para novas definições e abordagens a partir da Teoria do Polissistema e, por último, é discutido o papel do *blog* como ferramenta que contribui para difusão de formação de novos modelos de produção no polissistema literário brasileiro.

Este trabalho não é conclusivo. As hipóteses aqui apresentadas suscitam questões que demandam pesquisas de maior fôlego e baseadas em diferente *corpus* de análise. Seu objetivo primordial de aprofundar a análise da realidade dos processos sistêmicos da literatura brasileira contemporânea sob a ótica de uma teoria pouco conhecida no Brasil, mas que possui alto grau de aplicabilidade e relevância metodológica, foi felizmente alcançado, ainda que limitadamente.

2 TEORIA DO POLISSISTEMA

Compreender um fenômeno semiótico como o literário, ou seja, os modelos de comunicação humana regidos por signos, exige um trabalho complexo. Uma tentativa de análise isolada tende a não encontrar respostas satisfatórias a um conjunto de questões relativas ao fenômeno literário. Literatura não é, bem como os outros modelos semióticos, um conjunto de elementos totalmente separados e distribuídos ao longo do tempo e do espaço sem correlação direta entre eles. O entendimento da literatura como um sistema de relações que tem a sua especificidade abre caminho para a detecção de leis gerais que regem seus processos em sua diversidade e complexidade, mais importantes que registros e classificações positivistas de base empirista e suporte material. (EVEN-ZOHAR, 1990c). A partir de uma análise que faça aproximações funcionais torna-se possível alcançar tal objetivo.

Não há uma única abordagem funcional. Apesar das premissas comuns, duas escolas se desenvolveram seguindo direções diferentes. A primeira dessas escolas trabalha num enfoque sincronístico, formula um pensamento desenvolvido a partir dos estudos de Saussure e da Escola de Genebra e tem como base metodológica a análise a-histórica e estática das relações sistêmicas. A segunda dessas escolas trabalha prioritariamente num enfoque diacrônico, pensamento desenvolvido a partir dos trabalhos dos Formalistas Russos e dos Estruturalistas Checos, e tem como base metodológica a análise do aspecto histórico das relações entre os elementos de um sistema, essa é a que nos interessa para o desenvolvimento deste trabalho.

A abordagem estática trata o sistema como uma rede sincrônica de relações em que o valor de cada elemento é uma função nas relações específicas em que toma parte, detectando a função dos elementos e as leis que os regem apenas como forma de explicar mudanças e variações. Tynjanov e Jakobson já criticavam esta concepção:

> A ciência diacrônica reformulou, por sua vez, a noção de aglomeração mecânica dos fenômenos, que a noção sincrônica substituiu pela noção de sistema, estrutura. A história do sistema é, por sua vez, um sistema. O sincronismo puro acaba por ser hoje uma ilusão: cada sistema sincrônico é parte de um sistema diacrônico. (TYNJANOV; JAKOBSON, 1987, p.126).

Contemporaneamente, Even-Zohar reforça a crítica dos Formalistas Russos ao enfoque sincronístico dizendo que:

> El factor de la sucesión temporal (la “diacronía”) se ha eliminado así del “sistema”, y se ha establecido la regla que cae fuera del alcance de las hipótesis funcionales. Se la ha declarado, por tanto, extra-sistémica, y, puesto que se le identificaba exclusivamente con el aspecto histórico de los sistemas, éste ha sido prácticamente eliminado del ámbito de la lingüística. (EVEN-ZOHAR, 1990c, p.3).

Há uma diferença clara entre pretender dar conta de alguns princípios gerais que regem um sistema fora do tempo, como no enfoque estático, em que a análise é, em princípio, uma abstração que permite a detecção de leis que regem variações em um sistema fechado, e procurar dar conta de um sistema *em princípio* e numa perspectiva temporal. Não há como entender os conceitos de sincronia e diacronia como opostos, pois ambos são históricos. Sincronia não pode e nem deve identificar-se com a estática, dado que em determinados momentos é um dos elementos de um sistema diacrônico. Um sistema diacrônico se compõe de sincronia e diacronia e cada uma delas é um sistema separado (EVEN-ZOHAR, 1990c). Tynjanov e Jakobson dizem que:

> A oposição entre sincronia e diacronia opunha a noção de sistema à noção de evolução; ela perde a sua importância de princípio visto que reconhecemos que cada sistema nos é obrigatoriamente uma evolução e que, por outro lado, a evolução tem invariavelmente o seu caráter sistemático. (TYNJANOV; JAKOBSON, 1987, p.126).

Uma análise temporal das relações funcionais que se proponha a dar conta da evolução de um sistema exige que uma metodologia de análise evidencie as correlações entre o conjunto dos elementos desse sistema, tanto sincrônica quanto diacronicamente. Para tanto, não é possível considerar o sistema em análise como um ente fechado. A evolução literária, ou do sistema literário, precisa ser analisada em sua correlação com os outros sistemas semióticos com os quais interage. (EVEN-ZOHAR, 1990c). A literatura, bem como os outros sistemas semióticos, é, portanto, um sistema aberto. Aparentemente, há alguma dose de flexibilidade e instabilidade no conceito de sistema aberto: um objeto de análise em permanente mutação não permite a descrição exata de suas características num determinado ponto no eixo diacrônico. Entretanto, não se pode confundir as noções de

estruturação e sistemacidade com a noção de homogeneidade. Sistemas abertos são heterogêneos, geram interferências e concorrem entre si. Even-Zohar cunha, a partir dessa premissa, a definição de polissistema.

> Un sistema semiótico puede concibirse como una estructura heterogénea y abierta. Rara vezes, por tanto, un monosistema, sino que trata necesariamente de un polisistema: un sistema múltiple, un sistema de varios sistemas con intersecciones y superposiciones mutuas, que usa diferentes opciones concurrentes, pero que funciona como un único todo estructurado, cuyos miembros son interdependientes. (EVEN-ZOHAR, 1990c, p.4).

A utilização do termo polissistema não é apenas uma convenção. Trata-se de uma proposição explícita para conceituação de sistema como algo dinâmico e heterogêneo. A necessidade da utilização de um novo termo ao invés do termo já conhecido "sistema" se faz pela mudança no nível em que se manifesta a sistemacidade: se um sistema é estruturado pelos elementos que o constituem formalmente e a relação entre eles[1] e pode ser descrito como um sistema estático e fechado como, por exemplo, os estudos imanentistas dos primórdios do Formalismo Russo. Um polissistema é estruturado pela relação entre os elementos de um sistema literário em sua relação com diferentes elementos do mesmo sistema ou de outro sistema semiótico[2]. O polissistema é, por fim, um sistema formado por vários sistemas diferentes em interação permanente. (EVEN-ZOHAR, 1990c).

A hipótese do polissistema permite trabalhar com os fatos simplesmente ignorados ou desconhecidos que atuam no campo semiótico. Diversos subsistemas literários tornam-se passíveis de análise em sua relação com a literatura canônica. Para uma análise de um sistema aberto e heterogêneo os objetos de estudo não podem ser escolhidos apenas por critérios de gosto. (EVEN-ZOHAR, 1990c). A literatura tem uma rede de interdependências entre os seus sistemas centrais, ou legitimados pelos círculos dominantes da cultura, e seus sistemas periféricos, ou não legitimados por esse círculo dominante. Por exemplo, o folhetim de rodapé de jornal, modelo jamais considerado canônico pelos círculos dominantes da cultura, é um dos modeladores do romance moderno. Nesse caso, há uma interdependência entre um romance canônico e um folhetim, independentemente de valoração estética ou

---

[1] A função sínoma de Tynjanov contribui para a compreensão deste processo. (1987, p.126).
[2] A função autônoma de Tynjanov contribui para a compreensão deste processo. (1987, p.126).

legitimação cultural. Um estudo de polissistema exige o abandono total dos juízos de valor:

> [...] puede parecer trivial [...] decir que la hipótesis del polisistema implica un rechazo de los juicios de valor como criterios para una selección a priori de los objetos de estudio. Esto debe recalcarse particularmente en el caso de los estudios literarios donde todavía existe confusión entre investigación y critica. Si se acepta la hipótesis del polisistema, ha de aceptarse también que el estudio histórico de polisistemas históricos no puede circunscribirse a las llamadas "obras maestras", incluso aunque algunos las consideren la única razón de ser inicial de los estudios literarios. Este tipo de elitismo no es compatible con una historiografía literaria, del mismo modo que la historia general no puedeya ser la narración de las vidas de reyes y generales. (EVEN-ZOHAR, 1990c, p.7).

Critérios de gosto devem definir a história literária? Evidentemente, não. A história literária e a análise dos processos de evolução não podem estar pautadas por isso. É preciso detectar e estudar as normas que regem esses processos de valoração.

Para Even-Zohar, a funcionalidade e a heterogeneidade se conciliam quando consideradas mais do que unidades individuais do polissistema, pois precisam constituir sistemas de opções concorrentes e parcialmente alternativos, diferentes e hierarquizados dentro do polissistema. O estado sincrônico se constitui na tensão permanente entre vários estratos e a mudança diacrônica se constitui na vitória de um estrato sobre o outro. Por exemplo, a produção textual e literária publicada e/ou escrita originalmente para o ambiente virtual da Internet faz parte de um estrato periférico do sistema literário. Para muitos, esse tipo de produção sequer é considerado literatura. Entretanto, o aumento do público leitor e a alta produtividade (sem fazer nenhum juízo de valor estético) no ambiente da Internet pressiona a produção literária tradicional em vários níveis: nível de linguagem, velocidade e inversão na linearidade da narrativa, por exemplo. A tensão entre os dois estratos se dá sincronicamente. A Internet está formando uma nova geração de público leitor, um público que exige uma linguagem diferente da linguagem utilizada pela literatura tradicional. As possíveis conseqüências dessa pressão, como uma mudança na forma de escrever, ou mesmo nos temas da ficção publicada em veículos tradicionais, aparecerão ao longo do tempo. Exerceria-se, assim, a transferência[3] de um fenômeno da periferia para o centro do polissistema literário, sendo a mudança

[3] Este conceito será aprofundado no capítulo 3.

no estrato central (ficção publicada em livros) resultado da vitória do estrato periférico (textos em ambiente virtual) sobre o primeiro. Trata-se de um movimento paradoxalmente centrífugo e centrípeto, em que os fenômenos são arrastados do centro para a periferia ou, no sentido contrário, da periferia para o centro. Entretanto, não se pode conceber um polissistema com apenas um centro e uma periferia. (EVEN-ZOHAR, 1990c).

A visão sincronística de sistema identifica apenas os fenômenos do estrato central (língua padrão e literatura canônica, por exemplo), pautado pela conduta das classes dominantes, e considera as periferias como extra-sistêmicas. Como resultado, o valor de muitas unidades passa despercebido e as transformações na literatura, por exemplo, precisam ser explicadas por influências[4] ou criatividade dos escritores. A hipótese do polissistema é capaz de dar conta não apenas dos seus próprios processos, mas também dos procedimentos em nível de repertório, ou seja, os processos de seleção, manipulação e eliminação, por exemplo, que tem lugar no polissistema, e são relevantes para a análise do produto a ser analisado.

Trabalhar com a hipótese do polissistema conduz a uma mudança de foco na abordagem sobre a questão do cânone. O cânone como o conhecemos, ou seja, a lista de textos literários que são preservados pela comunidade para que façam parte de sua herança histórica, está fortemente ligado ao ponto de vista sincronístico das relações literárias. O cânone é, dessa forma, uma lista na qual os círculos dominantes da cultura, isto é, o estrato central do polissistema, incluem e excluem textos que são produzidos dentro dos padrões por eles estabelecidos. São canonizados os textos legitimados pelos círculos dominantes da cultura e não canonizados os textos que esses mesmos círculos consideram ilegítimos e cujos produtos são esquecidos. (EVEN-ZOHAR, 1990c). Uma análise que tenha como base essa concepção de cânone não será capaz de responder às questões relativas à totalidade das relações entre os diversos fenômenos do sistema literário. É possível, dessa forma, apenas identificar as variações do cânone ao longo do tempo, as inclusões e exclusões de textos, mas sem compreender os processos e regras que pautaram a sua formação e manipulação. A questão a ser feita é: *o que torna um texto canônico?* Even-Zohar cunha o conceito de *canonicidade*[5], separando-o em dois diferentes níveis: *canonicidade estática*, resultado do

[4] Este conceito será aprofundado e comparado ao de interferência no capítulo 3.
[5] Para aprofundar o tema ver Sheffy (1990, p.511-522.).

processos de inclusão e exclusão de textos pelo estrato central do polissistema, e a *canonicidade dinâmica*, resultado da introdução de um modelo literário como princípio produtivo de um polissistema por meio de seu repertório[6]. Assim, tornam-se "textos" canônicos aqueles que reproduzem o modelo legitimado pelo grupo que dita as normas no sistema literário. O conceito de *canonicidade dinâmica* está associado à análise diacrônica das relações literárias, possibilitando a detecção das leis que regem as mudanças no cânone ao longo do tempo e a evolução dos modelos canonizados.

O polissistema literário é um sistema estratificado. O resultado dessa estratificação é a existência de uma tensão permanente entre a cultura canonizada e a não canonizada (estática ou dinamicamente). O conflito entre estratos provoca mudanças no cânone, empurrando do centro para a periferia modelos e normas legitimadas pela cultura oficial. Nenhuma cultura oficial sobrevive sem uma subcultura. A pressão exercida pelos sistemas periféricos exerce um efeito regulador mais que necessário para a sobrevivência do sistema. É a oposição de estratos que dota de viabilidade a existência de uma cultura canonizada. No caso da literatura, os sistemas periféricos promovem a pressão necessária para a não fossilização do cânone e seu gradual desaparecimento. (EVEN-ZOHAR, 1990c).

A luta dentro do sistema literário é resultado do fator temporal e local do conjunto de leis que regem o repertório e o conjunto de leis e elementos que regem a produção de texto, sendo ambos, aparentemente, universalmente válidos desde as primeiras literaturas do mundo. Outras leis e elementos estão sujeitos a condições mutáveis em diferentes períodos e culturas. É este fator temporal e local do repertório que se torna fonte das lutas no sistema literário. Porém, não é o repertório em si mesmo que é capaz de determinar a canonicidade ou não de um produto. O *status* de qualquer repertório literário é determinado pelas relações que existem no polissistema.

O texto em um sistema literário, mais do que desempenhar papel nos processos de canonização, é um resultado deles. E somente na função de representante de modelos os textos são ativos nas relações sistêmicas. Os textos e os repertórios são manifestações parciais da literatura e seu comportamento só é explicável num nível de análise das relações no polissistema. Sendo assim, a

---

[6] Este conceito será aprofundado no próximo capítulo.

posição do texto literário enquanto principal objeto de estudo pode ser relativizada: o texto, embora seja produto último da literatura, representa e expressa *modelos*, canonizados ou não dentro do sistema literário em questão, que são o objeto fundamental de estudo do polissistema literário.

Um repertório e um sistema conservadores constroem e reproduzem *modelos* que derivam exclusivamente das regras legitimadas pelo estrato central do polissistema. A repetição desses modelos impede inovações no repertório. Os produtos desse processo de derivação são s*ecundári*os. Por outro lado, a reestruturação de um repertório através da inclusão de novos elementos, resultando em produtos menos previsíveis, são expressões de um sistema e um repertório inovadores. Os produtos resultantes desse segundo processo são *primários*. Porém, um modelo primário se torna secundário assim que perdurar durante tempo suficiente no centro do sistema canonizado. A luta entre as opções primárias e secundárias é tão decisiva para a evolução do sistema quanto a tensão entre estratos altos e baixos no sistema. (EVEN-ZOHAR, 1990c).

O controle do sistema depende da eficácia dos instrumentos com os quais luta. Assim, a manutenção do controle pode se dar através da introdução de uma inovação. Portanto, não é a perpetuação, mas a inovação que pode satisfazer aqueles que poderiam perder mais com uma mudança. Uma vez introduzida a inovação, o novo repertório não aceitará elementos que possam colocar em perigo o controle do sistema. Assim, o processo de secundarização é inevitável. E assim recomeça a luta entre tipos primário e secundário.

O polissistema literário, além de ser heterogêneo em sua estrutura, é também um componente de um polissistema semiótico maior, ao qual está subordinado e é isomórfico, correlacionado com o todo e seus componentes. A teoria do polissistema proporciona hipóteses menos simplistas e reducionistas frente à relação da literatura com a língua, a sociedade e a economia, por exemplo. Assim, pode-se observar as relações entre os sistemas culturais por meio dos seus mecanismos de transmissão, muitas vezes pelas periferias do polissistema, como se demonstra em inúmeros casos, particularmente com a literatura traduzida. Para Even-Zohar:

> La concepción de la literatura como una institución socio-cultural semi-independiente separada sólo puede sostenerse pues, si el polisistema literario, como cualquier otro sistema socio-cultural, se concibe como simultáneamente autónomo y heterónomo respecto a todos los demás co-sistemas. (EVEN-ZOHAR, 1990c, p.23).

Assim como se pode conceber que um conjunto de fenômenos operando em uma certa comunidade pode ser definido como parte de um polissistema maior, um polissistema pode ser um componente de um mega-polissistema, ou seja, um que controla e organiza várias comunidades. Even-Zohar exemplifica:

> Consideramos el caso más evidente, el de las comunidades europeas y sus literaturas y culturas en general. Claramente, a lo largo de la Edad Media, la Europa Central y Occidental constituyó un polisistema, en el cual el centro estaba ocupado por la literatura escrita en latín, mientras se producían concurrentemente textos en las lenguas vernáculas (ya oralmente o por escrito) como parte de actividades periféricas. (EVEN-ZOHAR, 1990c, p.24-25).

Ao longo do tempo o polissistema se fossilizou, sendo extinto, e formando um conjunto de polissistemas monolíngües autônomos. Mesmo assim, as relações de centro e periferia estavam presentes. Culturas que se desenvolveram mais rapidamente que outras, por seu prestígio, ou dominação direta, foram tomadas ru

A mudança no polissistema não está identificada com uma possível instabilidade e a estabilidade não está identificada com um processo de fossilização. Crises de repertório não geram necessariamente instabilidade no sistema. Sistemas que sofrem mudanças regulares e plenamente mana33117(e45585(o)-4.331-3.39556

3 O POLISSISTEMA LITERÁRIO

Para a Teoria do Polissistema, o termo *sistema,* que se refere aos fenônemos considerados *literários,* é teoricamente conceitualizado e contextualizado. *Sistema* define o conjunto de atividades regidas pelas relações literárias, o que abarca todos os mecanismos de produção, fatores e agentes envolvidos no circuito. Even-Zohar apresenta duas formulações para a conceituação do *sistema literário* na Teoria do Polissistema:

> A rede de relações hipotetizadas entre uma certa quantidade de atividades chamadas literárias e, conseqüentemente, essas atividades mesmas observadas através dessa rede. (EVEN-ZOHAR, 1990a, p.2, tradução nossa).
>
> ou
>
> O complexo de atividades, ou qualquer parte dele, para o qual se pode propor teoricamente relações sistêmicas que sustentem a opção de considerá-las literárias. (EVEN-ZOHAR, 1990a, p.2, tradução nossa).

O sistema literário é autônomo e heterônomo: ao mesmo tempo em que contém uma rede específica de relações e elementos observáveis, seus elementos, separadamente ou em sua totalidade, são componentes de outros sistemas semióticos nos quais exercem funções distintas em diferentes posições hierárquicas (por exemplo, estratos centrais da literatura ocupando posições periféricas num sistema cultural mais amplo).

A definição do conjunto de atividades que faz parte do sistema literário não é feita *a priori*. Apenas com a delimitação do conjunto de atividades observáveis a partir dos pressupostos teóricos determinados é que se torna viável apresentar uma hipótese de estruturação dessa rede específica de relações.

O sistema literário, então, pode simplesmente abarcar os elementos textuais propriamente ditos, fundamentalmente baseado no produto final da literatura (as obras literárias, assim como a sua gênese, descrição, história, estruturação e a relação entre elas), considerando os elementos de sistemas vizinhos como extra-sistêmicos e privilegiando os estratos centrais do sistema, ou abarcar todo o

conjunto de atividades do sistema literário: meios de publicação, valoração, crítica, manipulação, relação com os demais sistemas semióticos, produtos finais e produtos implícitos.

Para a Teoria do Polissistema, que defende uma análise funcionalista que privilegia a dinâmica das relações, a segunda hipótese é mais fecunda para realizar uma análise aprofundada dos processos sistêmicos da literatura, ampliando o campo de fenômenos observáveis para muito além do texto em si e das relações entre diferentes produções textuais. O processo de evolução do sistema literário não pode ser descrito isoladamente no tempo e no espaço. As correlações e interferências entre sistemas, literários ou não, só podem ser descritas se forem consideradas todas as variáveis implicadas nos processos sistêmicos e, a partir dessas descrições, detectar as regularidades que caracterizam o processo sistêmico literário que possam servir como base para hipóteses acerca de leis gerais (EVEN-ZOHAR, 1990e) de regulação desse sistema.

Fundado no funcionalismo dinâmico, o conceito de sistema pode ser descrito da seguinte forma:

> Desde el verdadero punto de vista de Ejxenbaum, el “sistema literario” comprende de este modo una gama de hechos/factores mucho mayor de lo que se acepta normalmente en los estudios literarios estándar. [...]. Ejxenbaum desarrolló en realidad una visión muy próxima al champs littéraire de Bourdieu, esto es, la literatura como agregado de actividades, que en términos de relaciones sistémicas se comporta como un todo, aunque cada actividad separada de entre ellas (o cualquier parte de ellas) puede participar al mismo tiempo de algún otro todo y ser regida en él por leyes diferentes y estar correlacionada con diferentes factores. (EVEN-ZOHAR, 1990a, p.5-6.)

As leis gerais de um polissistema cultural não se aplicam necessariamente ao sistema literário, embora possam regulá-lo direta ou indiretamente. (EVEN-ZOHAR, 1999). Por exemplo, os estratos centrais do sistema literário não são os mesmos do cinema. Os meios de manipulação, os produtos finais, os modelos produtivos, os tipos de produtos e os processos de canonização são regidos por normas diferentes, ainda que algumas delas possam exercer papéis hierarquicamente distintos em ambos e que eles sejam elementos ativos de um polissistema cultural maior. São as leis do sistema específico que explicam sua natureza e comportamento.

Neste ponto surge uma questão importante: é possível propor uma hipótese de estrutura do sistema literário? Que fatores são considerados nessa estrutura? A

principal ferramenta da literatura é a língua e, subsidiariamente, várias outras linguagens. O ponto de partida de qualquer produto literário é a expressão verbal, seja oral ou escrita. Entretanto, uma análise isolada dessa ferramenta não é capaz de detectar as leis que regem a totalidade dos processos reguladores do sistema em si. O enfoque estático privilegiava essa abordagem do objeto literário, que objetivava descrever isoladamente o processo de estruturação do texto literário (é o caso dos primórdios do formalismo e o estruturalismo francês). Para a Teoria do Polissistema, o objetivo principal é abarcar os macro-fatores que regulam as relações sistêmicas. Literatura é, também, comunicação. A literatura é transmissão de informação, ainda que a dominante não seja a função comunicativa, mas a função poética[1]. Sendo assim, é possível tomar como ponto de partida o esquema de comunicação de Roman Jakobson[2] e adaptá-lo ao sistema literário.

No sistema literário, temos um contexto, um código compartilhado que permite a compreensão entre os partícipes do circuito, um emissor da mensagem, um receptor, um canal que possibilita a comunicação entre as partes e uma mensagem quem, em princípio, é a obra literária. Considerando que o esquema de comunicação de Jakobson foi elaborado tendo como ponto de partida o enunciado individual, seria extremamente simplificador fazer uma transposição desses conceitos para uma possível definição da estrutura do sistema literário. As implicações de cada conceito do esquema são muito mais profundas e suas estruturas muito mais complexas do que as do enunciado individual. Para a Teoria do Polissistema Even-Zohar fez as seguintes adaptações:

Instituição (Contexto)
Repertório (Código)
Produtor (emissor)----------(Receptor) Consumidor
(“Escritor”) (“Leitor”)
Mercado (Contato/Canal)
Produto (Mensagem)
(EVEN-ZOHAR, 1990a, p.7, tradução nossa).

O sistema literário começa pelos *produtores* (dramaturgos, poetas, romancistas, contistas, tradutores) no papel de emissor; tem uma *instituição* que regula as relações e dita as regras (editoras, universidades, críticos, redes de

[1] Ver Jakobson, funções da linguagem.(1988).

[2] Ver Jakobson (1980, p. 81-92).

comunicação de massa) ocupando a posição do contexto do esquema de Jakobson (sendo essa a adaptação mais forte na teoria de Even-Zohar), um *mercado* que possibilita a distribuição do produto (distribuidoras, livrarias, bibliotecas, redes de comunicação de massa, Internet) na posição do canal de comunicação; os *consumidores* (leitores) na posição do receptor, o *repertório* comum, que permite a compreensão do produto, na posição do código (modelos produtivos compartilhados pelo produtor e pelo consumidor. a língua, por exemplo) e um *produto* (o texto literário e seus modelos de produção, por exemplo) na posição de mensagem. A discussão de cada um desses conceitos exige detalhamento.

O termo *produtor* é utilizado propositalmente para diferenciá-lo de *escritor,* termo que evoca imagens muito específicas que poderiam atrapalhar a compreensão dos conceitos envolvidos no esquema de estruturação que Even-Zohar propõe e a compreensão de suas funções. O *produtor* é um agente no sistema que pode cumprir diferentes papéis. Ele é também um consumidor de produtos literários, muitas vezes é um agente do mercado e, outras vezes, das instituições. (EVEN-ZOHAR, 1990a). O produtor exerce uma função criativa, embora ela não seja absoluta. Aquele que se dedica a criar o produto literário está submetido às regras ditadas pela instituição e interage com o mercado. O produtor é, fundamentalmente, uma posição ocupada por um indivíduo ou por grupos de indivíduos. Dessa forma, o processo criativo não se dá de forma isolada. O produtor compartilha de um repertório com os consumidores, repertório esse que ele tem contato quando exerce o papel de consumidor. O produtor é um criador de textos singulares, mas também um reprodutor de modelos. O seu papel criativo está em transformá-los, contestá-los, produzir inovações. O produtor está submetido às condições culturais e sociais e, necessariamente, reproduz um discurso e uma ideologia, seja dominante, seja periférica.

O tradutor, por exemplo, é um produtor. Entretanto, todo o processo de produção/criação está submetido às regras que regem o sistema: a instituição escolhe o produto a ser traduzido e esse produto reproduz um modelo pré-estabelecido, legitimado institucionalmente.

O produtor é quem coloca em prática o repertório em suas diferentes combinações.

Os *consumidores* do produto literário, embora estejam na extremidade oposta aos produtores no esquema do sistema literário, atuam também em diferentes

níveis. Os *produtores*, os agentes do *mercado* e da *instituição,* assim como todos os participantes do sistema literário são *consumidores.* Ainda que não *consumidores diretos*, ou seja, aqueles que voluntariamente lêem um texto literário integral, são *consumidores indiretos*, ou seja, indivíduos de uma comunidade que, fazendo parte de um polissistema cultural, estão sempre expostos e interagindo com fragmentos de textos literários de diversas formas, além da leitura pura e simples. A atividade do sistema literário é impulsionada basicamente pelo consumo indireto de produtos literários. A quantidade de consumidores indiretos é muito superior a de consumidores diretos.

Alguns exemplos podem demonstrar a importância do consumo indireto em vários níveis. Primeiro: centenas de milhões de pessoas conhecem vários trabalhos de Shakespeare em função de suas adaptações televisivas e cinematográficas, mas nunca leram um de seus textos ou assistiram a uma montagem de suas peças teatrais. Segundo: fragmentos de obras literárias da antiguidade, mitos, e lendas da tradição oral são componentes do repertório cultural de uma comunidade e são passados de geração em geração sem nenhum contato direto dos consumidores com registros escritos desses fragmentos literários. Terceiro, no caso do Brasil, por exemplo, o público leitor de romances é muito menor do que o público que consome indiretamente modelos do repertório desse produto. Milhões de consumidores brasileiros entram em contato com o cânone da literatura brasileira pelas adaptações para a televisão, em formato de novela ou série. Poucos leram diretamente o texto de *O tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, ou *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, entretanto, Rodrigo Cambará e Riobaldo são personagens conhecidos de milhões de pessoas. Utilizando esse exemplo podemos perceber que instituições não literárias *a priori*, como as redes de televisão, interferem no sistema literário: a adaptação televisiva de uma obra literária atinge um público maior, parte desse público busca o contato direto com o produto primeiro, o texto, os agentes do mercado entram em ação parar fornecer o produto e recomeça o ciclo da atividade literária. Quarto, os *consumidores indiretos* têm um repertório literário muito mais amplo do que aquele que se pode adquirir apenas pela leitura direta de textos literários. A maioria dos brasileiros compartilha, em seu repertório, do modelo folhetinesco, hoje fossilizado na sua forma primeira em rodapé de jornal, pelas telenovelas. Temas, estruturas narrativas e linguagens evoluíram para um novo

modelo que preserva, com funções diferentes, várias características do folhetim. Entretanto, a maioria dos brasileiros nunca leu um folhetim original.

Segundo Even-Zohar, a *instituição* controla o conjunto de fatores implicados na manutenção da literatura como atividade sócio-cultural. É ela que rege as normas que organizam a atividade literária. Neste papel estão inclusos os produtores (parte deles, pelo menos); críticos, editoras, periódicos, grupos de escritores, academias literárias, veículos de comunicação de massa, órgãos governamentais e instituições educativas (incluindo universidades), bem como as instituições envolvidas na manutenção de espaços virtuais na Internet. O conjunto institucional não forma um todo homogêneo. Diferentes interesses e normas podem operar em diferentes

ato9-82.756(m)-7.49466( )-432.4167(n)-4.33061(t)-2.16436( )-2.1644.33117(r)2(n)-4.33117(ç)-9-82.5161(t)-2.164

consumidores indiretos, estimulam o consumo direto de produtos específicos e interferem no mercado editorial. Uma obra adaptada para a televisão alcança um público infinitamente maior do que qualquer outro tipo de estratégia mercadológica. Entretanto, não podemos restringir o conceito de mercado à venda de produto em troca de qualquer valor pecuniário. Vender um produto pode, também, ser um ato simbólico. Os salões literários medievais, por exemplo, eram espécies de mercados em que os produtores tentavam promover o seu produto, assim como o feirante tenta vender o seu em praça pública. Sem um mercado em que haja a promoção e venda dos produtos literários, ou seja, sem consumidores, não há condições de sobrevivência para a literatura como instituição sócio-cultural. Consumir, nesse caso, não é comprar, mas interagir com o produto[3].

O *repertório* é o conjunto de opções utilizadas pelos participantes que organizam a atividade do polissistema. No sistema literário, especificamente, o *repertório* é formado pelo conjunto que regras que regem a produção e o consumo de qualquer *produto*. (EVEN-ZOHAR, 1999).

O *repertório* tem uma característica *passiva*, o conjunto de estratégias utilizadas pelos consumidores para a interpretação do produto, e uma característica *ativa*, o conjunto de procedimentos disponíveis a um indivíduo para produzir em cada situação específica. O repertório é, então, interpretativo e produtivo.

O repertório está estruturado em dois níveis. O *nível dos elementos* é composto pelos elementos individuais e díspares do repertório, como os morfemas e lexemas. O *nível dos modelos* é formado pela combinação de elementos, de regras e de relações sintagmáticas que podem ser impostas ao produto. No caso de um texto, o modelo será formado pelos elementos, pelas regras aplicáveis ao tipo de texto em questão pelas relações textuais que podem ser levadas a cabo durante uma atuação real. Para o consumidor potencial, o modelo é o pré-conhecimento segundo qual se interpreta um texto. Pode haver modelos operantes para o conjunto de um texto possível, assim como pode haver modelos específicos para uma parte do todo. (EVEN-ZOHAR, 1999). Por exemplo, pode haver modelo para um romance, assim como modelos específicos para o foco narrativo e descrição dos personagens. Não há, necessariamente, um modelo único para consumo e produção. O *consumidor* possui o pré-conhecimento de um conjunto de modelos interpretativos,

[3] Uma abordagem interessante da questão é feita por Nestor Canclini. (1997).

não necessariamente de modelos produtivos. O produtor, que muitas vezes é também consumidor, possui o pré-conhecimento de um conjunto de modelos produtivos. Há, portanto, um *repertório passivo* e um *repertório ativo* e ambos não são necessariamente idênticos, embora compartilhem elementos. (EVEN-ZOHAR, 1999). Por exemplo, a produção de textos literários exige do produtor um pré-conhecimento do modelo que vai utilizar. Ao produzir uma poesia, um drama ou uma narrativa ele estará se submetendo a um conjunto de regras que caracterizam tais gêneros. Já o consumidor, por sua vez, não precisa compartilhar do mesmo nível de pré-conhecimento dos modelos produtivos para interpretar o produto em questão. Apenas o pré-conhecimento de um *repertório passivo* como, por exemplo, a capacidade de leitura na língua em que o texto foi produzido, será suficiente para que o consumidor interprete o produto. Entretanto, é inconcebível imaginar um sistema específico em que não haja nenhum compartilhamento de modelos entre produtor e consumidor. Se não houver um repertório comum (ou um código conhecido pelos componentes ativos e passivos do sistema) não haverá possibilidade de ativação do processo sistêmico de produção e consumo. Um leitor monolíngüe de português, por exemplo, ainda que possua um repertório variado de modelos produtivos literários, não conseguirá interpretar um texto produzido em russo porque não compartilha do mesmo repertório passivo e de um dos seus modelos fundamentais: a língua. Portanto, ainda que o nível de competência no repertório dos partícipes do circuito sistêmico não precise ser o mesmo, é imprescindível o compartilhamento de um *repertório passivo* comum para a existência de intercâmbio e, dessa forma, da própria atividade sistêmica. Aceitando-se a hipótese que as manifestações literárias se dão em vários níveis, o repertório literário pode ser definido como um conjunto de repertórios específicos para cada um desses níveis. (EVEN-ZOHAR, 1999). Pode haver um repertório para ser *produtor*, outro para ser *consumidor,* outro para ser *agente do mercado* e cada um deles deve ser considerado.

É importante compreender que o conceito de *repertório,* na Teoria do Polissistema, não se refere a um conjunto de regras impositivas que definem o processo de produção. O repertório do sistema literário, assim como o de qualquer outro sistema semiótico, respeita os princípios da *heterogeneidade* e da *dinâmica.*[4]

[4] Ver capítulo 2.

Aceitando a hipótese de que a sobrevivência de um polissistema depende da luta entre os seus diversos estratos pelo seu controle e da tensão permanente entre estratos centrais e periféricos em suas diversas seções, torna-se evidente a importância da heterogeneidade dos repertórios ativos. Há a necessidade de um conjunto de opções concorrentes e interdependentes que estimulem a atividade do polissistema. Um repertório único e fixo, sem mobilidade e flexibilidade, sofrerá um processo de secundarização e, por conseqüência, exigirá que os estratos centrais desse polissistema adotem estratégias para sua sobrevivência e manutenção do controle.

Uma dessas estratégias pode ser a transferência proposital de modelos de sistemas periféricos do próprio polissistema, que serão acomodados e manipulados pelas instituições, gerando inovações no repertório canônico como, por exemplo, a mudança na linguagem do texto literário provocada pela linguagem televisiva e cinematográfica. O consumidor literário direto, ou seja, o leitor de textos literários da era da televisão e do cinema, tem exigências muito maiores quanto à objetividade e quanto à síntese na narrativa. Ao contrário dos consumidores de outras épocas, o consumidor direto contemporâneo não aceita descrições exaustivas de ambientes e aparências. Ainda que mantidos estaticamente canônicos pelas instituições como textos que devem ser preservados pela nossa cultura, o modelo narrativo descritivo parece não ser mais princípio um produtivo central do polissistema literário brasileiro. Houve, assim, a adoção de um repertório ativo de um sistema periférico da atividade literária (televisão e cinema) para o seu estrato central (produção de textos).

Não havendo atividade literária suficiente ou repertórios fortes nos sistemas periféricos, outra estratégia possível é importação e transferência de *repertórios ativos* de outros polissistemas literários. A tradução é um dos meios mais evidentes de importação de repertórios. A transferência, por sua vez, não é idêntica à importação: só está concretizada quando o repertório importado passa pelo processo de acomodação e manipulação e se torna um princípio produtivo permanente no polissistema alvo. É preciso diferenciar o processo de *transferência* do processo de *importação*: o primeiro diz respeito à acomodação de repertórios ativos, tanto importados de outros polissistemas quanto atraídos, num movimento centrífugo, de um estrato periférico para o centro do polissistema, o segundo diz respeito a repertórios buscados em outro polissistema com o qual esteja em *interferência* (conceito que será discutido no próximo capítulo). O processo de

importação só gera transferência quando o repertório importado se torna princípio ativo no polissistema alvo. A transferência de um repertório de um sistema periférico para o centro do polissistema não é uma importação porque esse repertório já é um princípio ativo, ainda que perifericamente, do polissistema em questão. Essas importações não necessariamente acontecem entre os estratos de centrais dos polissistemas, podendo um repertório ser importado e acomodado na periferia do polissistema alvo ou, pelo contrário, ser importado de um sistema periférico do polissistema fonte e acomodado num estrato central do polissistema alvo. Além disso, as importações de repertórios não coincidem obrigatoriamente no tempo e no espaço. Há casos em que a importação de repertórios por um determinado polissistema literário é feita de repertórios de períodos anteriores do polissistema fonte. Por exemplo, nos anos trinta do século XIX, a Livraria do Globo[5] executou um projeto tradutório de autores da literatura mundial de diversas épocas e culturas, sendo a grande maioria do século XIX. Dessa forma, há uma quebra de linearidade temporal que dá a dimensão da dinâmica da formação do repertório. (EVEN-ZOHAR, 1999).

O sucesso dessas estratégias determinará tanto a definição de qual estrato controlará o polissistema quanto o seu possível desaparecimento. Em alguns casos, mesmo o repertório do estrato central do polissistema literário sendo rico em opções, não necessariamente será utilizado como princípio produtivo corrente se os participantes do sistema não o acessarem de alguma forma (não tendo acesso à educação formal e à leitura, por exemplo). Dessa forma, as regras impostas pelas instituições não conseguem controlar a atividade nos sistemas periféricos e estes, por sua vez, tendem a geram inovações que, se não manipulados pelas instituições, poderão causar a mudança no controle do polissistema (EVEN-ZOHAR, 1990c).

O *produto* é qualquer realização que coloque em prática as regras do repertório. Não há um *produto* único da literatura. Os textos são, sem dúvida, o produto mais evidente na literatura. Entretanto, no circuito sistêmico, muitos outros são os produtos da atividade literária: os escritores; os agentes do mercado e das instituições; os temas e esquemas interpretativos da realidade e os modelos passivos e ativos resultantes desse processo, por exemplo. Os modelos culturais expressos nos textos são produtos evidentes da literatura, assim como fragmentos

[5] Ver Rehm. (2000, p.34).

literários, lendas e contos populares de tradição oral também o são. Portanto, o que define a importância do texto em si é o nível de análise (EVEN-ZOHAR, 1999). Embora seja o produto mais evidente, o texto não é o único produto da literatura. Por vezes, nem mesmo o seu produto mais importante.

Os produtos, portanto, também são heterogêneos e dinâmicos. Um produto literário não é apenas uma execução de modelos inflexíveis. Havendo disponibilidade de um conjunto de opções concorrentes e variáveis, dependerá da competência do produtor o resultado final da aplicação do repertório. Há produtos repetitivos (aqueles que aplicam as regras do repertório canonizado) e produtos inovadores (mistura de repertórios diferentes num mesmo modelo pode gerar uma inovação). Essa inovação pode ser gerada propositalmente por um indivíduo que seja agente de formação do repertório ou, por outro lado, pode ser resultado de um erro, ou seja, de uma aplicação equivocada de um princípio produtivo canônico por falta do pré-conhecimento necessário ao produtor. Por exemplo, o surgimento de novas meios de publicação e ferramentas de produção, como a Internet, que não possuem em princípio um repertório literário próprio, exige a utilização de um repertório literário pré-existente como o conto. Dessa forma, modelos canonizados são transferidos do estrato central do polissistema literário para o sistema periférico. O sistema periférico, por sua vez, acomoda os modelos transferidos às suas condições materiais e o fixa como princípio produtivo. O conto publicado na Internet, então, além do seu repertório próprio está correlacionado com o repertório do seu meio de publicação que, por sua vez, possui uma estrutura diferente do estrato central. O conto na Internet não é um produto idêntico ao conto tradicional: é um produto inovador.

O sistema literário é um sistema móvel em constante interferência com os demais sistemas semióticos. Não há posições fixas: indivíduos e instituições exercem diferentes papéis em momentos diferentes e interagem nas suas funções. A mobilidade de posições e funções, que por vezes transforma o agente ativo em agente passivo e vice-versa, dá maior amplitude à complexidade da rede de relações que governa o polissistema literário. Mais do que os fenômenos literários concentrados nos estratos centrais, os fenômenos correntes nos sistemas periféricos são fundamentais para a detecção e análise das mudanças, variações e inovações do polissistema literário em nível de repertório que, por sua vez, é o fator determinante dos produtos resultantes do processo sistêmico.

4 LEIS DE INTERFERÊNCIA LITERÁRIA

As relações estabelecidas entre diferentes polissistemas literários, entre as diferentes seções de um polissistema ou mesmo entre sistemas culturais distintos são um dos maiores problemas teóricos dos estudos comparativos e da Literatura Comparada como disciplina acadêmica. A compreensão dessas relações e do processo pelo qual elas se estabelecem suscita divergências teóricas e metodológicas de longa data nos estudos comparativos. Diversas escolas e correntes de pensamento procuraram, ao longo do tempo, estabelecer conceitos operatórios capazes de explicar tais processos e suas implicações no desenvolvimento da literatura. Resta saber qual desses conceitos se mostra mais operacional, epistemologicamente contextualizado, metodologicamente definido e regularmente aplicado nos trabalhos comparativos.

O conceito mais utilizado e, certamente, mais contestado teoricamente na Literatura Comparada é o de *influência.* Falar em *influência* significa falar da ação de um sujeito sobre um objeto, sobre o estabelecimento de um agente passivo e um agente ativo no processo histórico-literário. Tais agentes podem ser tanto sistemas literários nacionais, os quais assumem o caráter de atividade ou passividade de acordo com critérios valorativos de superioridade e inferioridade, dependência e independência, linearidade, antiguidade e durabilidade do sistema, quanto produtores e consumidores literários diretos, os quais assumem o caráter de atividade ou passividade de acordo com os critérios valorativos de anterioridade, superioridade, dependência e reprodução. *Influência* é, portanto, um conceito vinculado à noção de hierarquia.

A partir da metade do século XIX o conceito de influência passou a assumir um papel relevante dentro de um sistema de pensamento mais amplo. Sobre essa questão, Durisin diz que:

> No curso da segunda metade do século XIX, em conexão com o desenvolvimento completo do positivismo científico e filosófico, o termo “influência” já adquire seu lugar em um sistema, e assim também uma *operacionalidade metodológico-metódica* definida. Sem dúvida, isso surge também do esforço de estabelecer a “comparatística literária” como uma disciplina acadêmica literária *independente*, na qual um extenso papel no nível teórico e generalizador foi representado, junto a outros teóricos, pelo

> escritor inglês M. H. Posnett, particularmente na primeira sistemática teórica, *Comparative Literature,* publicada em 1886. (DURISIN, 1984, tradução nossa).

Um dos fatores contribuintes para o fortalecimento do conceito de influência na Literatura Comparada foi a expansão do pensamento positivista e sua ênfase empírica na classificação dos fatos em diferentes classes e grupos. Sobre este ponto, Durisin diz que:

> No campo das relações entre literaturas nacionais esta tendência classificatória chamava a atenção de modo bastante direto à divisão mais imediata das literaturas nacionais: em literaturas que ditam leis e as que não ditam, o que *eo ipso* inclui um aspecto valorativo, ou então nas assim chamadas pequenas e grandes literaturas, em que o aspecto valorativo está presente *a posteriori*. Este princípio metodológico foi acrescido por mais um princípio fundamental de análise positivista, consistindo em uma ostensiva aplicação da lei de causalidade *direta* na reconstrução da gênese, do aparecimento e do desenvolvimento dos fenômenos da realidade. (DURISIN, 1984, tradução nossa).

O conceito de *influência,* dessa forma, é simplificador e reducionista porque ignora diversos fatores do processo sistêmico literário e suas implicações na formação do repertório de modelos produtivos de um determinado sistema ao adotar a causalidade direta como premissa para análise das hipóteses de trabalho. O processo de contato, os modos de importação e transferência de modelos são ignorados. *Influência*, num primeiro momento, trabalha com a relação entre indivíduos e, num segundo momento, amplia a análise para a relação entre dois sistemas estáticos sob a égide da hierarquia e da superioridade de um sobre o outro.

Por priorizar a análise dos processos de contato entre sistemas em diferentes níveis, a Teoria do Polissistema desenvolve o conceito de *interferência* para analisar as relações entre diferentes polissistemas literários, diferentes seções de um mesmo polissistema ou mesmo entre diferentes polissistemas culturais. A *interferência* não é hierarquicamente estabelecida, não está vinculada a relações estritamente lineares e flexibiliza os papéis exercidos pelos diferentes agentes do sistema. Interferência, portanto, é uma conseqüência das relações contatuais diretas e indiretas entre diferentes sistemas.

Em primeiro lugar, há uma quebra de relação hierárquica. Se, de um lado, temos um polissistema alvo que, em função de sua dinâmica interna e circunstâncias

específicas, seleciona itens do repertório de um polissistema com o qual está em contato, gerando interferência, o papel ativo desse processo é do polissistema alvo: mais do que um receptor, o polissistema alvo é ativo na seleção e apropriação de modelos produtivos de uma fonte. Além disso, a interferência não ocorre apenas entre estratos centrais do polissistema fonte e do polissistema alvo: pode haver interferência entre estratos periféricos do polissistema fonte e do polissistema alvo, entre estratos centrais do polissistema alvo e periféricos do polissistema fonte ou entre estratos periféricos do polissistema alvo e centrais do polissistema fonte.

O exemplo do folhetim é bastante ilustrativo. O folhetim era um modelo produtivo não canonizado pelos estratos centrais do polissistema literário francês, porém muito forte numa de suas seções periféricas. O polissistema literário brasileiro, em interferência com o polissistema literário francês, transferiu o modelo do folhetim também para sua seção periférica, tornando-o um modelo produtivo forte de um estrato também periférico. Houve, portanto, uma transferência da periferia do polissistema fonte para a periferia do polissistema alvo[1].

Em segundo lugar, há uma quebra de linearidade temporal. A seleção de itens do repertório, a serem apropriados pelo polissistema alvo, nem sempre se dá sincronicamente. Com freqüência os itens selecionados pelos polissistemas concentram-se em fases passadas do polissistema fonte, e a interferência ocorre diacronicamente. Um exemplo que pode ser citado é o distanciamento temporal entre os polissistemas alvo latino-americanos e os polissistemas fonte europeus do século XIX na adoção ou legitimação dos diferentes movimentos literários e seus modelos produtivos[2].

A *interferência* entre polissistemas não ocorre somente de forma unilateral, pode também ser bilateral e em diversos níveis de abrangência. Se, de um lado, temos circunstâncias que fazem com que um determinado polissistema aproprie unilateralmente itens, selecionando uma fonte de acordo com critérios vinculados à sua dinâmica interna, de outro lado há situações de contato que possibilitam uma interferência bilateral. Como exemplos dessa bilateralidade, podemos citar as regiões de fronteira, os polissistemas literários nacionais bilíngües e os polissistemas

[1] Este tema será desenvolvido no Capítulo 5 deste trabalho.
[2] Para um maior aprofundamento sobre o tema consultar Santiago (1978).

que contam com minorias fortes participando da produção literária (EVEN-ZOHAR, 1996).

Para que a interferência ocorra é preciso um canal que possibilite o contato entre os polissistemas e a acessibilidade a um repertório disponível em um polissistema diferente. Esses canais podem ser os mais variados dentro da dinâmica do circuito sistêmico literário.

Os produtores/consumidores podem servir de canal de interferência. Ao julgarem a necessidade de uma mudança no repertório e em busca de inovações, os produtores/consumidores podem introduzir modelos transferidos de outros polissistemas para revitalizar a luta pelo domínio do estrato central. O movimento modernista brasileiro de vinte e dois é um exemplo efetivo dessa busca consciente de interferência[3].

Como segundo exemplo, a tradução é um dos meios mais fortes de interferência e transferência de modelos. A seleção de produtos a serem traduzidos pelas instituições, bem como a atuação do mercado e a recepção dos consumidores exercem papel de máxima relevância na formação do repertório de um polissistema e na produção de variações e inovações (EVEN-ZOHAR, 1990d).

Um terceiro e produtivo exemplo é o das ferramentas de comunicação como canais de interferência. A Internet criou um ambiente completamente novo de produção textual para o qual é necessário instrumentalizar uma nova série de ferramentas de produção e publicação de textos para a produção literária. Não havia, e ainda está em formação, um repertório de modelos literários produtivos em ambiente virtual. A produção literária na Internet, portanto, necessitará interferir com outros sistemas em busca de modelos capazes de se tornarem produtivos em sua estrutura. Este exemplo será o tema do estudo de caso apresentado no próximo capítulo.

O conceito de interferência, portanto, procura analisar a dinâmica dos processos de relação entre polissistemas, deslocando a análise do produto final para a totalidade do circuito sistêmico. O objetivo da operacionalização do conceito é detectar as funções, variações, regularidades e leis que regem esses processos.

---

[3] O Manifesto Antropofágico serve como exemplo de um princípio de apropriação, acomodação e modificação de modelos de outros sistemas, processo que pode ser correlacionado ao conceito de interferência de Even-Zohar.

A busca dessa generalização, entretanto, não significa um fechamento absoluto de leis imutáveis. Como todo processo descrito pela teoria do polissistema, a detecção de leis de interferência ainda faz parte de uma investigação científica para comprovação delas como hipóteses de trabalho. Para tanto, Even-Zohar suscita as seguintes questões:

> what is interference for, why does it emerge, what are its main features, how does it work, when and under what conditions may it emerge, function for some longer time, and decline? (EVEN-ZOHAR, 1990b, p.53).

Para responder tais questões, Even-Zohar apresenta as seguintes hipóteses:

4.1 Princípios **o o n**

sistema, escolhido como fonte, ignora completamente a existência do sistema alvo. Em outros casos a interferência mútua se dá em diferentes graus.

A literatura brasileira, por exemplo, passou por um forte processo de interferência das literaturas européias, em especial da literatura francesa, especialmente no século XIX, enquanto a literatura francesa não sofreu nenhuma interferência de importância visível da literatura brasileira. O Brasil construiu seu repertório transferindo modelos tanto do centro desses sistemas, como o romance e a poesia, quanto das periferias, como o folhetim.

A interferência literária não está necessariamente ligada à interferência em outros níveis:

Comunidades contíguas, ou comunidades fronteiriças, tendem a sofrer interferências mútuas em diversos níveis, não necessariamente no nível da literatura. Há, nesses casos, uma mistura cultural que incentiva o processo de interferência, o que torna muito difícil sustentar a hipótese de uma interferência isolada no campo literário (EVEN-ZOHAR,1990b, p.62). O mesmo se aplica a sistemas contíguos dentro de um mesmo polissistema como, por exemplo, sistemas bilíngües; sistemas que exercem algum tipo de segregação sobre grupos minoritários e diferentes sistemas semióticos que interagem com o sistema literário, como a televisão, o cinema, a música e a Internet.

Entretanto, no caso de comunidades geograficamente separadas, é possível sustentar a hipótese da interferência literária sem nenhuma ligação com outros níveis de interferência cultural, entretanto, nada impede que o processo de interferência se dê em diversas seções do polissistema, transferindo itens do campo econômico e político, por exemplo. Even-Zohar diz que:

> The meaning of these hypotheses is that it is precisely *because* of the systemic structure of culture that a tar-get (sic!) culture may have contact with and transfer from only some sections of a source culture. A target culture is never exposed to the totality of some source, even when geographically close to it or mixed with it. Studies on immigration, acculturation, and assimilation provide evidence supporting this. (EVEN-ZOHAR, 1990b, p.63).

4.2 Condições Para a Emergência e Ocorrência de Interferência[5]

"Contatos cedo ou tarde geram interferência se não surgirem condições de resistência ou Contatos não geram interferência se não surgirem condições favoráveis:" (EVEN-ZOHAR, 1990b, p.63, tradução nossa).

O contato entre dois ou mais sistemas literários, ou entre diferentes seções de um mesmo polissistema, não gera interferência incondicionalmente. Ao mesmo tempo, o tipo de contato estabelecido e sua durabilidade resultarão em algum tipo de interferência se não houver algum tipo de resistência do sistema alvo. Por exemplo, o contato entre duas comunidades não se dá necessariamente em nível de repertório: receber turistas, importar *souvenirs* ou bens de consumo material não necessariamente produzirá algum tipo de interferência em alguma das seções do polissistema literário. Por outro lado, comunidades contíguas em contato permanente sofrerão, em algum momento, interferência em diversas seções do polissistema cultural, dentre eles o polissistema literário. Sistemas bilíngües, sistemas segregadores com comunidades minoritárias fortes e regiões de fronteira são exemplos ilustrativos desse fato.

Para que a interferência não ocorra, é preciso que surja algum tipo de resistência. Por vezes, a afirmação de uma identidade cultural acarreta um bloqueio a qualquer tipo de interferência em nível de repertório e os centros dominantes do polissistema alvo adotam estratégias restritivas de contato entre os sistemas. Por outro lado, em diferentes momentos da história de um polissistema literário a necessidade da afirmação da diferença, ou do surgimento de inovações, faz com que setores do polissistema alvo, centrais ou não, busquem em outra fonte modelos capazes de satisfazer seus anseios e geram, dessa forma, interferência entre os sistemas. O caso do modernismo brasileiro, por exemplo, transferiu modelos do repertório europeu e os adaptou à realidade brasileira. O movimento modernista de vinte e dois foi responsável pela criação de uma nova série de inovações inspiradas nas vanguardas européias[6].

A interferência, entretanto, não se restringe aos estratos centrais. Pode, em muitos casos, operar permanentemente nas seções periféricas do polissistema sem

---

[5] Ver Even-Zohar (1990b, p.63, tradução nossa).
[6] Ver Bosi (1974).

nunca assumir posição central no polissistema alvo. Even-Zohar defende tal hipótese dizendo que:

> With closer, more intimate contacts between communities, like those between Polish and Ukrainian populations in the Eastern Austro-Hungarian Empire, one wonders whether separatist national ideologies have not blinded us to the interference that has in fact taken place. Yet the difficult question here remains whether we are allowed to conclude that contacts are sooner or later (and whether desired or not) likely to generate some kind of interference. If one argues that such an interference could have taken place because of some kind of vacuum, indifference, or lack of resistance in the target, that would amount to the same hypothesis. Consequently, although a community can resist interference even in cases of unavoidable contacts, it cannot resist it on all levels of its system. So the question evidently is *when* interference becomes a major factor in a system, not *whether* interference operates in a system or not, i.e., in the case of contacts. In the light of our understanding of stratification it would be quite plausible to hypothesize, for instance, a durable interference on the periphery of the system. This can incubate for quite a long time, even for a number of generations, before it surfaces, as it were, in the sphere of official culture. But it surfaces or fails to surface subject to the conditions prevailing in the center of the system, which may either encourage interference or neutralize resistance to it. (EVEN-ZOHAR, 1990b, p.64.65).

"Uma literatura fonte é selecionada por prestígio:" (EVEN-ZOHAR, 1990b, p.66, tradução nossa).

Um polissistema literário fonte é escolhido por ser considerado um modelo a ser reproduzido. Um polissistema alvo, freqüentemente jovem ou com dificuldades visíveis para desenvolver um repertório próprio, buscará uma fonte que seja considerada modelar a partir dos contatos estabelecidos entre os sistemas e as conseqüentes interferências. Even- Zohar diz que:

> Various factors contribute to making a literature prestigious. For instance, an established literature which becomes accessible through contacts may become prestigious for a literature which has not had the chance of developing its own repertoire. This was clearly the position of Greek vs. Roman culture, and of both vs. all European literatures. Political and/or economic power may play a role in establishing such prestige, but not necessarily. What counts most is the cultural power of the source system.(EVEN-ZOHAR, 1990b, p.66).

A literatura brasileira, por exemplo, tomou como fonte principal a literatura francesa no século XIX. A força cultural dos modelos franceses, sua abrangência e adaptabilidade ao contexto brasileiro e a necessidade de uma literatura jovem, como a brasileira, de uma nação recém independente, que buscava desvinculação do

domínio cultural da ex-metrópole, tornaram possíveis a seleção do polissistema francês e seu repertório como fontes.

“Uma literatura fonte é selecionada por dominância” (EVEN-ZOHAR, 1990b, p.68, tradução nossa).

Uma literatura pode ser escolhida como fonte quando existe uma dominação para além dos fatores culturais. Ou seja, uma literatura dominante freqüentemente tem prestígio, mas sua dominância não é conseqüência desse prestígio. A dominação política e econômica é um fator de grande importância para o estabelecimento de uma literatura como fonte. Por exemplo, a política de imposição da língua e de outros elementos culturais feitas pelos impérios coloniais europeus. A imposição de modelos e de um repertório preestabelecido através de estratégias de restrição política, pode inviabilizar a existência de um repertório próprio, assim como restringir os contatos que possibilitem a seleção de outra fonte. Para Even-Zohar:

Power dominance of the imperialistic kind thus forces contacts on a system

4.3 Processos e Procedimentos de Interferência[7]

"Contatos podem acontecer com apenas uma parte da literatura alvo, eles podem então originar contatos para outras partes." (EVEN-ZOHAR, 1990b, p.69, tradução nossa).

A ocorrência da interferência não se dá necessariamente em todas as seções do sistema alvo. Mesmo em casos de interferência em grau elevado, algumas seções do sistema permanecerão intocadas e outras serão literalmente criadas por apropriação: ou seja, seções antes inexistentes passam a fazer parte do sistema alvo.

Não há uma correspondência hierárquica entre os estratos que geram interferência a partir do contato entre dois sistemas. O repertório da literatura fonte pode, então, interferir em um estrato mais alto ou mais baixo da literatura alvo, muitas vezes assumindo na literatura alvo posições hierarquicamente diferentes das que ocupava na literatura fonte como conseqüência da dinâmica do processo interno da literatura alvo. Even-Zohar afirma que:

> Many peripheral literatures appropriate features of commonly accepted literary repertoire (such as "Realism," "Romanticism," "Symbolism") after these are well established in the central literatures of a time. This is not necessarily then carried out by appropriation from a major source (such as a major writer), but often occurs via secondary intermediaries, who have elaborated more schematized and possibly digestible models in terms of appropriability. (EVEN-ZOHAR, 1990b, p.70).

Portanto, em muitos casos é muito mais frutífero procurar por modelos nas periferias de uma literatura antes de estabelecer linhas diretas entre produtores canônicos da literatura fonte da literatura alvo em termos de influência e dívida.

"Um repertório apropriado não necessariamente mantém as mesmas funções da literatura fonte." (EVEN-ZOHAR, 1990b, p.70, tradução nossa).

Há certa regularidade de mutação da função após uma transferência de um sistema para outro. As restrições impostas pela dinâmica do sistema alvo podem e freqüentemente prevalecem, redimensionando o papel exercido pelo item transferido após sua esquematização e acomodação.

---

[7] Ver Even-Zohar (1990b, p.69, tradução nossa).

Normalmente, a seleção do item do repertório do sistema fonte a ser transferido não é feita de forma linear e sincrônica. Os sistemas alvo recorrem com freqüência a fases diacronicamente diferentes do sistema fonte, assim como os pontos de referência são os estratos centrais desse sistema. Sincronicamente, os itens selecionados podem ser de tipo secundário[8] no sistema fonte enquanto assumem características de primariedade no sistema alvo, ou seja, produzindo inovações. Dessa forma, as funções assumidas pelo item transferido dependem diretamente da dinâmica interna do sistema alvo, não havendo nenhuma espécie de correspondência dele com a fonte. Even-Zohar diz que:

> This implies that a target literature frequently ignores the contemporary elements of a source literature and goes back to an earlier diachronic phase, often outdated from the point of view of the center of the *source* literature. But while in certain instances the direction of interference may be a single homogeneous line, at other instances various competing and non-congruent attempts may be carried out by different groups within the target literature. Contemporary features may thus be mixed with those of earlier phases. This clearly implies that the systemic position of particular items in the *source is* not necessarily of consequence to the *target*. This position in the source must then not be taken for granted when the problem of the possible status of the item in the target is discussed. If in a specific case this position is of relevance, this relevance must be strongly supported by defensible evidence. (EVEN-ZOHAR, 1990b, p.71).

Podemos tomar como exemplo a transferência do modelo do folhetim, muito produtivo no polissistema literário brasileiro do século XIX, e hoje um modelo fossilizado de tipo secundário, para a Internet. A utilização de tal modelo num contexto produtivo completamente diverso, com um repertório literário ainda em formação, é uma inovação. Dessa forma, na seção do polissistema literário brasileiro na Internet, o folhetim é um modelo em formação, inovador e, portanto, de tipo primário. Este exemplo será analisado com mais profundidade no próximo capítulo deste trabalho.

"A apropriação tende a ser regularizada, esquematizada e simplificada." (EVEN-ZOHAR, 1990b, p.71, tradução nossa).

Atividades sistêmicas periféricas que utilizam um repertório secundário, normalmente um modelo transferido, tendem a regularizá-lo no sistema alvo. O processo de regularização estabelece padrões simplificados e esquematizados em

[8] Ver capítulo 2.

relação a uma determinada fonte. Ou seja, um item que tenha uma função múltipla no sistema fonte tende a assumir uma função simplificada e restrita no sistema alvo. Entretanto, a hipótese contrária também é possível: um sistema alvo pode transferir um item simplificado de função única e, através de um trabalho produtivo resultante de sua dinâmica interna, fazer com que assuma funções plurais na sua estrutura, gerando modelos inovadores.

5 A POSIÇÃO DA INTERNET NO POLISSISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO

O surgimento da rede mundial de computadores possibilitou uma série de mudanças nas formas de comunicação, nas formas de produção e nas formas de publicação de textos, literários ou não. O número de leitores em ambiente virtual cresce a cada ano, o acesso à rede se multiplica e as mais diversas produções textuais são publicadas e acessadas ao redor do mundo. De acordo com os dados do IBGE sobre o perfil do usuário da Internet no Brasil, publicados em 2006, entre os anos de 2001 e 2005 a porcentagem de domicílios com computador no país cresceu de 12,6% para 18,6%, enquanto no Rio Grande do Sul o crescimento foi de 13,1% para 21,3%, a porcentagem de domicílios com acesso à Internet cresceu no Brasil de 8,6% para 13,7%, enquanto no Rio Grande do Sul o crescimento foi de 8,2% para 14,8%. Entre as regiões metropolitanas brasileiras, São Paulo está em primeiro lugar com as porcentagens de 32,8% de domicílios com computador e 26% de domicílios que acessam a Internet, Porto Alegre está em terceiro lugar com as porcentagens de 29,6% dos domicílios com computador e 21,9% de domicílios que acessam a Internet. (ZH DIGITAL, 2006). A Internet, dessa forma, tornou-se um ambiente que, entre os mais variados tipos de conteúdo, interfere na produção, publicação e leitura de textos literários. Crônica, conto, poesia e romance estão entre os diversos modelos produtivos literários quem vêm sendo, ainda que em graus diferentes, reproduzidos, modificados e utilizados na Internet.

A partir do reconhecimento da relevância desse fenômeno no contexto sócio-cultural mundial, há várias questões que podem ser suscitadas: a Internet[1] pode ser

---

[1] A Internet é um conglomerado de redes em escala mundial de milhões de computadores interligados que permite o acesso a informações e todo tipo de transferência de dados. A Internet é a principal das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs). Ao contrário do que normalmente se pensa, Internet não é sinônimo de World Wide Web. Esta é parte daquela, sendo a World Wide Web, que utiliza hipermídia na formação básica, um dos muitos serviços oferecidos na Internet. A Web é um sistema de informação mais recente que emprega a Internet como meio de transmissão. Alguns dos serviços disponíveis na Internet, além da Web, são o acesso remoto a outras máquinas (Telnet e SSH), transferência de arquivos (FTP), correio eletrônico (e-mail normalmente através dos protocolos POP3 e SMTP), boletins eletrônicos (news ou grupos de notícias), bate-papo online (chat), mensagens instantâneas (ICQ, YIM, Jabber, MSN Messenger, Blogs), Skype,Orkut, etc. (WIKIPEDIA, 2007).

considerada um sistema? Se considerada um sistema, a Internet pode ser considerada parte integrante do polissistema literário? Qual a posição e o papel da Internet no polissistema literário brasileiro? Como a Internet interfere com os outros estratos do polissistema literário brasileiro? Quais as inovações emergentes desse processo de interferência?

Ainda que, aparentemente, a Internet careça de organização e se constitua numa espécie de “universo caótico” de conteúdo, há uma organização sistêmica que regula suas relações internas e externas e seus processos de interação e interferência. Tendo como ponto de partida a estrutura de sistema proposta por Even-Zohar, pode-se afirmar que a Internet possui todos os elementos integrantes de um sistema, constituindo-se em um polissistema próprio integrado a um polissistema cultural maior, em interação especificamente com o polissistema literário. A *instituição* é composta pelos diversos provedores de acesso e portais de conteúdo que possibilitam a publicação e coordenam a “ordenação caótica” do conteúdo da rede; pelas diversas entidades públicas que oferecem acesso à rede, como as universidades ou tele-centros, e pelas entidades privadas que exercem o mesmo papel das públicas, como as *lan houses*; o *repertório* é composto pelas diversas formas de produção de textos na rede em formato hipertextual; os *produtores* e os *consumidores* são os usuários da rede que publicam e acessam os textos nela publicados e que, devido à estrutura hipertextual do *repertório,* podem exercer ambos os papéis simultaneamente; o *mercado* é composto pela estrutura oferecida pelas *instituições* e o *produto* é o resultado da utilização dos modelos de *repertório* oferecidos pela estrutura hipertextual da rede.

As posições e papéis dos elementos integrantes do polissistema da Internet são, entretanto, bastante móveis e integradas. A natureza de um sistema aberto é de interação e flexibilidade e, como foi debatido anteriormente neste trabalho, o mesmo agente sistêmico pode exercer funções integrantes de um elemento diferente do polissistema em questão. Na Internet há uma fusão de diferentes elementos em diferentes posições. Utilizando-se a estrutura de sistema literário, proposto por Even-Zohar (1990), podemos apresentar a seguinte hipótese para a estruturação do sistema da Internet:

Instituição-Mercado
Repertório
Produtor-Consumidor

A *instituição* e o *mercado* estão fundidos no polissistema da Internet. Não há diferenciação entre os agentes que estipulam critérios de valor e definem o cânone da produção e os que exercem a edição, publicação e a distribuição dos produtos no polissistema da Internet. O papel é exercido pelos mesmos atores: provedores de acesso, portais de conteúdo, portais que oferecem espaços gratuitos de publicação e as diferentes ferramentas de edição, as universidades, os tele-centros e as *lan houses*. O *produto* oferecido aos *consumidores* não passa por nenhuma avaliação prévia de forma ou conteúdo. Para ser publicado, basta que o usuário da Internet tenha acesso às ferramentas oferecidas pela *instituição-mercado* e domine o seu uso e aceite os termos de uso apresentados pelos provedores. No Brasil, diversos agentes atuam no papel de *instituição-mercado.* Como exemplos de agentes que simultaneamente são agentes de mercado, por oferecerem serviços de suporte e ferramentas para a publicação de textos, e institucionais, por oferecerem acesso a conteúdo variado em diversos campos do conhecimento, podemos citar o *Terra* (www.terra.com.br), o *Universo On Line* (www.uol.com.br) e o *Brasil On line* (www.bol.com.br).

Do ponto de vista do circuito sistêmico literário, a *instituição-mercado* na Internet se caracteriza pela predominância do oferecimento gratuito do *produto.* Todo o conteúdo, independentemente de forma ou do modelo utilizado, está disponibilizado com acesso livre aos usuários. Ainda que algumas restrições sejam estabelecidas pelos agentes da *instituição-mercado,* como a disponibilização de alguns conteúdos exclusivamente para assinantes, por exemplo, os seus efeitos não exercem impacto significativo diante da imensa quantidade de conteúdo disponível gratuitamente.

O *repertório* literário do polissistema da Internet está em permanente formação e expansão. Em comparação aos modelos literários consolidados ao longo da história nos diversos polissistemas literários, a Internet é um polissistema novo que não possuía, a princípio, um *repertório* próprio de *modelos* a ser utilizado pelos *produtores.* O vácuo de modelos produtivos exige que modelos sejam buscados e

transferidos de outros polissistemas ou de outras seções de um mesmo polissistema com as quais o sistema emergente esteja em *interferência*[2].

A formação do *repertório* literário da Internet, portanto, se dá a partir de processos de interferência com os estratos centrais do polissistema literário, que serve de fonte para a transferência de *modelos.* Romance, conto e poesia ressurgem em um ambiente diferente do livro e assumem novas funções, sofrem modificações e possibilitam a emergência de inovações. Para compreender este processo é necessário, em primeiro lugar, conceituar o texto na Internet, ou seja, o *hipertexto.*

O termo *hipertexto* foi cunhado nos anos sessenta por Theodor Nelson, que o considera "um conceito unificado de idéias e de dados interconectados, de tal modo que estes dados possam ser editados em computador. Desta forma, tratar-se-ia de uma instância que poria em evidência não só um sistema de organização de dados, como também um *modo de pensar*" A conceituação de hipertexto como *metáfora do pensamento* se tornou corrente desde então. (NELSON apud KOCH, 2005, p.1).

Como ponto de partida para a discussão em foco, a qual objetiva discutir o *hipertexto* já em ambiente de Internet, tomemos a definição de Lévy de que o *hipertexto* é uma estrutura de comunicação em rede que agrega em si diferentes linguagens e recursos. (LÉVY, 1996). Trata-se de uma estrutura com o potencial para formar uma imensa rede associativa em constantes metamorfose e crescimento. Tal rede é formada por nós (ligações) e cada um desses nós reveste-se de sentido, através do qual se buscam as associações e os nexos, que permitem a construção do conhecimento.

Esta estrutura de comunicação forma um sistema semiótico de alta complexidade. Abarca um *repertório* de modelos verbais e não verbais que redimensionam a relação entre o *produto* e o *consumidor* (EVEN-ZOHAR, 1999) através de uma quebra de linearidade na construção do sentido no processo interpretativo.

Pierre Lévy define alguns princípios através dos quais caracteriza essa estrutura cuja dinâmica, segundo ele, é válida para todas as esferas da realidade:

> **1 - Princípio da Metamorfose:** a rede hipertextual está em constante construção e renegociação. Ela pode permanecer estável durante um certo

[2] Ver capítulo 4.

> tempo, mas esta instabilidade é em si mesma fruto de um trabalho. Sua extensão, sua composição e seu desenho estão permanentemente em jogo para os atores envolvidos, sejam eles humanos, palavras, imagens, traços de imagens ou de contexto, objetos técnicos, componentes desses objetos, etc;
> **2 - Princípio da Heterogeneidade:** os nós e as conexões de uma rede hipertextual são heterogêneos. Podemos encontrar diferentes modalidades compondo as seguintes estruturas:
> **Memória:** imagens, sons, palavras, diversas sensações, modelos, etc;
> **Conexões:** lógicas afetivas e culturais, etc;
> **Comunicação:** mensagens multimídias, multimodais, analógicas, digitais, etc;
> **Processo sociotécnico:** pessoas, grupos, artefatos, forças naturais de todos os tamanhos e todos os tipos de associações entre esses elementos.
> **3 - Princípio da multiplicidade e do encaixe de escalas:** o hipertexto se organiza de modo "fractal", ou seja, qualquer nó ou conexão, quando analisado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede e assim por diante;
> **4 - Princípio da exterioridade:** a rede não possui uma unidade orgânica, nem motor interno. Seu crescimento e sua diminuição, sua composição e recomposição permanente dependem de um exterior indeterminado: adição de novos elementos, conexões com outras redes, excitação de elementos terminais(captadores);
> **5 - Princípio da topologia:** Nos hipertextos tudo funciona por proximidade, por vizinhança. Neles, o curso dos acontecimentos é uma questão de topologia, de caminhos. Não há um espaço universal homogêneo onde haja forças de ligação e separação onde as mensagens poderiam circular livremente. Tudo que se desloca deve utilizar-se da rede hipertextual tal como ela se encontra, ou então será obrigado a modificá-la. A rede não está no espaço, ela é o espaço;
> **6 - Princípio da mobilidade dos centros:** A rede não tem centro, ou melhor, possui permanentemente diversos centros que são como pontas luminosas permanentemente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, de rizomas, finas linhas brancas esboçando por um instante um mapa qualquer com detalhes delicados, e depois correndo para desenhar mais à frente outras paisagens e sentidos. (LÉVY, 1996).

Alguns dos princípios apresentados por Lévy interessam de forma mais direta na discussão das relações entre *hipertexto* e literatura, são eles o ***princípio da multiplicidade e de encaixe de escalas*** e o ***princípio da mobilidade de centros.***

Primeiro, se o *hipertexto* se organiza numa estrutura de forma que suas ligações podem revelar toda uma rede, então temos diversos textos e discursos sobrepostos formando uma teia de sentido delineada por um percurso de leitura-escritura, ou de *consumo/produção* variável. (EVEN-ZOHAR, 1999).

Julia Kristeva cunhou o conceito de intertextualidade em 1966 a partir do conceito de dialogismo de M. Bakhtin, fundamentando a sua teoria em três grandes premissas: a primeira, "que a linguagem poética é a única infinidade do código", em seguida que "o texto literário é duplo: escritura/leitura" e, a terceira, "**que o texto literário é um feixe de conexões.**" (CARVALHAL, 2003, p.72).

É exatamente este feixe de conexões que dá o suporte para uma possível definição do que é o *hipertexto*: uma rede de conexões (nós ou ligações) que possui uma linguagem múltipla, sendo um permanente processo de leitura-escritura, ou *consumo-produção,* nas palavras de Even-Zohar. As premissas de Kristeva, embora tenham como objeto de análise o texto literário, valem para o *hipertexto* em todas as sua relações. O *hipertexto* é a materialização crua do *intertexto*. No *hipertexto*, a intertextualidade emerge em sua estrutura superficial, mais evidente, indicando uma rede de conexões de sentidos e discursos. Porém, a complexidade da manifestação intertextual imanente do hipertexto é muito maior: suas diferentes ligações remetem a novos textos, nestes textos temos as manifestações verbais, as imagens e os sons sobrepostos formando uma rede que pode se tornar infinita. Uma ligação pode levar à outra que levará a outra e assim por diante. O *hipertexto* é a potencialização máxima da intertextualidade, pois a desloca do eixo do discurso e da manifestação verbal para o eixo do texto, em seu sentido mais amplo, como unidade significativa no sistema semiótico.

Segundo, a mobilidade de centros do hipertexto demonstra a dinâmica funcional de sua estrutura: não se trata de um sistema estático e fechado, mas sim de um sistema dinâmico e aberto composto por diversos sistemas que atuam de forma reticular e em permanente tensão. Esses sistemas são vários: os códigos e as linguagens de programação; o sistema de imagens; o sistema de sons; a estrutura da rede de ligações e os discursos ligados a esta rede; as manifestações verbais e escritas, só para citar alguns exemplos.

A produção literária na Internet, por exemplo, não emergiu dotada de um *repertório* (EVEN-ZOHAR, 1999) próprio de modelos de produção. A ausência de modelos próprios de produção exige que *modelos produtivos* (EVEN-ZOHAR, 1999) de outros sistemas ou, como no caso concreto, de outros *estratos* de um mesmo polissistema, sejam transferidos como resultado de um processo de *interferência* (EVEN-ZOHAR, 1990c) entre sistemas. Dessa forma, *modelos* são buscados em um *sistema fonte* (EVEN-ZOHAR, 1990c): a produção literária tradicional. Porém, tais modelos transferidos não necessariamente ocupam no sistema do *hipertexto* a mesma posição que ocupavam no sistema de origem, bem como não necessariamente os modelos buscados pelo sistema do *hipertexto* são os modelos que ocupam posições centrais no sistema de origem, podendo muito bem ocupá-lo no hipertexto por carregar características mais adequadas à dinâmica que este

possui. Numa comparação mais evidente, podemos perceber que mesmo no sistema literário a imagem e o som compõem o repertório de modelos (iluminuras, poemas musicados), mas o centro do sistema literário está na manifestação verbal, enquanto o sistema do hipertexto abarca todo esse repertório, transformando-o em um micro-sistema de sua estrutura, mas num contexto em que os modelos estão em permanente tensão pela ocupação do centro, invertendo constantemente as posições de centro e periferia, evitando uma fossilização de qualquer um deles (EVEN-ZOHAR, 1990c). O centro do sistema do *hipertexto* pode ser o texto escrito, noutras vezes pode ser o som e outras vezes pode ser a imagem, assim como pode haver uma equivalência entre estes micro-sistemas e o centro estar configurado pela rede de ligações que definem o percurso de leitura.

Assim, vemos que o hipertexto pode ser descrito e definido como um sistema de sistemas, uma rede complexa de relações dinâmicas e abertas com centros móveis e periferias em permanente tensão. Ou seja, o *hipertexto* é também um polissistema, nos termos propostos por Even-Zohar.

O *hipertexto* tem características próprias que o diferenciam do texto publicado em formato impresso. O texto potencializado pela sua relação com o som, a imagem e, principalmente, pelo novo cenário em que emerge, muito diferente da página em branco ou das páginas impressas da era gutembergueriana, adquire funções diferenciadas e redimensiona a relação entre o texto/produto, aqui sempre compreendido em seu sentido amplo, e o leitor/consumidor. Evidentemente, não se trata de um rompimento que divorcie o texto escrito em formato digital do texto escrito utilizando as ferramentas tradicionais. Ingedore Koch apresenta as seguintes características:

> 1- não-linearidade (característica central) – o hipertexto estrutura-se reticularmente, não pressupondo uma leitura seqüenciada, com começo e fim previamente definidos. Segundo Marcuschi (1999:33), o hipertexto rompe a ordem de construção ao propiciar um conjunto de possibilidades de *constituição textual plurilinearizada*, condicionada por interesses e conhecimentos do leitor-co-produtor (grifos do autor);
> 2- volatilidade – que é devida à própria natureza do suporte;
> 3- espacialidade topográfica – trata-se de um espaço não-hierarquizado de escritura/leitura , de limites indefinidos;
> 4- fragmentariedade, já que não existe um centro regulador imane
> 5- multissemiose – por viabilizar a absorção de diferentes aportes sígnicos e sensoriais (palavras, ícones, efeitos sonoros, diagramas, tabelas tridimensionais etc.) numa mesma superfície de leitura;
> 6- descentração ou multicentramento – a descentração estaria ligada à não-linearidade, à possibilidade de um deslocamento indefinido de tópicos;

> contudo, já que não se trata de um simples agregado aleatório de fragmentos textuais, há autores que contestam essa característica, preferindo falar em multicentramento, como é o caso, por exemplo, Bolter (1991) e Elias (2000, 2005);
> 7- interatividade – possibilidade de o usuário interagir com a máquina e receber, em troca, a retroação da máquina;
> 8- intertextualidade – o hipertexto é um 'texto múltiplo', que funde e sobrepõe inúmeros textos que se tornam simultaneamente acessíveis a um simples toque de *mouse;*
> 9- conectividade – determinada pela conexão múltipla entre blocos de significado;
> 10- virtualidade – outra característica essencial do hipertexto, que constitui uma 'matriz de textos potenciais' (cf. Bairon, 1995). (KOCH, 2005, p.2).

As hipóteses apresentadas por Ingedore Koch incitam importantes reflexões sobre a caracterização do hipertexto. Há, com certeza, a potencialização de algumas características que sempre estiveram presentes na tradição literária, mas não necessariamente ocupando posição central no repertório de modelos do polissistema literário. As que mais interessam para os objetivos desta análise são:

a) A fragmentação da leitura e a potencialização do leitor/consumidor a partir da quebra da linearidade: A estrutura do *hipertexto* provoca uma leitura fragmentada e sem linearidade, diferente da suposta passividade do *leitor/consumidor* diante de um livro editado em papel e paginado, que segue uma seqüência pré-estabelecida, condutora de todo o percurso de leitura de uma determinada obra. Essa passividade é apenas suposta, pois já não é nenhuma novidade para as teorias do texto e para as teorias literárias, a partir dos anos 60 e 70, a participação ativa do leitor no processo significativo textual. O texto não é uma produção unívoca e está sempre perpassado pela leitura, desligado de uma linearidade monolítica. Além disso, essa quebra de linearidade também está presente na produção literária. Tomemos como exemplo "O Jogo da Amarelinha", de Julio Cortazar. A obra é estruturada para ser lida de diferentes formas e em diferentes seqüências que produzem seu significado, dando ao leitor a posição ativa de optar pela ordem que quiser seguir.

O *hipertexto* dá essa possibilidade ao leitor. Porém, a velocidade é infinitamente maior. O conjunto de ligações apresentado no *hipertexto* é, ao mesmo tempo, uma sugestão de ordem do percurso de leitura a ser seguido e a incitação a uma quebra da linearidade na leitura. Em questão de segundos a leitor passa de um trecho a outro, fazendo leituras inversas e desdobramentos do texto, recortes próprios e ***assumindo o papel ativo de constituir um todo coerente no processo***

interpretativo-significativo de leitura-escritura ou consumo-produção. Embora haja uma seqüência linear presente, ela é apenas uma das seqüências possíveis e, dificilmente, dois leitores diferentes seguirão um percurso idêntico diante de uma gama de ligações apresentadas. Há idas e vindas, leituras simultâneas e recortadas em alta velocidade. O *consumidor* pode recortar o hipertexto, ligá-lo a outros documentos e hiperdocumentos, fragmentá-lo ou estabelecer uma ênfase diferente em sua *leitura-consumo*. É bastante incomum que um leitor diante de um romance impresso salte páginas adiante, depois retorne às paginas iniciais, a não ser que seja indicada a ele essa opção, como no exemplo citado acima. O *hipertexto*, ao contrário, provoca essa quebra diante da qual o *consumidor* não se sente passivo. Assim, ele sai da posição de eu-tenho-texto para a posição de eu-posso-ter-texto. (SANTOS, 1996).

Pierre Lévy coloca a seguinte questão:

> Se definirmos o hipertexto como um espaço de percursos de leitura possíveis, um texto apresenta-se como a leitura particular de um hipertexto. O navegador participa assim da redação ou pelo menos da edição do texto que ele lê, uma vez que determina a sua organização final (a *dispositio* da antiga retórica). (LEVY, 1990, p.45).

O *hipertexto* abre as portas para a participação do *consumidor* não apenas na sua interpretação-significação, mas na sua construção e composição. Com o hipertexto emerge o *consumidor-produtor*. O *consumidor* desdobra, amassa, desconstrói e reconstrói o hipertexto, redimensiona o espaço de leitura e cria novos percursos possíveis. Se, para Kristeva, o texto literário é duplo (escritura/leitura), o hipertexto provoca também o caminho inverso: é um processo permanente de *leitura-escritura*. Cada leitura de um hipertexto constrói um texto diferente, é uma leitura única que dá o acabamento provisório a uma obra permanentemente inacabada. O *consumidor* é o *produtor* e o *produtor* é coletivo.

b) A força de um repertório não verbal: Não faltam exemplos de manifestações literárias cujo repertório não verbal de modelos de produção seja plenamente ativo. Na tradição ocidental podemos citar a iluminura, por exemplo. Porém, o exemplo mais evidente e mais latente desse aparato vem do ocidente: o Hai kai (tomado aqui como exemplo para representar as manifestações literárias ideogramáticas). A carga simbólica de um ideograma remete infinitamente mais longe do que apenas uma representação gráfica de uma expressão verbal, que é a

forma como se estabelece, *a priori*, a relação do leitor com um texto escrito em alfabeto romano, por exemplo. O ideograma possui uma estrutura semiótica altamente complexa. Primeiro, ele possui dois tipos de leitura: uma que dá o seu significado e outra que define os diversos sons que pode representar na combinação com outros ideogramas para formar palavras, de acordo com a função gramatical que esta exerça. Segundo, a partir do significado imanente do ideograma ele poderá assumir a função de radical na estrutura de outros ideogramas que se refiram a temas que tenham origem em seu significado (o ideograma de árvore estará presente na estrutura do ideograma de floresta, por exemplo). Esta carga semiótica do ideograma aplicada e potencializada ainda pela função poética[3], defendida por Jakobson, dá ao Hai kai a característica de um hipertexto, embora não informatizado. Enquanto o repertório não verbal do hipertexto informatizado se compõe de ligações, imagens e sons, o Hai kai tem um repertório mais simbólico e menos evidente, embora presente na estrutura profunda da manifestação textual: manifestação muito mais forte do que a manifestação estritamente verbal.

No *hipertexto*, o *repertório* não verbal está nas imagens e nos sons, nas linguagens de programação, na estrutura da rede de ligações que sugere o percurso de leitura. Sons, imagens e palavras se confundem e se entrelaçam, formando um sistema complexo de significações. Tomemos um exemplo simples. A escolha da fonte com que a parte verbal do hipertexto será apresentada já contribui para sua contextualização: há um sem número de opções no repertório de fontes (formatação e desenho das letras do texto). Ao apresentar a fonte gótica, em detrimento de todas as outras, o hipertexto estará provocando no leitor uma sensação diferente de um texto escrito em uma fonte comum, tipo *times*, por exemplo. A carga semiótica de uma escolha simples como essa baliza o processo interpretativo-significativo exercido pelo *consumidor*. Assim influenciam também os repertórios de cores, sons, fotos, vídeos, linguagens de programação.

O *hipertexto* carrega um grande número de repertórios, sendo que nem sempre o repertório verbal está ocupando o centro de sua produção. Estes repertórios possibilitam inúmeros modelos de produção e convivem em estado de equivalência, em permanente tensão na disputa pelo centro do *hipertexto* em suas diferentes manifestações. O conjunto de repertórios do polissistema do hipertexto é

[3] Ver Capítulo 3, p. 20.

manifestamente não verbal em sua maioria, o que lhe dá um status de potência significativa muito maior do que se pode descrever verbalmente.

O *hipertexto*, dessa forma, pode ser considerado um *modelo ativo* e, ao mesmo tempo, um *modelo passivo* (EVEN-ZOHAR, 1999). Entretanto, o *hipertexto* não é um *modelo* único e fechado. O *hipertexto* é um *modelo* matriz que, frente aos diferentes processos de *interferência*, possibilita a emergência de modelos inovadores, como veremos no exemplo a seguir.

5.1 Blog e Folhetim

O *hipertexto* se materializa de várias formas: em CD ROM, em páginas na rede, até mesmo em pequenas apresentações no *Power Point* ou editores de texto. Algumas dessas ferramentas possuem um número maior de recursos disponíveis e criam possibilidades maiores para o leitor ou para o criador de qualquer *hipertexto*. O uso de grande parte dessas ferramentas necessita de um prévio conhecimento técnico de linguagens de programação ou mesmo editores de som e imagem, fato que dificulta e torna lento o processo de massificação na produção de hipertextos.

Mesmo com o surgimento dos servidores gratuitos para a hospedagem de páginas na rede, oferecendo algumas ferramentas um pouco mais simples para o usuário, o processo de manutenção e criação se manteve trabalhoso: havia sempre a necessidade de transferência de arquivos de texto, imagem e som para o servidor. Por isso, a utilização do espaço na rede ficava limitada às pessoas que possuíam um conhecimento maior dos recursos disponíveis, acesso mais freqüente ou permanente e equipamento mais sofisticado (decisivo para velocidade na transferência de arquivos). As tentativas feitas sem estes recursos resultavam em trabalhos pouco criativos ou não vingavam pela falta de atualização.

Dessa forma, a produção artística na rede se encontrava altamente limitada. Não havia um número representativo de produções que suscitassem o interesse do público e, muito menos, que provocasse algum tipo de interferência significativa no polissistema literário, questão que nos interessa analisar aqui.

A massificação da produção na rede necessitava da criação de uma ferramenta que possibilitasse o seu uso sem conhecimento prévio de linguagens de

programação ou editores de imagem, atualização rápida, acesso remoto e gratuito. Ou seja, uma ferramenta muito parecida com o correio eletrônico.

Foi no final da década de 90 que essa ferramenta surgiu. O *blog*: uma página permanente na rede, hospedada gratuitamente, de acesso remoto, sem custos para o usuário, sem necessidade de conhecimento técnico prévio e de atualização instantânea. Fazendo um cadastro simples qualquer indivíduo de qualquer parte do mundo ganhou a possibilidade de ter a sua própria página na rede em menos de cinco minutos. É como se, de repente, todos os textos que repousavam anônimos nos discos rígidos espalhados pelo mundo fossem publicados sem nenhuma análise estética prévia ou de conteúdo. Isso potencializou uma das interferências já provocadas pela literatura na rede no polissistema literário, tornando-a a maior delas. Os produtos desse sistema periférico passaram a fazer parte do circuito sistêmico com uma redução significativa da atividade institucional: crítica, teoria e editoras influenciam muito pouco, ou nada, na seleção e legitimação dos textos que serão publicados. A atuação institucional neste sistema é restrita à existência de um provedor que disponibilize espaço, endereço na rede e registre o cadastro do usuário. Não há cânone na literatura nos *blogs* e, se houvesse, seria apenas o reflexo dos produtos mais acessados pelo público.

O *Blog* é por natureza uma ferramenta simples e sua simplicidade é originada na limitação de algumas das suas possibilidades: a) As ligações são limitadas e não apresentam vínculos diretos ao seu conteúdo, funcionando apenas como uma remissão a outros hipertextos (não excluída a possibilidade do *consumidor* atribuir uma unidade de sentido a essas ligações, constituindo um hipertexto único); b) As imagens e fontes são fixas. Entretanto, são exatamente essas limitações apresentadas que geram o grande diferencial dessa nova e recente ferramenta: o centro do hipertexto em *blog* é manifestação verbal.

Tendo como característica principal a manifestação verbal, o hipertexto em *blog* gera um número ainda mais significativo de interferências no polissistema literário. O uso de uma nova ferramenta de produção provoca mudanças no *repertório*. Porém, estas mudanças no *repertório* geram modelos totalmente novos de produção? A resposta é não. Embora, é claro, a geração de novos modelos não signifique a inexistência de inovações no processo de consolidação do sistema (que naturalmente possui um repertório sem muitas alternativas).

A estrutura do *blog* cria as condições necessárias para a transferência de modelos da literatura tradicional para a literatura na rede, como defende Even-Zohar em seu artigo Leis de Interferência na Cultura (EVEN-ZOHAR, 2004). Vejamos como se dá esta estrutura:

a) os textos são publicados com data e hora, acompanhados da assinatura do autor (ou pseudônimo);

b) a tendência é que os textos sejam lidos de cima para baixo, ou seja, primeiro os mais novos e depois os mais antigos;

c) há uma sessão de comentários, onde os leitores podem se manifestar;

d) há ligações para outros *blogs*;

e) há ligações para os textos publicados em datas anteriores;

f) há uma descrição, ou apresentação, do autor do *blog*.

Os itens ***a***, ***b, c***, e ***e*** respectivamente, são fundamentais para a discussão em foco.

Primeiro, a publicação com data e hora suscita uma correlação com outros modelos já tradicionais utilizados, principalmente, em jornais e revistas. Quando lemos um hipertexto em um *blog* temos uma localização temporal que interfere diretamente no processo interpretativo. Quando lemos um jornal do dia, nossa interpretação está atravessada pela temporalidade, assim como numa revista semanal ou mensal. No *blog* não é diferente. Dessa forma, modelos de produção literária que estão presentes nestas ferramentas tradicionais ganham um espaço de crescimento na rede: as crônicas, por exemplo. Cronistas de todas as faixas etárias, diferentes classes sociais e realidades escrevendo sobre os mais diversos temas publicam na rede, independentemente de qualquer juízo de valor institucional, seja acadêmico ou econômico, que filtre ou censure essas publicações, atingindo milhões de pessoas que, de outra forma, não teriam hábito de leitura deste modelo textual.

Segundo, a inversão na ordem de leitura linear é a principal característica do hipertexto em *blog*. Ao acessar, o leitor tem acesso direto ao último texto publicado que, muitas vezes, é a continuidade de textos iniciados em datas anteriores. Para ter essa continuidade, o leitor precisa retroceder no tempo e na leitura, buscando e ao mesmo tempo construindo o início, o meio e o fim daquilo que lê. Há pulos, desdobramentos e recortes feitos pelo leitor. Se o hipertexto apresenta uma seqüência linear possível, o hipertexto em *blog* inverte a lógica de leitura: o processo de leitura-escritura, ou consumo-produção, começa necessariamente pelo fim. O

leitor nesse caso é necessariamente ativo na construção do percurso de leitura e não apenas potencialmente transgressor da linearidade.

Terceiro, a presença da sessão de comentários é, sem sombra de dúvidas, uma interferência de grande porte no processo sistêmico de produção. Cada texto publicado é comentado e avaliado pelos leitores. Cada assunto é criticado. A partir deste processo novos temas surgem, mudanças no rumo de histórias publicadas acontecem e há, certamente, um processo indireto de produção coletiva. O *consumidor* é *produtor* e interfere diretamente na construção do texto e do modelo representado por ele.

Além das crônicas, os *blogs* constituíram um território fértil para o ressurgimento de alguns modelos de produção literária que já estavam fossilizados no repertório da literatura tradicional. Se os *blogs* provocaram o crescimento das crônicas e são um espaço que, em tese, seriam mais adequados à publicação de contos do que de romances, a análise dos processos atuais indica o contrário.

A já citada correlação com modelos de ferramentas tradicionais, como jornais e revistas, não gera transferências apenas de modelos contemporâneos. A consolidação de um repertório de um sistema em emergência não tem como critério fundamental a localização espacial temporal. O polissistema literário não está desvinculado da história, ao contrário, é histórico em sua essência. Modelos podem ser buscados em outros polissistemas, em sistemas periféricos de um dado polissistema ou, ainda, em momentos históricos diferentes de um mesmo polissistema. (EVEN-ZOHAR, 1990c). Neste último caso, que é o que nos interessa aqui, o modelo transferido não o é de forma total, mas apenas com suas características fundamentais, e assume uma nova função e uma nova forma no novo sistema em que se encontra, no tempo e no espaço que o caracteriza. (EVEN-ZOHAR, 1990c).

No caso brasileiro, especificamente, há o surgimento de romances nos *blogs* pela transferência de um modelo de produção. Não se trata do romance realista, muito menos do romance moderno. A estrutura datada; a atualização rápida (funcionando como um jornal diário, semanal ou mensal), a tendência a trechos mais curtos e, principalmente, a massificação do público que acessa os *blogs* provocou a transferência do modelo do romance de folhetim, muito popular no século XIX, quando ocupava posição central no polissistema literário brasileiro. Assumindo funções diferentes no novo contexto, com ênfase na mudança da temática dos

folhetins em *blogs*, mas mantendo a mesma estrutura fundamental, este modelo está sendo recuperado no repertório do processo sistêmico contemporâneo.

No início do século XIX, as inovações técnicas e o contexto político-cultural foram responsáveis pela aproximação da imprensa e da literatura. Nesta época, o mundo vivia a propagação do jornal diário e do periódico por assinatura, bem como o surgimento da publicidade nas páginas dos jornais. A prensa mecânica, desenvolvida por Applegath (1828), assim como algumas inovações tecnológicas posteriores, causou uma ampliação progressiva das tiragens dos periódicos que, no final do século XIX, atingiam a marca diária de um milhão de exemplares. No campo político-cultural, a laicização e a publicização do ensino, realizadas pela Revolução Francesa de 1789, criaram uma massa de consumidores potenciais dos textos publicados na imprensa. O crescimento do público consumidor exigia dos editores muito mais do que a simples multiplicação de páginas impressas: era preciso também ampliar e diversificar o conteúdo dos jornais.

Foram Émile de Girardin e Armand Dutacq que idealizaram o primeiro jornal vendido por assinaturas que, entretanto, acabou por resultar em dois projetos diferentes devido a discordâncias e desentendimentos entre os dois sócios:.Girardin fundava o *La Presse* e Dutacq fundava o *Le Siècle.* Foi em 5 de agosto de 1836 que Dutacq publicou a primeira obra de ficção no lugar físico do jornal chamado *fouilleton:* o romance *El lazarillo de Tormes*.

Quanto ao surgimento do folhetim como espaço de publicação de obras de ficção, Antônio Hohlfeldt diz que:

> O que nem Girardin nem Dutacq poderiam imaginar é que este tipo de texto viria a se constituir numa espécie de modelo das narrativas que passariam a se publicar neste mesmo espaço em diferentes jornais: mobilidade geográfica e social, episódios de grandes efeitos dramáticos, busca do conhecimento da verdadeira imagem da personagem, etc. (HOHLFELDT, 1998, p.2).

Para os objetivos deste trabalho, a questão principal a ser discutida a respeito do folhetim e suas relações com a produção literária contemporânea na Internet brasileira é sua estrutura formal, bem como as semelhanças do papel exercido por ele no processo de formação de modelos produtivos literários com os processos de inovação resultantes do surgimento da *Internet*, mais especificamente dos *blogs.*

O folhetim, como destaca Marlyse Meyer[4], pode ser considerado do ponto de vista formal, entre outras perspectivas, um lugar específico do jornal, geralmente de denominado “rés-do-chão” (MEYER, 1996, p.57). O conteúdo deste espaço, num primeiro momento, era bastante variado, pois nele se publicavam desde críticas teatrais e literárias até textos que atualmente seriam considerados como crônicas. O folhetim, neste caso, seria um lugar em que se publica diferentes tipos de conteúdo, não um gênero ou modelo literário em si. Nesta perspectiva, o folhetim foi uma *matriz potencial* para a formação daquilo que mais tarde veio a se consolidar como um modelo literário: o *romance-folhetim*. O espaço do folhetim nos jornais foi gradativamente substituindo os antigos textos pela publicação em prosa de ficção cujas características foram logo conhecidas. De acordo com Antônio Hohlfeldt:

> Suas características logo seriam reconhecidas pelo leitor: enredos complexos, grande número de personagens, ações eletrizantes, detalhes em torno do passado cuidadosamente omitidos pelo narrador até determinado momento da ação, uma estrutura montada de maneira a fazer coincidir um efeito de suspense com o final do espaço destinado à narrativa. (HOHLFELDT, 1998, p.3).

No decorrer do século XIX, o folhetim cresce em importância e passa a ser um dos principais meios de garantia de venda e arrecadação dos principais jornais. Seus efeitos não ficam restritos à França e se ampliam pela Europa, atravessam os oceanos e chegam às Américas para aqui fincar raízes nos sistemas literários emergentes das colônias recém emancipadas das metrópoles européias.

Nas palavras de Antônio Hohlfeldt:

> Da França para a Europa, e imediatamente para o mundo, atingindo tanto os Estados Unidos quanto as Américas, a moda do chamado *romance-folhetim,* como se passou a denominar este tipo de publicação, tornar-se-ia o principal difusor do hábito da leitura e, muito especialmente, de um determinado tipo de texto, uma narrativa longa, cheia de *melodrama*ticidade*,* prenhe de personagens as mais variadas possíveis, com ações que se multiplicam através de seus capítulos, propiciando um enredo complicado. (HOHLFELDT, 1998, p.2).

Do ponto de vista da Teoria do Polissistema, a inserção do folhetim nos sistemas literários das antigas colônias americanas ocorreu com um processo de transferência de modelos decorrente de diferentes fatores: a) as literaturas dos sistemas em formação ainda não contavam com um repertório sólido de modelos

[4] Marlyse Meyer, **Folhetim**: uma história. (1996).

que pudesse consolidar a produção do sistema; b) a ausência de modelos e instituições próprias exigia a busca desses modelos em outro sistema que, selecionado por prestígio, foram transferidos do sistema literário francês; c) as circunstâncias históricas pós-independência, como o surgimento da imprensa livre nas Américas e o seu respectivo crescimento, favoreceram a consolidação de instituições e de um mercado consumidor de textos que se tornaram a base de formação do polissistema literário brasileiro. (EVEN-ZOHAR, 1990d).

A importância do folhetim é destacada por Antônio Hohlfeldt:

> Diferentes etapas, adequadas aos diversos momentos das disputas ideológicas, políticas e partidárias, sobretudo na França, sofreu o gênero. O novo modo de editar, contudo, foi tão exitoso que, sem correr o risco de se falsear a realidade , pode-se dizer que toda a ficção da segunda metade do século XIX foi essencialmente difundida através do *romance-folhetim*, editando-se textos como **Mémoires d'outre Tombe**, de Chateaubriand, dessa mesma maneira, embora contra a vontade do autor. (HOLFELDT, 1998, p.5).

As diferentes etapas pelas quais passou o modelo do *romance-folhetim,* entretanto, independente da tipologia a ele aplicada e das categorias teóricas criadas para discutir o tema, não afetaram as principais características do modelo folhetinesco. A estruturação em capítulos breves, o suspense final como mote para a continuação, os capítulos indicados em numeração romana, tudo se manteve sem grandes modificações até o declínio da publicação dos folhetins impressos em meados do século XX, quando a massificação do rádio e, posteriormente, da televisão, causariam mudanças significativas na relação entre o público consumidor, o produto, os produtores e as novas instituições que emergiram com o surgimento das novas mídias. (EVEN-ZOHAR, 1990a). Os anexos dois e três deste trabalho apresentam a cronologia detalhada do romance-folhetim no Brasil e no mundo.

O modelo do folhetim, contudo, não desapareceu. Indicando os caminhos percorridos pelo modelo, Antônio Hohlfeldt diz que:

> Ininterruptamente, a partir de todas essas mídias, na virada do século, retornaram aos jornais nas histórias em quadrinhos, desdobrando-se nas revistas especializadas de dez centavos nos Estados Unidos ou de quatrocentos réis no Brasil; avançaram pela nova mídia que foi o cinema, retornaram ainda uma vez aos jornais através dos cine-romances, saltaram mais tarde para o rádio, e, enfim, chegaram à televisão, consagrando-se através das telenovelas ou *soap opera* como as classificam os norte-americanos.(HOHLFELDT, 1998, p.10-11).

Acrescente-se neste percurso os *blogs* na virada do século XXI e chegamos ao ponto extremo de alcance do modelo do folhetim, o qual ressurge preservando muitas de suas características originais do jornal impresso em uma nova plataforma de publicação, produzindo inovações, como veremos no exemplo a seguir.

Como, do ponto de vista da Teoria do Polissistema, podemos analisar a relação entre o folhetim e produção literária nos *blog*s? Quais as condições e quais os processos que conduziram a esta relação? Quais as características que permitem a relação entre os dois modelos? Estas são as questões que este trabalho almeja responder. Para tanto, estabeleceremos uma comparação entre as características do folhetim de *blog A Saga do Primeiro Beijo*[5], de Alessandra Félix, e a estrutura do folhetim tradicional.

A Saga do Primeiro Beijo é uma narrativa voltada para o público adolescente que conta a série de peripécias e aventuras de uma menina de doze anos de idade em busca do primeiro beijo de sua vida. Para alcançar seu objetivo, a protagonista passa por uma série de aventuras e fatos pitorescos que a conduzirão ao esperado desfecho.

Vejamos a reprodução do texto inicial de *A Saga do Primeiro Beijo*:

março 06, 2003

A saga do primeiro beijo

A pior coisa na vida de um adolescente são os amigos adolescentes. Nada é pior do que aquele bando de seres possuídos por seus hormônios dando palpites sobre a vida alheia. Não, minto. Pior do que os amigos palpiteiros, são os contadores de vantagem - estes sim são os mais insuportáveis. Eu fui um deles, posso criticar a vontade. Não, não foi de propósito. Minhas amigas me pressionaram para que eu me tornasse a rainha da lorota. E eu? Eu entrei na onda e caí do cavalo na primeira saia justa.Meu azar foi encorpar muito rápido. Com onze, doze anos eu já era um mulherão.
Uma anta, mas com carinha e poupança de quinze anos. Atributos suficientes para fazer sucesso com os meninos da oitava série. Ai, ai... os meninos da oitava série. Se eu pudesse voltar no tempo me aliaria à turma das perdidas e dava uma banana para as bobonas que andavam comigo. Bem aventuradas as que fizeram fama e não deitaram na cama. Sim, porque as meninas da minha época (isso é velho pra dedéu!), só beijavam na boca. Ninguém comia ninguém, não antes do terceiro colegial.
Eu sei é que eu era uma tapada! Sexo, pra mim, era um "X" riscado em formulários no item feminino ou masculino - nada além disso. Até que o beijo tornou-se assunto popular e minha paz e ingenuidade foram para o espaço.
Minhas duas melhores amigas eram dois anos mais velhas do que eu. Esta diferença, quando se tem doze anos, é equivalente a décadas de

[5] Ver anexo C.

> experiência sexual. Era um tal de beijei fulano aqui, beijei beltrano acolá, sicrano beija bem...
> "Como assim, beija bem? Algumas pessoas beijam melhor do que outras?"
> Eu não dormia, não comia, fui mal em duas provas e não tinha um manual de como me tornar uma beijoqueira nota dez. Aquilo era um pesadelo e eu não iria levar a pior. Minha única salvação seria criar coragem e confessar a minha falta de experiência para as minhas amigas. Antes que o primeiro namorado surgisse e tagarelasse para os quatro períodos que eu não sabia beijar, decidi pedir conselhos às mais velhas. Mas antes, eu precisava fazer xixi.
> O banheiro estava descongestionado, ambiente ideal para um xixizinho básico e um momento de reflexão. Certifiquei-me da solução para o meu problema. Eu tinha certeza de que elas me dariam boas dicas para não pagar o mico de beijar errado. Eu suportaria qualquer humilhação, menos o título de "beija mal". Levantei-me da privada disposta a procurá-las mas, antes que eu apertasse o botão da descarga, ouvi as duas entrando no banheiro.
> Eu juro que teria saído e ido conversar com elas se não tivesse ouvido o meu nome misturado em uma conversa que não me agradou nada, nada. Silenciosamente tasquei o ouvido na porta e prendi a respiração.
> Continua---------->
> Posted by Alessandra at 09:18 PM | Comments (51) (FÉLIX, 2006).

O texto de Alessandra Felix apresenta as seguintes características:

a) O texto é iniciado pela data;

b) Em seguida aparece o título do texto;

c) O texto é encerrado no ponto alto da narrativa e utiliza como recurso para prender a atenção do leitor o “continua”.

d) No rodapé do texto encontra-se a assinatura da autora e a sessão de comentários, na qual o leitor pode interagir com a narrativa e, de alguma forma, intervir no seu desenvolvimento.

As características apresentadas acima possibilitam demonstrar como, do ponto de vista da Teoria do Polissistema, o modelo do folhetim do século XIX, fossilizado e praticamente esquecido dos estratos centrais do polissistema literário brasileiro contemporâneo, pôde ressurgir nos *blogs* do século XXI, ainda que com ênfase maior no aspecto formal do que no ponto de vista estético. Analisemos passo a passo este processo.

A Internet é, como vimos, um meio de comunicação recente e os *blogs,* por sua vez, sugiram há cerca de seis anos e tiveram sua proliferação entre os usuários da rede nos últimos quatro anos.[6] A Internet, portanto, é um meio incipiente de comunicação e divulgação de textos, especialmente os de ficção. Não havia,

---

[6] Ver publicação da Revista Época, de 31.jul.2006 em matéria de capa sob o título “Blogs – os novos campeões de audiência”, de Ricardo Amorim e Eduardo Vieira. (2006).

portanto, modelos produtivos pré-determinados para esse tipo de produção. O repertório disponível era escasso e a consolidação da produção literária exigia a sua ampliação. Como vimos em Even-Zohar, a ausência de um repertório sólido de modelos produtivos é uma as condições para a *interferência,* que sistemas nunca estão em *não interferência,* que as fontes, entre outros critérios, são selecionadas por prestígio e que as *interferências* podem produzir *transferência* de modelos entre diferentes sistemas e mesmo entre diferentes seções de um mesmo polissistema.

A Internet, além de se constituir num sistema próprio, como demonstramos anteriormente, é parte integrante do polissistema literário brasileiro. Os *blogs*, como ferramentas de publicação em ambiente virtual, são parte integrante do polissistema da Internet e, com suas características próprias, possibilitam a publicação dos mais diversos tipos de produção textual; no caso que analisamos aqui, de textos de ficção. Foram as características dessa ferramenta de publicação que produziram a *interferência* que resultou no modelo de *folhetim eletrônico*.

Algumas das características formais do texto de Alessandra Félix nos remetem diretamente à estrutura do jornal diário: data e indicação da autoria, por exemplo. Isto demonstra que os textos publicados nos *blogs* são contextualizados no tempo e no espaço. Há uma relação de continuidade e temporalidade entre os diversos *posts*, equivalentes aos capítulos do folhetim em jornal impresso. O *blog,* assim como o jornal, não tem um conteúdo exclusivo, mas conta com publicações de toda a espécie, de acordo com a vontade do seu dono: crônicas, contos, poesias, ficção, músicas ou fotos fazem parte do repertório. A ligação de continuidade dada não apenas pelo título do texto, mas também pela numeração dos capítulos seguintes, é essencial para que o consumidor do produto em questão possa acompanhar a narrativa.

Tanto o consumidor do folhetim em *blog* quanto o consumidor do folhetim em jornal impresso tende a fazer uma leitura não linear caso não acompanhe a publicação desde o princípio. Ao se deparar com uma história que lhe cause interesse cuja primeira leitura foi do vigésimo capítulo, por exemplo, o consumidor do folhetim em jornal precisaria ler edições anteriores, ou esperar a publicação de fascículos, e o consumidor do folhetim em *blog* precisa utilizar as ligações proporcionadas pela sua estrutura hipertextual e retornar aos *posts* mais antigos para refazer o percurso da narrativa. Como vimos anteriormente, a estrutura do *blog* obriga a leitura do texto mais novo para o texto mais antigo. Em ambos os casos,

como podemos perceber, a falta de linearidade na leitura dá ao consumidor um papel ativo na construção da narrativa e o transforma em *consumidor-produtor.* Cada leitura individual e cada leitura repetida é uma nova narrativa construída num constante processo de *consumo-produção-consumo.* O processo é, portanto, correlato.

A limitação do espaço para a publicação de um texto impõe limites ao tamanho do texto publicado. Tal característica exige que as narrativas publicadas sejam curtas. Se o produtor quiser publicar uma narrativa longa, ela obrigatoriamente deverá ser compartimentada. A divisão em capítulos diários, semanais, mensais ou sem periodicidade definida é um recurso possível para a publicação de narrativas longas em *blogs*. Este é o caso do texto de Alessandra Félix.

Diante de tais características, já encontramos diversas semelhanças entre a narrativa longa em *blog* e o folhetim. As semelhanças, entretanto, não se esgotam neste ponto. Há ainda outras semelhanças formais. O estabelecimento de uma narrativa longa dividida em capítulos exige que sejam utilizados recursos para que se prenda a atenção do leitor e estabeleçam a linha de continuidade da história que está sendo contada. No caso do texto de Alessandra Félix, é utilizado em todos os *posts* o recurso do “continua”, que interrompe a narrativa no auge da

Eh, saga! Iuhuh...
Eu nem lembrava mais qual tinha sido o ultimo post. Precisei procurar. rs
Beijo, Alê.
Por Danny | maio 1, 2004 8:00 PM
Estão ficando cada vez mais interessante esses posts...
Bjão!
Por Gelli | maio 1, 2004 9:50 PM
Putz! Ja estava com saudade da saga. heheheh
Que bom que vc postou de novo... =) Parabéns pela história, é otima! Bjos!
Por Rebecca | maio 1, 2004 10:20 PM
Cê sabe que eu sou viciada nessa Saga, né? Não quer aparecer no MSN pra descolar o resto? rs. Beijo, girl
Por Trinity | maio 1, 2004 11:02 PM
Nossa, que saudade que eu estava da saga! Ela está cada vez mais legal e eu já estou viciada.
Ale suas historias são ótimas. =D
Por Sarah | maio 1, 2004 11:16 PM
Já estava com saudades.
Por Isa | maio 1, 2004 11:46 PM
Loucura isso...hehehe. Esse assunto se estenderia por muitas e muitas linhas. Seu blog é demais e te admiro muito.
Por Anjinha_RJC | maio 2, 2004 12:12 AM
Ahhhhhh, não! Promete que vai continuar amanhã? ;P
Por Pri | maio 2, 2004 1:00 AM
Adorei! Mas o do Videotexto também continua, né? Confesso que ainda tenho que voltar no tempo e encontrar uns três capítulos do Beijo que eu fiquei sem ler, mas o Vídeo eu estou acompanhando de cabo a rabo!
Abraços!
Por Rafaela Lombardino | maio 2, 2004 2:03 AM
Nossa, eu li todos os posts da saga do primeiro beijo e do video texto! A sua vida daria um livro muito interessante. Você sabe como escrever e prender as pessoas.
Parabéns e mil beijinhos!
Por Paulinha | maio 2, 2004 4:38 AM
Epâaaaa...demorou, hein?
Pow, maior sacanagem. Você sempre deixa o melhor pra depois.
Tomara que não demore meses pra postar a continuação.
Bye.
Por Camilinha | maio 2, 2004 6:30 AM
Sexta-feira à noite, eu estava fuçando no seu site, e como eu já havia lido alguns posts da Saga, eu resolvi procurar desde o primeiro até o último. Copiei tudo e colei no Word, pra quando eu quisesse ler, não precisar procurar feito uma gansa perdida no Chile. E hoje, quando entro aqui para ver o que tem de novidade, vejo o post 32 da Saga!
Fiquei super- feliz! Vê se posta amanhã outro post, porque senão eu vou ficar me descabelando de curiosidade. hehe
Beijo,
Traky
Por Trakinas | maio 2, 2004 4:31 PM
Oi! Há muito tempo que não vinha aqui. Gostei muito desse post. Sabe, acho que o Brasil deveria dar um incentivo para as pessoas que escrevem bem. Parabéns e um beijo.
Por shug | maio 2, 2004 4:54 PM
Ai que saudade dessa saga!!!
:)
Obaaaaa
Beijos
Por Taly | maio 2, 2004 6:31 PM
nao.. NAO.. NAAAOOOOO!!!
Alê Félix, minha filha, não fiz isso com os pobres seres humanos que

precisam saber como continua a saga. Já falei que você dava para autora de novela global!! XD Eu até consigo enxergar você chegando no quarto, vendo o gravador, lendo o bilhete, a câmera dá um close em você olhando para o horizonte, coglea seu rosto, tudo preto e branco, e os créditos sobem com a música tema de fundo XDDD
Pelamordedeus, escreve o próximo post porque assim não dá! Que aflição. Não acredito que isso será o fim da amizade entre nossa heroína e a super Marilu.. XD
Excelente blog
Por André Stern | maio 2, 2004 6:59 PM
Nossa, tá de parabéns mesmo, eu li 31 posts da saga do 1°beijo em uma noite!!! São muito bons, vc devia publicar um livro com essa história!
Por Jessica | maio 2, 2004 7:42 PM
Ale, vc é muito boa no q faz. Quem dera eu tivesse a criatividade q vc tem para criar várias histórias ao mesmo tempo (ou seriam estórias?) Ainda bem que vc continuou, morreremos se não conseguirmos saber como acabará essa magnífica história, q eu espere q dure um tempão. Um grande beijo de um professor de português e aluno do 1º sem da faculdade de Letras q te admira muito.
Por Luiz Henrique Almeida | maio 2, 2004 8:56 PM
Ale, vc é muito boa no q faz. Quem dera eu tivesse a criatividade q vc tem para criar várias histórias ao mesmo tempo (ou seriam estórias?) Ainda bem que vc continuou, morreremos se não conseguirmos saber como acabará essa magnífica história, q eu espere q dure um tempão. Um grande beijo de um professor de português e aluno do 1º sem da faculdade de Letras q te admira muito.
Por Luiz Henrique Almeida | maio 2, 2004 8:58 PM
Alê, por favor me desculpe por ter postado duas vezes, é q minha irmã clicou uma vez em enviar e eu não sabia, desculpas de verdade.
Por Luiz Henrique Almeida | maio 2, 2004 8:59 PM
Aaaah! Eu vou ficar louca!! Do nada a história para...q triste! Num faz issu Alê, issu eh tortura..
Por JacQ | maio 2, 2004 9:23 PM
finalmente! ja tava com saudade dessa saga! so q, como vc eh má! pára a historia no meio so p/ dar um suspense!
visito seu blog faz mo tempao, adoro ele, ve se da uma simples passadinha no meu qq dia!
bjos!
Por Fer | maio 3, 2004 12:03 AM
:~) and here we go! \o/
;***
Por DeH | maio 3, 2004 8:38 AM
Oi.....Putz até que em fim!!!!Pow mto xow!+ tp, n seja taum má, pra a historia assim no meio!!!Q aflição!Plz, continua amanhã, vai!!!!
VLW!BJUS
Por Isabella | maio 3, 2004 10:27 AM
UHUUU!!!
Como sempre, muito bom!
Por Carol_Gua | maio 3, 2004 12:09 PM
Ah, não... Não, não vou acreditar nisso. A Marilu volta! Mas enfim... Você já pode escrever novelas, rs. Já sabe exatamente onde parar pra deixar todo mundo curioso!!! :)
Beijos. (Uma perguntinha... Essa saga algum dia terá fim? Hehehe)
Por Keka | maio 3, 2004 4:40 PM
Ehh Saga! Mas voce adora matar a gente de curiosidade hein! Conta mais vai! Te adoro. Beijo.
Por Amy | maio 3, 2004 7:21 PM
parabens... seu blog estah cada vez melhor! seus textos parecem atrair o leitor... vc fica obsecado e eh obrigado a ler ateh o final!
Qd vc vai atualizar o escambo??? poderia me linkar lah neh?!

www.rafaelcosta.com
aos poucos estou ajeitando meu blog... claro que nem se compara ao seu. :)
Por Rafael | maio 4, 2004 1:16 AM
Vc tem consciência de que a "Saga do primeiro beijo" já é praticamente um livro, né??...rs... Muito interessante a história...li desde o começo...e agora vou ter q ficar esperando, né??...rs...Beijo... e parabéns pelo blog
Por Tafetá | maio 4, 2004 8:56 PM
Alê, kd a senhorita no MSN? To com saudade :)
Por Carol | maio 5, 2004 10:46 AM
bom, quem bom que veiomais um capítulo.
Por décio | maio 5, 2004 12:13 PM
historinha sem graça...
não pense que a senhora é escritor porque escrever uma merda dessa, qualquer criança escreve...
Por joselito pérola negra | maio 6, 2004 1:40 PM
Ptz!! To adorando! Ve se escreve mais a continuação =]
Por Hel | maio 6, 2004 10:01 PM
Alê,eu estou viciada na Saga do primeiro beijo,eu comecei a ler a saga essa semana e já estou curiosa pra ler o proxímo capítulo.Não nos mate de curiosidade deixando as estórias bem no meio!
Beijão,
Laís!
Por Laís Cerqueira | maio 7, 2004 6:43 PM
Alê!!!
Mais um post mto legal!!!
Não demora mto por próximo, rsrsrs, assim vc nos mata d curiosidade.
Eu queria saber se a Marilu realemte existe na sua vida?!?!
Bjinhos mil...
Por Maíra | maio 8, 2004 1:47 PM
pow cara essa saga eh td x*** tuh eh fods minah xDD
Por marilia | maio 9, 2004 12:14 AM
Meu cada vez mais essa historia, historia naum, saga fica melhor, e cv tb escreve melhor.... to adorando.... so ve se naum demora tanto pra colocar outra no ar.... to morrendo de curiosidade...beijao tiago
Por Tiago | maio 10, 2004 12:31 AM
Linda,
Você dá nos nervos... O chato é que não responde e-mails (vc afirmou isso em algum lugar que não lembro!) e assim contribui pro estresse da gente.
A dúvida que me corrói - única, aliás! - é entender se isso que está publicado vem a ser o registro de fato verídico, ou se é a trama de alguma novela que um dia estará numa telinha ou telona, ou mesmo num dos best-sellers da vida...
Porque a Alê retratada é parecida com milhares de adolescentes espalhadas pelo Brasil afora (quiçá em outras plagas mais), todas elas ansiosas pela experiência do primeiro beijo, o primeiro amasso, enfim a primeira vivência do relacionamento amoroso com alguém do outro sexo...
Mas que está acabando com a minha paciência de esperar pelas continuações, isso está...
E, como eu disse antes, não tenho a quem me queixar, o jeito é me fingir de paciente leitor e aguardar...
Quem sabe um dia caia a ficha e a esposa do maridón se condoa lá no que lhe restar de consciência e ponha um fim na saga...
Que já está virando uma tremenda saga...nagem...
Com todo respeito...
Um beijo no coração,
JR
Por Jackson | novembro 9, 2004 11:05 AM

> vc por favor poderia me manda um convite do orkut dia 06/05/06 ou dia 07/05/06 por favor meu endereço de e-mail é lupi_a_mais_lupi@hotmail.com por favor!!! :)
> Por Raiana | maio 5, 2006 11:16 AM
> ola bom dia
> gostaria de receber um convite para o gmail
> obrigado. (FÉLIX, 2006).

Os exemplos acima são uma excelente caracterização da dinâmica proporcionada pelo *blog* e da interatividade decorrente de sua estrutura. Se, num primeiro momento, os comentários num *blog* cumprem papel semelhante ao das cartas dos leitores enviadas aos autores, não podemos ignorar um avanço importantíssimo neste processo de interação: ao contrário das cartas, os comentários nos *blogs* estão disponíveis para a visualização de todos os leitores, ou *consumidores*, nos termos da Teoria do Polissistema.

Todos os tipos de público, de diferentes idades, classes e interesses intervêm na narrativa e expressam suas opiniões, sentimentos, impressões e sugestões acerca dos rumos da história e da aventura da protagonista. Os comentários apresentados acima, em sua ordem original, iniciam com um questionamento sobre como acessar os *posts* iniciais de *A Saga do Primeiro Beijo*, o que comprova a leitura não linear decorrente da estrutura do *blog,* e encerram com um questionamento sobre a veracidade dos fatos narrados e a característica autobiográfica do texto, o que comprova o envolvimento do *consumidor* com a narrativa em si, com as emoções da personagem e com o desenvolvimento do enredo.

As semelhanças apresentadas são resultado da influência direta de um autor, de uma obra, de alguma leitura específica? Para a Teoria do Polissistema, isso não é importante. A existência de influência direta nada mais seria do que uma forma de interferência intra-sistêmica. O fator condicionante da interferência pode ser difuso. Há, certamente, o pré-conhecimento de uma forma de contar histórias e estruturá-las que pode ser adquirido pela leitura de um *romance-folhetim* propriamente dito, da leitura de fotonovelas, de histórias em quadrinhos ou do hábito de assistir telenovelas. Qualquer um desses fatores faz parte da interação e da participação do *consumidor* e do *produtor* no sistema literário. Há, portanto, um *modelo passivo*, uma forma compartilhada de conhecimento da estrutura do folhetim que é resultado do

percurso que este modelo fez no sistema literário brasileiro, como bem demonstram Marlyse Meyer[8] e Antônio Hohlfeldt[9].

Sob a perspectiva da Teoria do Polissistema e, fundamentalmente, das leis de interferência literária propostas por Even-Zohar, a interferência analisada aqui se dá de acordo com alguns dos princípios propostos pelo teórico.

Quanto aos princípios gerais de interferência, deve ser destacado que literaturas não estão em não interferência. A Internet e literatura tradicional estão em contato e tendem a interferir mutuamente em diferentes níveis e em diferentes seções. Os *blog*s, por sua vez, são parte integrante do *repertório* da Internet, que ainda não está consolidado e busca preencher o vazio de opções selecionando fontes de modelos possíveis.

Quanto às condições para a emergência e a ocorrência de interferência, deve ser destacado que contatos, cedo ou tarde, geram interferência se não surgirem condições de resistência. No caso que analisamos aqui, o contato ocorre e não existe nenhuma condição de resistência. As condições são, na verdade, favoráveis, como demonstram as semelhanças formais entre os *blog*s e o os jornais impressos. Em segundo lugar, deve ser destacado que uma fonte é selecionada por prestígio. No caso da interferência provocada pelos *blog*s, a fonte selecionada faz parte de um estrato central de uma seção do polissistema literário brasileiro que atualmente ocupa posição periférica, mas que já foi o modelo mais consolidado de produção do romance no Brasil. Em terceiro lugar, devemos destacar que a interferência ocorre quando os sistema necessita de itens que estão indisponíveis nele mesmo. Como discutimos e demonstramos anteriormente, a ausência de um repertório diversificado na Internet exigiu que modelos fossem buscados em outros sistemas integrantes do mesmo polissistema.

Quanto aos processos e procedimentos para a ocorrência de interferência, devemos destacar que contatos podem acontecer com apenas uma parte do sistema alvo e, dessa forma, originar contatos em outras partes. No caso dos *blog*s, há o contato entre seções limitadas dos sistemas em interação e não há nenhuma hierarquia presente entre as seções em contato. Em segundo lugar, devemos

---

[8] Ver em Marlyse Meyer, Folhetim: uma história (1996).

[9] O autor faz uma excelente síntese da periodização do folhetim e sua trajetória em sua obra “Deus Escreve Direito Por Linhas Tortas: O Romance-Folhetim dos Jornais de Porto Alegre Entre 1850 e 1900”. Os anexos A e B deste trabalho contemplam este tópico.

destacar que um repertório apropriado de outro sistema não necessariamente assume as mesmas funções no sistema alvo. O folhetim eletrônico, caso que analisamos aqui, tem certamente funções diferentes do folhetim nos jornais impressos. Os folhetins do século XIX cumpriam funções de dinamização do polissistema literário, entre as quais a consolidação do modelo romanesco e a formação de um público consumidor que completasse o circuito necessário para o fortalecimento de um polissistema em formação, como era o polissistema literário brasileiro da época. O modelo do folhetim passou por um processo de secundarização. Nos *blog*s, o modelo do folhetim não exerce a função de consolidação de um modelo já existente. A principal função do modelo do folhetim nos *blog*s é a diversificação de um repertório em formação. Como se trata da transferência e apropriação de um modelo para um novo ambiente, num novo contexto e com algumas características potencializadas, o folhetim nos *blog*s é uma inovação e, portanto, é também um modelo de tipo primário. Por último, devemos destacar que a apropriação de um modelo tende a ser regularizada, esquematizada e simplificada. A função do modelo do folhetim na Internet é mais simples do que a que este modelo exercia quando ocupava estratos centrais do polissistema literário brasileiro. Seu alcance de público, o número de publicações e de produtos ainda é pequeno, não permitindo que se afirme que este modelo está dotado de canonicidade dinâmica[10], mas é possível afirmar que a regularização do modelo e sua esquematização dentro das características do sistema alvo, a Internet, como discutimos amplamente neste trabalho, tem a importante função de produzir uma inovação e a diversificação do seu repertório.

A aplicação dos conceitos de Even-Zohar demonstra como pode ser explicado o percurso do folhetim ao *blog*: transferência intra-sistêmica, diacrônica, decorrente das condições favoráveis resultantes das semelhanças entre as ferramentas de publicação que, junto às instituições e a um contexto de emergência de um novo sistema, geraram a necessidade de renovação, ampliação e diversificação de um repertório não consolidado.

Aqui não termina o trajeto do folhetim ao *blog*, apenas começa o trajeto do folhetim eletrônico no polissistema literário brasileiro sob a interferência da Internet.

---

[10] Ver capítulo 2.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve discussão realizada neste trabalho certamente não é suficiente para abranger todos os aspectos dos temas aqui colocados e suscita uma série de novas questões que exigem a realização de pesquisas mais aprofundadas, infelizmente inviáveis para os limites inerentes a um trabalho em nível de mestrado. A discussão aqui apresentada objetivou delimitar um campo específico de análise, apresentar os principais conceitos teóricos utilizados e exemplificar suas possíveis aplicações em um estudo de caso. As temáticas e conceitos envolvidos, que começam no pensamento formalista russo, passam pela comunicação, pelo hipertexto e pela discussão do folhetim obrigaram a realização de um recorte teórico-metodológico que consolidasse um percurso coerente de análise e crítica que não ultrapassasse os limites dos objetivos inicialmente estabelecidos. O triângulo temático que perpassa o esforço analítico realizado até aqui, formado pela Teoria do Polissistema, o hipertexto e o folhetim, será analisado separadamente nos parágrafos a seguir, embora mantendo a coerência analítica quanto à sua interdependência e correlação.

Em primeiro lugar, algumas questões são fundamentais para uma melhor compreensão das relações existentes entre a Teoria do Polissistema e a Literatura Comparada: existe uma contribuição da Teoria do Polissistema à Literatura Comparada e, em caso afirmativo, que contribuição é essa? Qual o nível de intersecção da Teoria do Polissistema e os estudos comparatistas?

Pode-se visualizar uma contribuição evidente da Teoria do Polissistema à Literatura Comparada que merece ênfase especial: a contribuição metodológica. O esquema de sistema literário apresentado por Even-Zohar desenvolve um conceito que amplia as possibilidades de delimitação de um *corpus* para análises comparatistas: o conceito de *produto*.

A relativização do texto literário como produto mais importante da literatura pode, se interpretada de forma correta, ou seja, não seguindo o caminho míope de desvalorizar o texto literário em absoluto, amplia consideravelmente as possibilidades de análise: integram-se ao domínio da análise comparatista toda a rede de relações que gera um produto, seja ele um texto, um modelo ou um fragmento literário; a interpretação da sua função no sistema sob a ótica de uma

perspectiva dinâmica, mutável e inter-relacionada; as relações do (poli)sistema literário com outros sistemas semióticos, nunca de forma isolada e numa perspectiva formalista. Esta ampliação, além de contribuir efetivamente para o desenvolvimento de uma estratégia interdisciplinar, dá meios para a detecção de fenômenos que poderiam passar despercebidos numa análise feita com bases em estudos de fontes e influências; análises em perspectivas sincronísticas ou restritas aos conceitos limitados dos estudos literários padrão, nas palavras de Even-Zohar.

Restringindo ainda mais a discussão sobre o produto, cabe destacar o grande avanço que pode ser percebido a partir do conceito de *modelo. O modelo,* tanto por ser um produto, embora implícito, que expressa e sintetiza o conjunto de relações do sistema literário, quanto por impulsionar a luta entre estratos e tipos, necessária para a evolução do sistema, além promover a renovação do repertório e servir de mecanismo de contato entre diferentes culturas de sistemas inter e correlacionados, constitui-se, dessa forma, numa importantíssima contribuição conceitual. As noções de *modelo ativo* e de *modelo passivo* são fundamentais para o desenvolvimento da análise dos processos de produção e recepção de todas as formas de produtos literários e consolidam a conceituação da participação permanente do consumidor no processo sistêmico de produção.

O conceito de *interferência* é, também, outra grande contribuição da Teoria do Polissistema à Literatura Comparada. A compreensão dos processos de relação e inter-relação entre diferentes sistemas é completamente modificada pelo conceito de Even-Zohar. O abandono da hierarquização como um valor inerente à análise literária, assim como o abandono do juízo de valor como critério de escolha dos objetos de estudo, possibilita uma ampliação significativa do *corpus* potencial para a análise dos processos de formação de novos modelos ou gêneros literários. Do conceito de influência chegamos ao conceito de interferência, no qual não é um ator superior que exerce sua força sobre um ator inferior, mas uma relação de troca mútua e permanente que contribui para a renovação de modelos, consolidação de repertórios e fortalecimento de sistemas. O conceito de *transferência*, decorrente da interferência, possibilita a compreensão do processo permanente de interdependência de sistemas em contato. Por último, as leis gerais apresentadas por Even-Zohar para explicar os processos de interferência são de grande validade para a compreensão desses processos de contato. Os processos de interferência não são abstratos, dependentes de “psicologismos” ou de contatos diretos entre

produtores de diferentes sistemas. Se, em termos de *influência,* a análise fica centrada no indivíduo e no produto, em termos de *interferência* a análise fica centrada no processo.

O caráter interdisciplinar da Literatura Comparada intensifica o grau de intersecção com a Teoria do Polissistema. A Teoria do Polissistema é elaborada para dar conta da análise de relações em qualquer sistema semiótico, incluso o sistema literário e, por conseqüência, a Literatura Comparada. Pela teoria de Even-Zohar, podemos tanto realizar uma análise comparatista tradicional como, por exemplo, a relação entre dois sistemas literários nacionais, quanto podemos realizar uma análise das relações entre dois sistemas semióticos diferentes e sua interação no processo sistêmico literário como, por exemplo, foi o estudo de caso deste trabalho.

A Teoria do Polissistema dá à Literatura Comparada o suporte teórico-metodológico para a realização de estudos e pesquisas interdisciplinares nas mais diversas áreas de conhecimento como, por exemplo, comunicação, música, artes visuais, artes plásticas e artes cênicas. Os conceitos de Even-Zohar são, pela própria natureza da teoria, dotados de flexibilidade e adaptabilidade. Tais características comprovam o potencial da Teoria do Polissistema possui para a consolidação de uma estratégia interdisciplinar dos estudos literários.

Em segundo lugar, algumas questões são fundamentais para a compreensão das relações entre a Teoria do Polissistema e o hipertexto: qual o nível de relação existente entre a Teoria do Polissistema e o hipertexto? Qual a importância do hipertexto para os estudos literários e, mais especificamente, para a Literatura Comparada?

A discussão sobre o hipertexto pode ser feita do ponto de vista filosófico, como proposto por Pierre Lévy, o que contribui em muito para a compreensão desse fenômeno textual, mas não contempla suas relações com a literatura de forma satisfatória. Do ponto de vista da análise literária, a discussão sobre o hipertexto, sua conceituação e definição estão ainda em fase de pesquisa e consolidação. Para a efetivação dos objetivos deste trabalho era necessário conseguir relacionar o hipertexto e literatura. Não existia outro caminho possível senão a análise do hipertexto pelo viés da teoria literária e a realização de um esforço analítico que demonstrasse suas relações com determinado paradigma teórico, neste caso a Teoria do Polissistema.

O hipertexto, como apresentado neste trabalho, tem características

possíveis que podem ser construídas pelos consumidores, as imagens e sons que fazem parte dele e, no caso dos *blogs*, as intervenções do consumidores pelas ferramentas de interatividade. No hipertexto vemos o texto atuando e se formando, a despeito de conceitos mecanicistas que atribuem importância excessiva ao indivíduo e ao texto escrito e pouca importância aos processos de interação entre os diversos agentes do sistema que resultam em seus produtos. Para a Literatura Comparada, o estudo do hipertexto traz uma grande contribuição metodológica para a abordagem dos fenômenos de contato entre sistemas.

O hipertexto, entretanto, não deve ser analisado teoricamente como um dos modelos de um repertório em formação, no caso em questão, a Internet brasileira. A diversidade de características, a amplitude de possibilidades e a inexistência de um padrão de produção que indique a formação de um gênero hipertextual não nos permitem a ousadia de afirmar que o hipertexto é um gênero ou um modelo único. O hipertexto é uma ferramenta de produção e publicação, assim como livro é uma ferramenta de publicação, não um gênero literário. O hipertexto, mais do que um modelo, é uma *matriz potencial de formação de novos modelos* por processos de interferência com outras sessões do polissistema literário, transferência de modelos existentes e geração de inovações.

Entre as inovações conseqüentes do processo de interferência entre o hipertexto e outras seções do polissistema literário está o folhetim eletrônico. Como foi discutido neste trabalho, as características específicas do *blog* como ferramenta possibilitaram a transferência de um modelo de outra seção do polissistema literário, um modelo já fossilizado como modelo produtivo, mas ainda perene no sistema literário brasileiro como modelo passivo. Esse modelo assume novas funções no novo sistema: ainda é periférico, é uma inovação na produção literária da Internet e se adapta às características da nova plataforma de publicação, como a maximização da interatividade, por exemplo.

O folhetim eletrônico, que também podemos chamar de *folhetim cibernético,* apresenta-se como uma das inovações alternativas no processo de formação e consolidação do repertório de modelos do polissistema da Internet e, conseqüentemente, do polissistema literário brasileiro que este integra. A Internet, ainda periférica no polissistema literário, cresce progressivamente em número de usuários e número de consumidores e produtores potenciais. O crescimento da importância da Internet como meio de comunicação e, principalmente, como meio de

difusão da comunicação escrita indicam que, num prazo relativamente curto, as produções literárias em plataforma hipertextual devem crescer em importância e assumir posições centrais no polissistema literário.

Este trabalho, embora tenha procurado encontrar algumas respostas, suscitou uma série ainda maior de questões a serem debatidas e respondidas. Outros modelos em formação na Internet podem ser estudados, a questão da interatividade pode ser explorada com grande profundidade em um trabalho específico, os conceitos da Teoria do Polissistema podem fundamentar uma discussão mais aprofundada sobre a formação de cânones estáticos e dinâmicos em diferentes sistemas literários, bem como da formação e consolidação de repertórios desses sistemas. Um trabalho de mestrado, infelizmente, não permite o desenvolvimento de uma pesquisa com a profundidade necessária ao tratamento de temas tão complexos. Este trabalho não objetivou ser conclusivo, ao contrário, procurou estabelecer um ponto de partida para a aplicação da Teoria do Polissistema ao estudo dos processos do polissistema literário brasileiro contemporâneo em futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Ricardo; Vieira, Eduardo. Blogs – Os novos campeões de audiência. **Revista Época**, São Paulo, ed. 428, p. 96-105, 31.jul.2006.

ARAÚJO, Maria Aparecida. A leitura como fenômeno hipertextual: o gênero crônica. In: I Encontro Nacional de Hipertexto: Desafios Lingüísticos, Literários e Pedagógicos. 2005. **Anais...** Disponível em: <http://www.ufpe.br/hipertexto2005/index.html> Acesso em: 15.maio.2006.

BASSNET, Susan. Da literatura comparada aos estudos de tradução. In: **Comparative literature**: a critical introduction. Oxford/Cambridge: Blacknell, 1993.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. A literatura comparada diante dos avanços tecnológicos. In: **O sentido dos lugares**. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005. p. 42-51.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 34. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

BRANDÃO, Saulo Cunha de Serpa. Lexias e links em literatura digitalizada: ferramentas ou ruídos? In: I Encontro Nacional de Hipertexto: Desafios Lingüísticos, Literários e Pedagógicos. 2005. **Anais…** Disponível em: <http://www.ufpe.br/hipertexto2005/index.html> Acesso em 15.maio.2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1997.

CÂNDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 2 v.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional,1973.

CÂNDIDO, Antonio. **Tese e antítese**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

CARVALHAL, Tânia Franco. (Org.) **Culturas, contextos e discursos**: limiares no comparativismo. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1993.

CARVALHAL, Tânia Franco**. Literatura comparada.** São Paulo: Princípios, 1986.

CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Rio de Janeiro : ABRALIC, n. 3, 1991. p. 9-21.

CARVALHAL, Tânia Franco. **O próprio e o alheio**: ensaios de literatura comparada. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

CEIA, Carlos. 2005. **Formalismo Russo**. In: E – Dicionário de termos literários. 2005. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/F/formalismo_russo.htm> Acesso em: 20.abr.2006.

COCO, Pina Maria Arnoldi. O triunfo do bastardo: uma leitura dos folhetins cariocas do século XIX. In: CONGRESSO DA ABRALIC, 2, Belo Horizonte. **Anais . . .** Belo Horizonte: SEGRAC, 1991. v. 3.

COSCARELLI, Carla Viana et al. O processo hipertextual da leitura no gênero gráfico. In: I Encontro Nacional de Hipertexto: Desafios Lingüísticos, Literários e Pedagógicos. 2005. **Anais...** Disponível em: <http://www.ufpe.br/hipertexto2005/index.html> Acesso em: 15.maio.2006.

COUTINHO, Afrânio. Literatura comparada, literaturas nacionais e questionamento do cânone. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Rio de Janeiro: ABRALIC, n. 3, 1996. p. 67-73.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. São Paulo: Beca, 1998.

DURISIN, Dionyz. **Theory of literature comparatistic**. Veda: Bratislava, 1984.

EVEN-ZOHAR, Itamar. 1990. **Polysystem Studies.** Poetics Today, Durham: USA, vol. 11, n. 1. 262 p. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990-toc.pdf> Acesso em: 20.abr.2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar. 1990a. **El sistema literario.** In: Poetics Today, vol. 11. n. 1 p. 27-44. Traducción de Ricardo Bermudez Otero. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/sislit_s.htm> Acesso em: 20 abr. 2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar 1990b. **Laws of literary interference.** In: Polysystem Studies. Poetics Today, Durham: USA, vol. 11, n. 1. p. 53-72. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990-toc.pdf> Acesso em: 20. abr.2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar. 1990c. **Teoría del polisistema.** Traducción de Polysystem Theory. Poetics Today, Durham: USA, vol. 11, n. 1. p. 9-26. Traducción de Ricardo Bermudez Otero. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/ps-th_s.htm> Acesso em: 20.abr.2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar 1990d. **The position of translated literature within the literary polysystem.** In: Polysystem Studies. Poetics Today, Durham: USA, vol. 11, n. 1. p. 45-51. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990-toc.pdf> Acesso em: 20.abr.2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar. 1990e. **Translation and transfer.** In: Polysystem Studies. Poetics Today, Durham: USA, vol. 11, n. 1. p. 73-78. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez> Acesso em: 20.abr.2006.

EVEN-ZOHAR. 1990f. **Polysystem theory**. In: Polysystem Studies. Poetics Today, Durham: USA, vol. 11, n. 1. p. 9-26. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990-toc.pdf> Acesso em: 20.abr.2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar. 1996. **The role of literature in the making of the nations of europe: a socio-semiotic study.** In: Semiotics/Sémiotique Appliquée 1. A WWW refereed e-journal, University of Toronto. March 1996 p. 20-30. Disponível em: <.http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/role-literature.pdf> Acesso em: 20.abr.2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar. 1996a. **The making of culture repertoire and the role of transfer.** In: Target, n. 9. vol. 2. 1997, p. 373-381. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/rep_trns.htm> Acesso em: 20.abr.2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar. 1997. **Language, conflict and national identity.** Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/lngconfl.htm> Acesso em: 20.abr.2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar. 1997a. **The quest for laws and its implications for the future of the science of literature.** Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez> Acesso em: 20.abr.2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar. 1999. **Factores y dependencias en la cultura.** In: Una revisión de la teoria de los polisistemas. Traducción de Montserrat Iglesias Santos, ed. Madrid: Arco, p. 23-52. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/fac-dep_es.htm.> Acesso em: 20.abr.2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar. 1999a. **The making of repertoire, survival and success under heterogeneity.** In: V International Congress of the International Association of Semiotics Studies (IASS), Dresden, 8 October 1999. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/rep-success-d.pdf> Acesso em: 20.abr.2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar. 2000. **Culture repertoire and the wealth of collective entities.** Under Construction: Link for the Site of Literary Theory-Essays in Honour of Hendrik Van Gorp. Leuven: Leuven University Press. p. 389-403. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/culture_wealth.pdf> Acesso em 20.abr.2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar. 2002. **Culture planning and the cultural resistance in the making and maintaining of entities.** In: Sun-Yat – sen Journal of Humanities. 14.abr.2002. p. 45-52. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/cultural_resistance-2002.pdf> Acesso em: 20.abr.2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar. 2004. **Laws of cultural interference.** Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/laws-of-cultural-interence.pdf> Acesso em: 20.abr.2006.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

EVERARD, Jerry. **Introduction to russian formalism**. Disponível em: <lostbiro.com/Theorists/formalism.html >. Acesso em: 12.jul. 2006.

FÉLIX, Alessandra. **A Saga do Primeiro Beijo**. Disponível em: <http://www.alefelix.com.br/arquivo/index.html> Acesso em: 20.abr.2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira/Folha de São Paulo, 1995.

FORMALISMO RUSSO. In: **Wikipedia**, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/formalismo_russo> Acesso em: 20.abr.2006.

FRANCHETTI, Paula. (Org.). **Haikai**: antologia e história. 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

GENETTE, Gerard. **Figuras**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

HOHLFELDT, Antonio Carlos. **Deus escreve direito por linhas tortas:**o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. 1998. 377f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica. Instituto de Letras e Artes. Porto Alegre.

INTERNET. In: **Wikipedia**, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet> Acesso em 20.abr.2006.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e Comunicação.** São Paulo: Cultrix, 1988.

JAKOBSON, Roman 1980 <1956>. Metalanguage as a Linguistic Problem. In Jakobson, Roman, 1980 **The Framework of Language,** 81-92. Ann Arbor: Michigan Studies in the Humanities.

KOCH, Ingedore. A construção de sentidos no hipertexto: demandas lingüísticas e cognitivas. In: I Encontro Nacional de Hipertexto: Desafios Lingüísticos, Literários e Pedagógicos. 2005. **Anais…** Disponível em: <http://www.ufpe.br/hipertexto2005/index.html.> Acesso em 15.maio.2006.

LANDOW, George P. **Hipertext 2.0**. London: The Johns Hopkins University Press, 1997.

LANDOW, George. P. **Hyper/text/theory.** London: The Johns Hopkins, University Press, 1994.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**? Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

MANGA, Ana Paula Rodrigues. **Weblogs**

REHM, Andréa de Cássia Jardim. **Estudo comparado da tradução de *Jane Eyre* de Charlotte Brontë**

SILVA, Obdália Santana Ferraz. Hipertexto: espaço interativo de leitura e escrita. In: I Encontro Nacional de Hipertexto: Desafios Lingüísticos, Literários e Pedagógicos. 2005. **Anais...** Disponível em: <http://www.ufpe.br/hipertexto2005/index.html> Acesso em 15.maio.2006.

SOUZA, Janine Fontes de. Texto digital: o reencontro entre oralidade e escrita. In: I Encontro Nacional de Hipertexto: Desafios Lingüísticos, Literários e Pedagógicos. 2005. **Anais...** Disponível em: <http://www.ufpe.br/hipertexto2005/index.html> Acesso em: 15.maio.2006.

TOLEDO, Dionísio Oliveira de. (Org.). **Teoria da literatura**: formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1976.

TYNJANOV, Jurij; JAKOBSON, Roman. In: **Teoria da literatura I**: textos dos formalistas russos apresentados por Tzventan Todorov. Lisboa: Edições 70, 1987. p. 125-143.

VERÍSSIMO, Erico. **O continente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 1.

VILLA MAIOR, Hugo Carvalho. Texto, hipertexto e crítica textual. In: I Encontro Nacional de Hipertexto: Desafios Lingüísticos, Literários e Pedagógicos. 2005. **Anais...** <http://www.ufpe.br/hipertexto2005/index.html> Acesso em: 15.maio.2006.

ANEXO A

QUADRO HISTÓRICO DO FOLHETIM[1]

1814/ 1830	Restauração francesa		
1816		Rossini: O barbeiro de Sevilha	
1818		Scribe: L'Ours et le Pacha	
1818		Mary Shelley: Frankenstein	
1819		Walter Scott: Ivanhoé	
1822	Champollion decifra os hieróglifos		
1824	criada a litografia		
1825	L'Ami de lá Jeunesse		
1826		James Finemore Cooper: O último dos Moicanos	
1827		Victor Hugo: Prefácio ao Cromwell Scribe: Le Marige d'Argent	
1828			Memoires de Vidocq
1829		Rossini: Guilherme Tell	
1830	27 a 29: Revolução de Julho La Caricature e Le Charivari (jornais cômicos) Monarquia de Julho, com Luis Felipe I		
1831			Victor Hugo: Notre Dame de Paris
1832	Journal dês Enfants de Latour Mézeray		
1832		Michelet: Introduction à l'Histoire universelle	
1833	Journal des Demoiselles	Michelet: Histoire de France (Vol. I a VI)	
1833	Journal de jeunes Personnes		
1835	Colt inventa a pistola os irmãos Schneider compram a fábrica falida de Creusot		
1836	La Presse, de Emile de Girardin e Le Siécle de Armand Dutacq Le Gazzette des Femmes (até 1938)	Büchner: Woyzech	Balzac: A Solteirona
1836	Théophile Gautier e outros escritores se tornam assalariados		
1837	inauguração da linha Paris/Saint-Germain		
1837	surge o crédito comercial	Donizetti: Lucia de Lammermoor	
1838	Daguerre e o daguerreótipo	Dickens: Oliver Twist	Alexandre Dumas: Le Capitaine Paul
1840	L'Atelier, jornal operário	Poe: Arthur Gordon Pym	
1841	lei proíbe crianças de menos de 8 anos trabalharem em fábricas	Scribe: Une Chaine	
1842			1842/3: Eugéne Sue: Les Mystères de Paris
1844	Debate sobre as leis para o ensino secundário	Morse instala o telégrafo elétrico entre Baltimore e Washington	Alexandre Dumas Pai: Os três mosqueteiros
1844			Eugéne Sue: Le Juif errant
1845			Alexandre Dumas Pai: O Conde de Monte Cristo
1845		Poe: Histórias extraordinárias	
1846	Journal des jeunes Filles	Claude Fauriel: História da poesia provençal	
1847	descoberta do ouro na Califórnia		Paul Féval: Lês Mystères de Londres
1848	22 a 24/02: Revolução 1º/12: Luís Napoleão é eleito Presidente – República		Alexandre Dumas F.: A Dama das Camélias
1848	Manifesto do Partido Comunista - Marx e Engels		

[1] Reprodução de "Quadro Histórico do Folhetim". (HOLFELDT, 1998, p.342-344).

1849	proibição de associação e de greves		Eugéne Sue: Les Mystères du Peuple (1849/1857)
1850	Lei Riancey: imposto sobre o romance folhetim (até 1852)		
1851	Golpe de Estado de 2 de dezembro, por Luís Napoleão	Verdi: Rigoletto	
1852/ 1870	prensa rotativa de impressão II Império, Napoleão III restrição à liberdade de imprensa: lei de 17/02/1852		
1852	fundação do crédito comercial e mobiliário	Augusto Comte: Catecismo positivista	
1852	fundação do Bon Marché. primeiro grande magazine		
1853	Haussmann é nomeado prefeito de Paris	Verdi: La Traviata, O Trovador	
1854	Nadar inaugura seu atelier de fotografia	Dickens: Tempos difíceis	Alexandre Dumas Pai: Les Mohicans de Paris
1855	lei sobre propriedade industrial; exposição universal de Paris	1855/69: Michelet: História da França (Vol. VII a XVII); Walt Whitman: Folhas de Relva	
1856	descoberta do homem de Neanderthal	Flaubert: Madame Bovary	
1857	análise espectral da luz por Kirchoff e Bunsen	Poe: Histórias extraordinárias (Baudelaire)	Paul Féval: Le Bossu
1858			Alexandre Dumas F.: Le Fils naturel, teatro
1859	retorno dos exilados e decreto de anistia	Verdi: Baile de Máscaras Darwin: A Origem das Espécies Victor Hugo: la Légende des Siécles (1859/1883)	
1861	Guerra de Secessão (EUA); diminui a censura (2.7.1861 até 1865)	Andersen: Contos de Fadas Dickens: Grandes Esperanças	
1862	Expedição ao México lei das sociedade limitadas	Verdi: A força do Destino	
1863	Le Petit Journal, com 150 mil exemplares, a 1 centavo, a 2.2.1863, graças a Polydore Moïse Millaud 1. Salão dos Recusados		Victor Hugo: Os Miseráveis
1863	fundação do crédito Lyonnais		Théophile Gautier: Le Capitaine Fracasse
1863	1ª linha de metrô em Londres		
1864	lei do direito de greve		Verne: Viagem ao Centro da Terra
1864	fundação da Cruz Vermelha em Genebra		
1865	lei de reconhecimento do cheque	Claude Bernard: Introdução à Medicina experimental	
1865	assassinato de Lincoln	Lewis Carrol: Alice no País das Maravilhas	
1866	direitos dos negros: USA; fotos coloridas		
1867	imprensa rotativa	Marx: O Capital vol. I	
1867	lei das cooperativas; criação do ensino secundário feminino	Offenbach: La Vie Parisienne	Emile Gaboriau: L'Affaire Lerouge; Victor Hugo: Os Trabalhadores do Mar Emile Gaboriau: Le Dossier 113
1868	fundação da Escola de Altos Estudos Le Lanterne, jornal satírico de Rochefort		Emile Gaboriau: Monsieur Lecocq
1868	fundação da Aliança Internacional da Democracia Social (Bakunin)		
1869	inauguração do Canal de Suez	Lautréamont: Os Cantos de Maldoror	Paul Féval: Les Habits Noirs Verne: 20 mil léguas submarinas
1870	4.9.1870 a 1940: III República; liberalização da imprensa		
1871	18 março a 22/28 maio: Comuna de Paris	Verdi: Aída Wagner: Siegfried	

1872	Máquina de escrever de Remington	Zola: Le Curée Nietsche: O nascimento da Tragédia	
1874	restabelecimento da censura	Wagner: O Crepúsculo dos Deuses	Victor Hugo: O 93
1875	direito de greve em Londres	Bizet: Carmen	
1875	Descoberta dos cromossomos por Fleming	Lombroso: O Homem Criminoso	
1876	Le Petit Parisien		Verne: Miguel Strogoff
1876	Bell inventa o telefone		
1877	Le Journal des Voyages	Zola: L'Assomoir	
1877	Invenção do fonógrafo ao mesmo tempo por Edison e Gross		
1878	luz elétrica no teatro		
1879	Pasteur descobre a vacina	Zola: O Romance Experimental	
1880	Anistia aos communards		
1880	lei sobre a autonomia da universidade		
1881	lei sobre a gratuidade do ensino		Georges Ohnet: Serge Panine
1881	29.7 - lei sobre o direito 29.7.1881 - lei da liberalização de reunião de imprensa		
1882	fundação do Parti Ouvrier		Georges Ohnet: Le Maître des Forges
1882	lei sobre a obrigatoriedade do ensino leigo e gratuito	Wagner: Persifal	
1883	Plekanov funda o Partido Marxista Russo; Le Matin		
1884	lei sobre as liberdades sindicais		Stevenson: A Ilha do Tesouro
1884	invenção do linotipo lei sobre o divórcio		
1885	Charcot estuda o cérebro		
1886		De Amicis: Grandes Corações	
1887			Conan Doyle: Estudo em Vermelho
1888	motor a petróleo de Forest		
1888	invenção do pneu por Dunlop		
1889	II Internacional		Mérouvel: Chaste et Fletrie
1890	invenção do avião		
1891	invenção do automóvel		
1892	Le Journal		Conan Doyle: As Aventuras de Sherlock Holmes
1893	projetor cinematográfico	Verdi: Falstaff	
1894	Processo Dreyfuss (condenação)	Kipling: O Livro da Selva	
1895	fundação da CGT; 1s. filmes dos Irmãos Lumiére	Freud: Estudo sobre a Histeria	Wells: A Máquina de explorar o Tempo
1895			Sienckiewickz: Quo Vadis?
1896	metrô de Paris	Jarry: Ubu Rei	Wells: A Ilha do Dr. Moreau
1897	L'Affaire Dreyfuss (apelação)		Wells: A Guerra dos Mundos
1897			Wells: O homem Invisível

ANEXO B

ROMANCE FOLHETIM - QUADRO[1]

1719		Robinson Crusoé	Daneil Defoe
1740		Pamela ou la Vertu recompensée	Samuel Richardson
1747/8		Clarisse Harlowe	Samuel Richardson
1794		Os Mistérios de Udolfo	Anne W Radcliffe
1795		Ambrósio, o Monge	Mathew Lewis
1796		L'Enfant du Carnaval	Pigault-Lebrun
1799		Angélique et Jeanneton de la Place Maubert	Pigault-Lebrun
1799		Mon Oncle Thomas	Pigault-Lebrun
1800		Théodore	Pigault-Lebrun
1801		La Folie espagnole	Pigault-Lebrun
1802		Monsieur Botte	Pigault-Lebrun
1804		Jérôme	Pigault-Lebrun
1807		Éléonore ou la belle blanchisseuse	Mme. Guénard
1808		Journal Général de la lebrairie française - Saint-Clair des isles ou L'Éxiles à l'lisle de Barra Tradução do inglês: Mme. (Isabelle) de Montolieu - autoria possível: Elizabeth Helme, 1803	
1808		Émile de Valbrun ou lês Malheurs du Divorce	Anônimo
1809		Helena Aldenar ou le Bigame	Charlotte Bournon-Malarme
1812		Melmoth, o Homem errante	Reverendo Maturin
1815		Alélaïde de Méran	Pigault-Lebrun
1815		Mathilde	Mme. Cottin
1817		Frankenstein	Mary Shelley
1819		L'Homme à Projets	Pigault-Lebrun
1820		Agathe ou le petit Vieillard de Callais	Victor Ducange
1820		Albert	Victor Ducange
1821		Claire d'Albe	Mme. Cottin
1821		Valentine ou le Pasteur d'Uzès	Victor Ducange
1822		Fidélia ou le Voile noir	Mme. Julienne Bayond
1822		L'Enfant du Jésuite	Charles Laumier
1822		Élodie ou la Vierge du Monastère	Victor Ducange
1823		Thélène ou l'Amour et la Guerre	Victor Ducange
1823		Léonide ou la Vieille de Suresnes	Victor Ducange
1824		Georgette	Paul de Kock
1824		Monsieur Dupont ou la jeune Fille et sa bonne	Paul de Kock
1825		Le Médécin confesseur	Victor Ducange
1826		Gustave ou le mauvais sujet	Paul de Kock
1827		L'Artiste et le Soldat	Victor Ducange
1828		Mémoires de Vidocq	
1829		La Maçon de Notre Dame	Michel Masson e Raymond Brucker
1829		La Mouche	Pigault-Lebrun
1830		La Fille-Mère	Mlle. Louis Maignaud
1831	La Revue Provinciale	Les Martyrs de Lyon	F.Z. Collombet
1831		Le Chiffonier	A. Signol e S. Macaire
1831		Le Bonnet vert	Méry
1831		Contes à mon petit-fils	Pigault-Lebrun
1832		Le Prêteet la Danceuse	Maximilien Perrin
1832		Les deux Cadavres	Frédéric Soulié
1833		La Gamin de Paris	Lamothe-Langon
1833		Prêteur sur Gages	Eugène Sainville
1833		Paul Guy, l'ouvrier	Edmond Arnoult
1834		Le Comptoir, la plume et l'Épée	Lamothe-Langon
1834		Une Femme du Pueple	Napoléon Landais
1834		Les deux Cartouches du XIXè. Siècle	Eugène I. Guérin
1834		Le Magnétiseur	Frédéric Soulié
1834/5	Révue de Paris	Le Père Goriot	Honoré de Balzac
1835		Roman pour les cuisinières	Émile Cabanon
1835		La Tavernière de la Cite	S. Chaumier
1835		Vierge et Martyre	Michel Masson
1835		Les Ouvriers	Raban
1835		Le Pair de France	Mme. de Carlowitz
1836		Marc-Loricot	Victor Ducange

[1] Reprodução de "Quadro de evolução do romance-*folhetim*: antecedentes e principais obras ao longo dos séculos XVIII e XIX." (HOLFELDT, 1998, p.345-352).

1.7.1836	La Presse	Começa a circular o jornal de Émile de Girardin	
5.8.1836	Le Siècle	El Lazarillo de Tormes	Anônimo
out.1836	La Presse	A Aolteirona	Honoré de Balzac
1836	La Presse	Chroniques historiques	Alexandre Dumas
1837		Aventures d'um gentilhomme parisien	G.J.W. Ellis
1837		La Bande noire	Jules David
1837		Riches et Pauvres	Émile Souvestre
1837	La Presse	Les Enfants de la Marquise de Gange	Francis Wey
1837		Julienne Petit ou le Voleur et la Grisette	Marie Aycard
1837/8	La Presse	Les Expiations	Francis Wey
1837	La Presse	La Femme supérieure	Honoré de Balzac
1837/8	Le Journal des Débats	Mémoires du Diable	Frédéric Soulié
1838	Lé Siècles	Les Parisiens au Chémin de fer	Paul de Kock
1838		Las grisetas (?) vingadas	Maconnais
mai.1838	La Siècle	Le Capitaine Paul	Alexandre Dumas
29.9/ 9.10.1838	La Presse	Godolphin arabian	Eugène Sue
1838/9	Le Siècle	Béatrix	Honoré de Balzac
1838/9	La Siècle	Une Fille d'Éve	Honoré de Balzac
1838	Journal des Débats	Six Mois de Correspondance (ou Diane de Chivry)	Frédéric de Soulié
1.9.1839	Reveue des deux Mondes	De la littérature industrielle	Saint-Beuve
1839		Lês Souvenirs d'um Scroc du grand monde	G.J.W. Ellis
1839	La Presse	Le Curé de Village	Honoré Balzac
1839		Mémoires d'un Savetier	Joseph Mangin
1839		Gabrielle	Virginie Ancelot
1839	La Presse	Arthur	Eugène Sue
1839	Le Journal des Débats	Le maître d'École	Frédéric Soulié
1839	Le Journal des Débats	Le Lion amoureux	Frédéric Soulié
1839	Le Journal des Débats	Le Maître d'École	Frédéric Soulié
1840	Le Journal des Débats	Eulalie Pontois	Frédéric Soulié
1840		Celina, a criolla	Félix Lamb
1840		La Maison blanche	Paul de Kock
1840		La jolie Fille du Fauburg	Paul de Kock
1840		La Saurel	Marie Aycard
22.12.1840/ 26.9.1841	La Presse	Mathilde, Mémoires d'une jeune Fille	Eugène Sue
1841		Si Jeunesse savait, si Vieillesse pauvait	Frédéric Soulié
1841		René, o operário	Clémence Robert
1841/2	Le Siècle	Le Chevalier d'Harmenthal	Alexandre Dumas
1841	Le Journal des Débats	Le Quatre soers	Frédéric Soulié
1841	Revue de Paris	Le club des Phoques	Paul Féval
1841		Le Bourgeois de Vítré	Paul Féval
1842		Paula Monti	Eugène Sue
1842	Les Siècles	Les Prétendus	Frédéric Soulié
1842	Les Siècles	Le Chateau des Pyrénés	Frédéric Soulié
1842		Eulalie Pontois	Frédéric Soulié
19.6.1842/ 15.10.1843	Le Journal des Débats	Les Mystères de Paris	Eugène Sue
1843		Les Mémoires d'une lorette	Maximilien Perrin
1843		Le Loup blanc	Paul Féval
1843		Médérine	Virginie Ancelot
20.12.1843/ 12.9.1844	Le Courrier français	Les Mystères de Londres	Paul Féval
1844		Sansacravate ou les Commissionaires	Paul de Kock
1844		O Filho do Réprobo	Félix Lamb
25.4/ 2.6.1844	Le Constitutionel	Jeanne	George Sand
14.3/ 14.4.1844	La Siècle	Les Trois Mousquetaires	Alexandre Dumas
Ago.1844	L'Époque	Esplendores e Misérias das Cortesãs	Honoré de Balzac
28.9.1844/ 15.1.1846	Le Journal des Débats	O Conde de Monte Cristo	Alexandre Dumas
25.6.1844/ 26.8.1845	Le Constitutionel	Le Juif errant	Eugène Sue
22.8.1844/	Le Charivari	Parodie du Juif errant	Charles Philipon e Louis Huart

15.9.1845			
1845	La Presse	Les Nuits du Père Lachaise	León Guzman
1845	Le Journal des Débats	Les Drames inconnus	Frédéric Soulié
19.8/ 3.9.1845	La Presse	Teverino	George Sand
1845	Le Siècle	Vingt Ans après	Alexandre Dumas
1845		Um Amour à seize Ans	George Bruck (Ponson du Térrail)
21.1/ 19.3.1845	La Reforme	Le Meunier d'Angibault	George Sand
1.10/ 13.11.1845	L'Époque	Le Peché de M. Antoine	George Sand
1845	Le Presse	La Reine Margot	Alexandre Dumas
9.9.1845/ 21.11.1846	La Presse	La Comtesse de Morion	Frédéric Soulié
1845/6	La Democracie pacifique	Le Chavalier de Maison rouge	Alexandre Dumas
1845/6	Le Constitutionel	Le Dame de Montoreau	Alexandre Dumas
1846	L'Époque	Le Fils du Diable	Paul Féval
1846	Le Constitutionel	Memoirs d'um Valet de Chambre (ou Martin, l'Enfant trouvé)	Eugène Sue
1846	La Presse	Le Duc de Guise	Frédéric Soulié
1846		La Quittance de Munuit	Paul Féval
1846		Les Libérateurs d'Irlande	Paul Féval
6/15.2.1846	Le Courrier français	La Mare au Diable	George Sand
1846/7	La Presse	Joseph Balsamo	Alexandre Dumas
1846/7	Le Siècle	Les Aventures de Saturnin Fichet	Frédéric Soulié
1846/7	Le Consitutionel	Le Cousine Bette	Honoré de Balzac
1847		L'Amant de la lune	Paul de Kock
1847	La Quotidienne	Monsieur et Madame Saintot	Marie Aycard
1847		Les Chavaliers de Iansquenet	Xavier de Montépin e Marquês de Faudras
1847	Le Consitutionel	Les Sept Pechés capitaux	Eugène Sue
1847	Le Consitutionel	Les 45	Alexandre Dumas
1847	Le Consitutionel	Le Cousin Pons	Honoré de Balzac
5.5/ 17.7.1847	La Presse	Le Piccinino	George Sand
1847/8	Le Siècle	Le Vicomte de Bragelone	Alexandre Dumas
31.12.1847/ 14.3.1848	Le Journal des Débats	François le Champi	George Sand
Jul.1848/ 1850	La Presse	Memoires d'Outre Tombe	Chateaubriand
1848	La Patrie + Le Commerce	Les Mediants de Paris	Clemence Robert
Dez.1848	L'Évenement	Les Buveurs d'Eau	Henry Murger
1848		Le Berger de Kravan	Eugène Sue
1848		Le Républicain des Campagnes	Eugène Sue
1848/9	La République	Les 3 Sergents de la Rochelle	Clemence Robert
1849/57		Les Mystères du Peuple	Eugène Sue
2.1.1849	La Presse	Confidences	Lamartine
1849	Le Peuple	Le Mont Saint-Michel	Blouet
1849		Histoire d'une Famille à tous les Âges	Eugène Sue
1849/51	La Presse	Les Collier de la Reine	Alexandre Dumas
1849/51	La Presse	Ange Pittou	Alexandre Dumas
1850		La Famille Tricot	Maximilien Perrin
1850	L'Ordre	Coureur des Bois	Gabriel Férry
1850		Humiliés et Vengés	Émile Souvestre
1850		Bel Demonio	Paul Féval
1850		Les Ouvriers de Londres et de Paris	Paul Féval e Pierre Zaccone
1850		Brin d'Amour	Henry de Kock
1850		La Grisette	Auguste Ricard
JULHO 1850		LEI RIANCEY, IMPOSTO SOBRE JORNAL (ATÉ 1852)	
1851		Fernand Duplessis	Eugène Sue
1851		Os Caçadores de Cabeças	Mayne Reid
1851		La Foret des Rennes	Paul Féval
1852	Le Journal des Faits	Les Coulisses du Monde	Ponson du Térrail
1852		Gilbert et Gilbert	Eugène Sue
17.2.1852		LEI DE CENSURA À IMPRENSA	
1.1.1852/ 25.3.1852		O 18 Brumário de Luís Napoleão Bonaparte	Karl Marx
1852/6		Les Viveurs de Paris	Xavier de Montépin
1852		La Soeur des Fantômas	Paul Féval

1852		La Baronne trépassée	Ponson du Térrail
1852	La Presse	Mémoires	Alexandre Dumas
1853		L'Ouvreuse des Loges	Auguste Ricard
1853		La Soeur des Fantômas (Les Revenants)	Paul Féval
1853		Le Sultan du Quartier	Maximilien Perrin
1853		La Nièce du Banquier	Mme. Ancelot
1853	La Presse	Fernand Duplessis	Eugène Sue
1853/5	Le Siècle	La Famille Jouffroy	Eugène Sue
1853/5	Le Siècle	Le Diable medécin	Eugène Sue
1854	La Patrie	Saltimbanque	Clemence Robert
1854/5		Les Paradis des Femmes	Paul Féval
1854	La Presse	Le Bourgeois de Molinchart	Jules Husson Champfleury
1854/7	Le Mousquetaire	Les Mohicans de Paris	Alexandre Dumas
1855		Les Filles de plâtre	Xaveir de Montépin
1855		Roman chez la Portière	Henri Monnier
1855		L'Amant de Lucette	Henry de Kock
1855		Os Cavaleiros da Noite	Ponson du Térrail
1855/6	L'Assemblée Nationale	La Cape et l'Épée	Ponson du Térrail
1856	Revue de Paris	Madame Bovary	Émile Zola
1856		Georgine ou les deux Soers	Virginie Ancelot (Mme. Ancelot)
1856		Les Couteaux d'Or	Paul Féval
1856		Le loup blanc	Paul Féval
1856		Não é tarde para mudar	Charles Reade
1856	Le Presse	Grandeurs de la Vie doméstique	Loius Edmond Duranty
1856	Le Presse	Monsieur de Boisdhyver	Loius Edmond Duranty
1856/7	La Presse	Madame Gil Blas	Paul Féval
1857	Le Siècle (vol. em 1840)	Gabrielle	Virginie Ancelot
1857		Une Famille parisienne au XIXè. Siècle	Virginie Ancelot
1857	Le Siècle	Le Bossu	Paul Féval
1857		Le Mariage aux Écus	Maximilien Perrin
1857/9	La Patrie (série até 1863)	Les Drames de Paris – Rocambole	Ponson du Térrail
1858	La Patrie	Le Club des Valets de Coeurs	Ponson du Térrail
1857/8	Le Journal pour tous	Les Compagnons du Jéhu	Alexandre Dumas
1858/9	Le Journal pour tous	Les Louves de Machecoul	Alexandre Dumas
1858		Les Trappeurs d'Arkansas	Gustave Aimard
1858		La Masque rouge	Xavier de Montépin
1858/9	La Courrier de Paris	Les Étrangers de l'Inde	Joseph Méry
1859		Os Piratas das Pradarias	Gustave Aimard
1859		Fanfan la Tulipe	Charles Deslys
1859	La Patrie	Les Exploits de Rocambole	Ponson du Térrail
1859	La Patrie	La Revanche de Bacarat	Ponson du Térrail
1859/67		Victimes d'Amour	Hector Malot
1860		L'Anaïa, Moeurs kabyles	A. de Gondrecourt
1860		Le Roman d'um jeune Homme pauvre	Octave Feuillet
1860	La Presse	Les Mystères d'un Millionaire	A. Achard
1860	Le Courrier de Paris	Hommes et Bêtes	Germain de Lagny
1860	Le Siècle	Les Mémoires d'Horace	Alexandre Dumas
1860	Le Siècle	Le Père la Ruine	Alexandre Dumas
1860		L'Enfant volé	Maximilien Perrin
1860		La Fille du Forçat	Maximilien Perrin
1860		Les Chevalier de la lune	Ponson du Térrail
1860/1	L'Opinion Nationale	Les Gandins	Ponson du Térrail
1860/1		Scènes de la Vie crabe	A. de Gondrecourt
1860/1		Le Pays de la Peur	A. de Gondrecourt
1860/1		Moeurs des Nômades	A. de Gondrecourt
1860		L'Hôtel de Niorres	Ernest Capendu
1860		Le Roi du Bagne	Ernest Capendu
1860		Le Tambour de la 32e. demi-brigade	Ernest Capendu
1861		Mémoires d'um Âne	Condessa de Ségur
1861		Le Baron de Frémontier	Virginie Lancelot
1861/2		L'Éau qui court	Gustave Aimard
1861/3	Le Révue de Paris	Capitaine Fracasse	Théophile Gautier
1861	Le Temps	La Femme em Blanc	Wilkie Collins (inglês)
1861	Veillées parisiennes	La jolie Fille du Faubourg	Paul de Kock

1862		L'Enfant de l'Amour	Maximilien Perrin
1862		Jean Diable	Paul Féval
1862		Cinco Semanas em Balão	Julio Verne
1862		Le Chevalier Ténèbre	Paul Féval
1862		Les Misérables	Victor Hugo
1862	Le Constitutionel	Madelon	Edmond About
1863/75	Le Constitutionel	Les Habits noirs	Paul Féval
1863/4		Les Chasseurs d'Abeilles	Gustave Aimard
1863		L'Histoire de Sybille	Octave Feuillet
1863		Hard cash	Charles Reade
1863		Jean Diable	Paul Féval
1863/4	L'Opinion Nationale	Renée Margérin	Irmãos Goncourt
1864	Le Pays	Un Prêtre mairé	Baybey d'Aureville
1864		O Drama das Catacumbas	Pierre Zaccone
Jun.1864	Le Musé des Familles	Le Juif-errant, conte pour les grands Enfants	Pau Féval
1864/5	Le Petit Moniteur	La Vieille Roche	Edmond About
1864/5	La Presse	La San Felice	Alexandre Dumas
1864/5		Le Baron de Trenck	O. Féré
1864		Viagem ao Centro da Terra	Julio Verne
1864		Les Enfants du Boulevard	Paul de Kock
1864		La Fortune de Gaspard	Condêssa de Ségur
1865		A juventude do Rei Henrique	Ponson du Térrail
1865		Os Infernos de Paris	Xavier de Montépin
1865/6	Le Petit Journal	La Ressurrection de Rocambole	Ponson du Térrail
1866	Le Moniteur Universel	Le Chasse au ideal	A. Achard
1866		Coeur d'Acier	Paul Féval
1866	Le Soleil	Os Trabalhadores do Mar	Victor Hugo
1866	La Patrie	Esplendores e Misérias de Paris	O. Fere
1866	La Patrie	Les Ravageurs	Ponson du Térrail
1866		Les Millions de la Bohémie	Ponson du Térrail
1866		Um Drame dans l'Inde	Ponson du Térrail
1866		Drame de la Rue de la Paix	Adolphe Belot
Dez.1866	Le Grand Journal	La Fabrique des Crimes	Paul Féval
1866		La pluie d'Or	Clémence Robert
1866	L'Opinion Nationale	Le Roman des Ouvrières	E. Bosquet
1866/7	Le Petit Journal	Nouveaux Mystères de Paris	A. Scholl
1866	Les Nouvelles	Les Thugs ou l'Étrangleurs de l'Inde	Germain de Lagny
1866		L'Affaire Clemenceau	Alexandre Dumas F.
Out/dez 1866	Le Soleil	Le Crime d'Orcival	Emile Gaboriau
1866	Le Petit Journal	L'Affair Lérouge	Emile Gaboriau
1866/7	Le Petite Presse	Le dernier Mot de Rocambole	Ponson du Térrail
1867/8	Le Petite Presse	Les Blancs et le Bleus	Alexandre Dumas
1867		Monsieur de Canors	Octave Feuillet
1867	Messager de Provence	Os Mistérios de Marselha	Emile Zola
1867		Les Étrangleurs	Ponson du Térrail
1867		Les Reprouvés	Marie-Louise Gagneur
Jul/ago 1867	La Petite Presse	La Vérité sur Rocambole	Ponson du Térrail
1867	Le Petite Presse	La Comtesse de Monte Cristo	Jean du Boys
1867		Aventures du Capitaine Corcoran	A. Assollant
1867	Le Temps	Manette Salomon	Irmãos Goncourt
1868		Les Misères de Londres	Ponson du Térrail
1868		La Rue de Jérusalem	Paul Féval
1868	La Petite Presse	La Femme immortelle	Ponson du Térrail
1868	Le Petit Journal	Le Dossier 113	Emile Gaboriau
1868/9	Le Petit Journal	Mansardes de Paris	P. Zaccone
1868	Le Nouveau Journal	La Révanche de Ferrunghéa	R. de Pontjost
1869	Le Petite Presse	Concèrge de la Rue du Bac	Paul de Kock
1869		Rocambole en Prison	Ponson du Térrail
1869	Le Petit Journal	Monsieur Lecocq	Emile Gaboriau
1869		L'Arme invisible	Paul Féval
1869		20000 Léguas submarinas	Julio Verne
1869	Le Moniteur universel	Hector de Saint-Hermine	Alexandre Dumas
1869/70	Le Siècle	Création et Rédémption	Alexandre Dumas
1869	Le Journal des Débats	Autour de la lune	Julio Verne
1869		Le Lion du Soudan	Louis Salmon (Louis Noir)
1870	Le Siècle	La Fortune des Rougon	Émile Zola
1870		Le Corde du Pendu	Ponson du Térrail

1870	La Presse	Le Mousquetaire du Cardinal	Henri Angu
1870	Le Petite Presse	Bas-fond de Paris	Constant Péroult
1870		L'Homme aux Yeux d'Acier	Louis Noir
1870		Maman Lé	Paul Féval
1870		La Tache Rouge	Paul Féval
1870	Le Figaro	Mademoiselle Guiraud, ma Femme	Adolphe Bélot
1870/2		La Fôret vierge	Gustave Aimard
1871		La Fille du Fusillé	Camille Bias
1872		L'Aventurier	A. Assollant
1872	L'Éclair	Les Souliers du Mot	Eugène Chavette
1872		L'Homme du Gaz	Paul Féval
1873		Les Drames de l'Adultère	Xavier de Montépin
1873		Le dernier Vivant	Paul Féval
1873		Les Scalpeurs blancs	Gustave Aimard
1874		O 93	Victor Hugo
1874		La Vampire	Paul Féval
1874		La Ville Vampire	Paul Féval
1874		Les deux Orphelines	Dennery (Adolphe Plilippe)
1874		Cardenio	Gustave Aimard
1874/5	Le Figaro	Les Tragédies de Paris	Xavier de Montépin
1875	Le Siècle	Amour d'Enfant, Amour d'Homme	Jules Mary
1875		La Chambre du Crime	Eugène Chavette
1875		Les Cinq	Paul Féval
1875		Un mariage dans de Monde	Octave Feuillet
1875	Le Petit Journal	L'Enfant du Faubourg	Emile de Richebourg
1875/6	Le Petite Presse	Le Retour de Rocambole	Adolphe Guéroult
1875/6	Le Presse	Le Comte Omnibus	Eugène Chavette
1876		Romans préhistoriques	Elie Berthet
1876		Les Droits du Mari	Marie-Louise Gagneur
1876		Miguel Strogoff	Julio Verne
1876	Le Siècle	Un Mariage de Confiance	Jules Mary
1876		Les Mystères du noveau Paris	Fortuné de Boisgobey
1876/7	Le Petite Presse	Les nouveaux exploits de Rocambole	Adolphe Guéroult
1877		L'Assassin du Precepteur	Elie Berthet
1877		Aimé de son Concierge	Eugène Chavette
Nov.1877/ Jan.1878	Les Veillées des Chaumières	La Fille du Juif-errant (é o antigo Le Juif errant, conte pour les grands enfants, de 1864)	Paul Féval
1878		Sans Famille	Hector Malot
1878		La Vieillesse de M. Lecocq	Fortuné de Boisgobey
1878	Le Petite République française	Les deux Berceaux	Emile de Richebourg
1879		Le Médécin des Folles	Xavier de Montépin
1879		Deux Mères	Emile de Richebourg
1879		Le Crime de Pierrefitte	Elie Berthet
1879	Le Petit Journal	Le Fils	Emile de Richebourg
1880	Le Petit Journal	Le Fiacre n. 13	Xavier de Montépin
1880		Coeur-de-neige	Pierre Ninous (Jeanne Thérèse Lapeyrière)
1880	Voltaire	L'Oncle du Monsieur de Madame	Eugène Chavette
1880		Drames de l'adultère	Xavier de Montépin
1880		Um Mariage de Convénance	Pierre Ninous
1881		L'Inconnu de Belleville	Fortuné de Boisgobey
1881		Serge Panine	Georges Ohnet
1881		Bâtard	Pierre Ninous
1881		Le Fils de Monte Cristo	Jules Lermina
1881		Les Nuits rouges ou l'Irlande	Jules Mary
1881	Le Temps	Miétte et Broscoco	Alfred Bonsergent
1881	Le Temps	Le Roman d'um Employé	Léon Allard
1881/2	Le Petit Journal	La Fille de Marguerite	Xavier de Montépin
1882	Le Petit Journal	Les deux Mères	Emile de Richebourg
1882	Le Petit Journal	Jean-Loup	Emile de Richebourg
1882		Les Bandits d'Arizona	Gustave Aimard
1882		Les Robinsons de la Guyane	Louis Boussenard
1882	Le Figaro	Le Maître des Forges	Georges Ohnet
1882		Le Crime de l'Omnibus	Fortuné de Boisgobey
1882		Un Coup de Révolver	Jules Mary
1882		Le Boucher de Meudom	Jules Mary
1882		Le Docteur rouge	Jules Mary
1883		Les Fils de Porthos	Paul Mahalin
1883		La Conquête d'une Cuisinière	Eugène Chavette
1883/4	Le Petit Journal	La Petite Mionne	Emile de Richebourg
1883		Le Coup d'Oeuil de M. Piédouche	Fortuné de Boisgobey
1883		La Comtesse Sarah	Georges Ohnet
1884	Le Petit Journal	La Porteuse de Pain	Xavier de Montépin

1884		Le Mademoiselle de Comgnie	Xavier de Montépin
1884	Le Cri du Peuple	Le fils de M. Lecocq	Fortuné de Boisgobey
1884/5	L'Écho de Paris	Le Crime d'Asnières	Xavier de Montépin
1885	Le Petit Journal	Les Millions de M. Joranie	Emile de Richebourg
1885		La Grande Marnière	Georges Ohnet
1885		Gaga	Dubut de Laforest
1886	Le Gaulois	La Chapeau gris	Pierre Décourcelle
1887/9	Le Petit Journal	Roger-la-Honte	Jules Mary
1887		Negro e Rosa	Georges Ohnet
1887		La Chambre rouge	Fortuné de Boisgobey
1887		Vierge et Mère	Henri Conti
1888		Les Xipérhaz	J.H. Rosny
1888/9		Les Secrets de M. Synthèse	Louis Boussenard
1889		La Guerre de démain	Cap. E. A. Danrit
1889	Le Petit Parisien	Chaste et Flètrie	Charles Mérouvel
1889	Le Petit Parisien	Les deux Gosses	Pierre Decourcelles
1889	Le Petit Parisien	Le Crime d'une Sainte	Pierre Decourcelles
1889	Le Petit Parisien	La Boscatte	Pierre Decourcelles
1890		La Policère	Xavier de Montépin
1890		D'Artagnan	Paul Mahalin
1890	Journal des Dammes et des Damoiselles	Une Épave parisienne	Mme. Gustave Demoulin
1890	Journal des Dammes et des Damoiselles	La Maison grise	Pierre Aubry
1890		Madame la Boule	Oscar Méténier
1890		Le Régiment	Jules Mary
1892		La Buveuse de Larmes	Pierre Décourcelles
1892		Nemrod & Cie.	George Ohnet
1892/3		Le Mayeux	Xavier de Montépin
1893		Brune et Blonde	Pierre Décourcelles
1894		Les Cinq sous de Levarède	Paul d'Ivoi
1895		L'Invasion noire	Cap. E. A. Danrit
1895		La Mendiante de Saint-Sulpice	Xavier de Montépin
1895	Le Petit Parisien	La Faute d'um Jour	Fernand Hue
1896	Le Petit Parisien	L'Enfant du Peché	Pierre Sales
1896		Le Fils d'Aramis	Paul Mahalin
1896		Eyrimah	J.H. Rosny
1896		L'Inutile Richesse	Georges Ohnet
1897		Drácula	Bram Stocker
1898		La Pocharde	Jules Mary
1898		La Fin de Chicot	Paul Mahalin
1898	Le Petit Parisien	Une haire de Femme	Emile de Richebourg

ANEXO C

MARÇO 06, 2003[1]
A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO

A pior coisa na vida de um adolescente são os amigos adolescentes. Nada é pior do que aquele bando de seres possuidos por seus hormônios dando palpites sobre a vida alheia. Não, minto. Pior do que os amigos palpiteiros, são os contadores de vantagem - estes sim são os mais insuportáveis. Eu fui um deles, posso criticar a vontade. Não, não foi de propósito. Minhas amigas me pressionaram para que eu me tornasse a rainha da lorota. E eu? Eu entrei na onda e caí do cavalo na primeira saia justa.

Meu azar foi encorpar muito rápido. Com onze, doze anos eu já era um mulherão. Uma anta, mas com carinha e poupança de quinze anos. Atributos suficientes para fazer sucesso com os meninos da oitava série. Ai, ai... os meninos da oitava série. Se eu pudesse voltar no tempo me aliaria à turma das perdidas e dava uma banana para as bobonas que andavam comigo. Bem aventuradas as que fizeram fama e não deitaram na cama. Sim, porque as meninas da minha época (isso é velho pra dedéu!), só beijavam na boca. Ninguém comia ninguém, não antes do terceiro colegial.

Eu sei é que eu era uma tapada! Sexo, pra mim, era um "X" riscado em formulários no item feminino ou masculino - nada além disso. Até que o beijo tornou-se assunto popular e minha paz e ingenuidade foram para o espaço.

Minhas duas melhores amigas eram dois anos mais velhas do que eu. Esta diferença, quando se tem doze anos, é equivalente a décadas de experiência sexual. Era um tal de beijei fulano aqui, beijei beltrano acolá, sicrano beija bem...

"Como assim, beija bem? Algumas pessoas beijam melhor do que outras?"

Eu não dormia, não comia, fui mal em duas provas e não tinha um manual de como me tornar uma beijoqueira nota dez. Aquilo era um pesadelo e eu não iria levar a pior. Minha única salvação seria criar coragem e confessar a minha falta de experiência para as minhas amigas. Antes que o primeiro namorado surgisse e tagarelasse para os quatro períodos que eu não sabia beijar, decidi pedir conselhos às mais velhas. Mas antes, eu precisava fazer xixi.

---

[1] Reprodução feita a partir do blog de Alessandra Félix. (FÉLIX, 2006).

O banheiro estava descongestionado, ambiente ideal para um xixizinho básico e um momento de reflexão. Certifiquei-me da solução para o meu problema. Eu tinha certeza de que elas me dariam boas dicas para não pagar o mico de beijar errado. Eu suportaria qualquer humilhação, menos o título de "beija mal". Levantei-me da privada disposta a procurá-las mas, antes que eu apertasse o botão da descarga, ouvi as duas entrando no banheiro.

Eu juro que teria saído e ido conversar com elas se não tivesse ouvido o meu nome misturado em uma conversa que não me agradou nada, nada. Silenciosamente tasquei o ouvido na porta e prendi a respiração.

Continua---------->

Posted by Alessandra at 09:18 PM | Comments (51)

MARÇO 13, 2003
A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST II)

Ouvindo atrás da porta do banheiro feminino...

Que coisa feia! Não é que as duas apostaram quando é que eu daria o primeiro beijo? Valendo um x-salada na cantina do colégio! Pode? Tremenda falta de consideração apostar um misero sanduíche! Desaforo esperar doze, treze anos pra beijar alguém na boca e ver aquelas duas picaretas pagando uma merreca pra ver o beijo consumado. Me senti extremamente ofendida.

- A Alê é muito criançola, só tem tamanho...

- Tamanho GG!

- Hahaahahaahahhahahahahaha.

- Duvido que ela já tenha beijado algum menino.

- Não sei... ela é boba, mas soube que o Adriano gosta dela. E ontem eu flagrei o irmão da Leka babando na calça de lycra que ela estava usando.

- Também! Não passava uma agulha ali. Qual que é a dela de vir com aquelas roupas pra escola?

- Nem me diga! Precisa de espelho. Já veio até de blazer.

- Ela se acha, a verdade é essa. Precisa de uma dose extra de "semancol", urgente! Mas nunca beijou na boca e é tão tonta que não vai beijar tão cedo!

- Será? E se ela esconde o jogo?

- Criançola! Aposto e ganho. Entra muda e sai calada quando o assunto é beijo de língua. Quer apostar? Te pago um x-salada se ela beijar alguém publicamente antes dos treze anos.

- Opa! Demorô...

- E a Kiki? Você acha que é verdade que ela...

Elas saíram às gargalhadas do banheiro; eu, ainda atrás da porta. Não sabia se eu ria, chorava ou se arrancava todos os fios dos cabelos das duas falsas. Jurei vingança mas, antes de pensar em um plano que as destruísse, eu precisava descobrir, de qualquer jeito e o mais rápido possível, o que diabos era aquele negócio de beijo de língua.

Posted by Alessandra at 12:24 PM | Comments (6)

MARÇO 27, 2003

A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST III)

Como assim beijo de língua? Como se não bastasse eu ter que aprender a beijar bem, ainda tinha que enfiar a língua na parada? Como alguém de doze anos podia aprender a beijar na boca sem um manual? Taí um manual que eu teria lido na vida...

O fato de ter ouvido as duas falando de mim pelas costas me entristeceu bastante, mas superei tão rapidamente que, hoje em dia, acho que eu, inconscientemente, já esperava por isto.

As pessoas falam umas das outras, é comum. O duro é que, muitas vezes, falam bobagem e isto não é bom nem ruim, é desnecessário. Ouvir aquela conversa foi uma surpresa mas, principalmente, uma lição sobre seres humanos. Nada fácil de engolir, é verdade. Mas, por algum motivo, aquela cena no banheiro feminino me fortaleceu e me envaideceu, afinal de contas elas tinham me dado de bandeja informações importantes; decidi usá-las a meu favor.

Da noite para o dia fiquei amiga do Kiko, irmão da Leka (o garoto da bunda).

Procurei conhecê-lo com intuito de vingança mas, no momento que trocamos os primeiros "ois", iniciamos uma amizade que estava fadada a durar toda a nossa tragetória escolar.

Ele era o garoto mais querido, popular e cheio de personalidade que eu havia conhecido até então e, por conta dele, minha vida no colégio virou de ponta cabeça. Para uma garotinha que só andava com as meninas, ouvia estórias de meninas e pensava somente sob o ponto de vista das meninas, ficar amiga de meia dúzia de garotos (apresentados pelo Kiko) que me abriam os olhos para o universo masculino foi uma dádiva. Esqueci um pouco a questão do beijo na boca, os meninos tinham outros interesses. Conversávamos sobre tantas coisas e tantos eram os assuntos que me interessavam, que aprender a beijar se tornou rapidamente o menor dos meus problemas. Em pouco tempo eu me tornei outra pessoa.

As meninas começaram a me tratar com mais respeito, mas com elas eu só queria jogar voleibol, nada além disso. Mesmo assim eu circulava tranqüilamente entre a turma delas e a deles, tão tranqüilamente que comecei a me divertir indo à escola. Antes eu era introvertida e me sentia tão perdida no meio daquela multidão de pré-adolescentes que, durante uma época, acreditei que eu era uma garota essencialmente triste. Precisei ver que eles eram pessoas tão confusas e solitárias quanto eu para me sentir melhor, me conhecer melhor e começar a me relacionar sem superestimá-los. Costumo dizer até hoje que eu aprendi a conversar com os meninos e a jogar com as meninas.

Passadas as surpresas e mudanças no meu convívio social, meu sentimento de vingança aflorou de vez e se apoderou de mim. Em um dia estava tudo bem, no outro, sei lá eu porque, enfiei na cabeça que eu precisava aprender a beijar na boca de qualquer jeito só pra esfregar na cara daquelas duas que de criançola eu não tinha mais nada. Nada, além de nunca ter beijado. Mas, isto, ninguém precisava saber.

Posted by Alessandra at 09:38 PM | Comments (28)

ABRIL 14, 2003

A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST IV)

Já que elas disseram que o Adriano gostava de mim, não seria um problema convencê-lo a espalhar o boato de que estávamos namorando. Namorando de mentirinha, claro, porque eu não seria doida de contar pra ele que eu nunca tinha beijado. Não seria doida de contar pra ninguém! Era só uma questão de vingança.

- Oi, Adri!

- Oi...

- Preciso de um favor seu.

- O que você quiser.

- Você se importaria se eu dissesse para algumas pessoas que estamos namorando?

Ele arregalou os olhos

- Não, não um namoro de verdade. É que tem umas meninas me torrando a paciência e eu queria dar uma lição nelas... A gente finge que já se beijou, só isso. É por pouco tempo! Uma semana já está bom.

Ele fechou a cara. Os olhos arregalados foram diminuindo e me fitando como se quisessem me fuzilar.

- Você quer me usar? Quer me usar para provocar suas amigas ou pra tirar um sarro da minha cara?

- Não, de jeito nenhum! Olha, não é nada disso que você está pensando. Eu jamais faria isso com você, ainda mais sabendo que você gosta de mim...

Ops! Falei demais. Ele arregalou os olhos novamente. A pele branquinha estava vermelha como uma pimenta malagueta.

- Quem disse que eu gosto de você? Você é muito convencida! Mesmo se eu gostasse, você acha que eu toparia ser usado desse jeito? Vê se cresce, menina! Não adiantou explicar. Ele nunca mais falou comigo. Mudou de escola dois anos depois sem aceitar minhas desculpas, rasgou na minha frente a carta que eu escrevi explicando toda a história.

Depois deste dia, nos encontramos três vezes por acaso. A primeira vez, um ano depois da sua mudança de colégio, no Dancing, uma danceteria dos anos oitenta. Ele dançava alucinadamente *Surfing Bird* **do Ramones; o garoto arrumadinho e introspectivo havia se tornado um punk de cabelos arrepiados e roupas cheias de metais pontiagudos. Estourou uma briga na pista de dança, ele saiu todo machucado. Aproximei-me do gerente da danceteria e ofereci ajuda, disse que conhecia o Adriano... Deitado no chão, ele me reconheceu e começou a esbravejar para que eu me afastasse dele. Não pude fazer nada. O segundo encontro foi em uma loja do shopping. Eu tinha uns dezoito anos. Fui cumprimentá-lo inocentemente e ele mal olhou na minha cara. No ano seguinte nos encontramos em um restaurante. Ele discutia com uma moça, provavelmente a namorada. Nossas mesas cruzavam nosso campo de visão. A moça saiu do restaurante**

chorando e ele ficou um tempo fumando um cigarro e tomando café. Eu desviava o rosto, fingia não notar, mas ele levantou da cadeira, caminhou em minha direção, pediu licença para as pessoas que estavam comigo, abaixou para falar olhando nos meus olhos e soltou sua última baforada de cigarro contra o meu rosto.

- Oi Alessandra. Desculpe interromper seu almoço, mas já que a gente se viu nesses últimos anos mais do que eu gostaria, tomei a liberdade de vir aqui para esclarecer algumas coisas. Todo garoto tem na adolescência uma garota para estragar seus sonhos românticos e os seus relacionamentos futuros. Por isso, se a gente continuar se esbarrando por ai, finge que não conhece.

Ergueu o corpo, puxou do fundo do peito um suspiro que lhe estufou o peito e completou:

- Uma boa digestão para todos vocês.

Não consegui dizer uma só palavra. Também não havia o que dizer. Cada um de nós entende o que quer das experiências vividas; as minhas explicações não serviriam para absolutamente nada. Fiquei muito triste mas não me senti culpada. Dele eu guardei o cheiro das histórias mal resolvidas. Histórias que povoam a minha mente sempre que eu sinto no hálito de alguém o cheiro da mistura do café expresso com a nicotina. Foi graças às lembranças vindas deste cheiro que eu me livrei da culpa que eu sentia em relação ao Murilo. Quem é Murilo? O Murilo foi meu primeiro beijo e o meu maior remorso.

Posted by Alessandra at 02:37 AM | Comments (1)

MAIO 02, 2003

A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST V)

Conheci o Murilo na sala de espera do dentista. Ele era insuportável, o garoto mais insuportável e metido a besta da face da terra. Bonitinho, é verdade. Bonito e atentado. Tinha prazer em me infernizar e, como eu sempre careci de paciência, toda quarta-feira era um "Deus nos acuda". Quando acabou meu tratamento, foi um alívio. Morávamos no mesmo bairro, mas não encontrá-lo, obrigatoriamente, era uma benção. Passou um mês, dois, três, seis meses e nada de reencontrar o Murilo. Na véspera de completar treze anos, ganhei uma Monark BMX dos meus pais. Viciada em bicicleta do jeito que eu era, passava a maior parte do dia na rua: eu, a Lu, a Tieta, o Pulga, o Ferrugem, o Pescoço e o Voadora. Dia e noite apostando corridas, incrementando as bikes, aprendendo acrobacias, rindo ... até o dia que o Pulga trouxe para a turma dois novos garotos; o Ivo e o Murilo. Logo que eu vi o Murilo, pensei: "Pronto, vai começar tudo de novo!"

Minha primeira reação foi tentar ignorá-lo. Já a dele foi embasbacar. O olhar, o jeito, a expressão do rosto, tudo nele estava diferente. Não zombou de mim, não fez piadas de mau gosto, não me atormentou nem por um segundo. Abobou tanto que eu achei que ele tinha caído e batido a cabeça. Na dúvida, mantive minha tática de defesa. Ele puxava conversa, eu desconversava, ele empinava a bike, eu virava os olhos, ele fazia graça, eu respirava fundo e prendia a gargalhada na garganta. Ele pediu para o Ivo me contar que ele estava gostando de mim e eu... eu? Eu não acreditei. Não podia acreditar!

Bem ou mau, o Murilo era um menino lindo. Lindo, lindo, lindo. Uns olhos azuis brilhantes que persuadiam qualquer coração infanto-juvenil. Suas brincadeiras, sua energia inesgotável, tudo nele era fascinante. É certo que ele me irritava, mas não é que eu gostava? Diante dos fatos, como dizer não para um garoto daqueles? Fácil! Havia dois motivos para manter o meu nariz apontando para o céu: o cretino namorava três meninas ao mesmo tempo e as tontas nem desconfiavam. O outro motivo era que, mesmo tendo superado o caso do banheiro feminino, se eu aceitasse namorá-lo estaria prestes a dar o meu primeiro beijo e nada seria pior do que ser desmascarada pelo Murilo, a pior peste do universo.

Posted by Alessandra at 01:58 AM | Comments (0)

MAIO 26, 2003

A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST VI)

- Alezinha, chega aqui! Preciso trocar um particular com você.

- Diga.

- Seguinte, sabe como é, né?

- Como é o que?

- Você, o Murilinho...

- O que tem eu e o Murilo?

- Alezinha, Alezinha o amor é lindo!

- Que amor Ivo? Se liberta!

- Pô, olha essa mina! Eu aqui de favor, a favor do romance, do amor, da felicidade do meu amigo e você só no grosseirismo.

- Qual é a palhaçada desta vez, Ivo?

- Palhaçada nenhuma meu cacto-rosa...

- Desembucha, Ivo...

- Na lata?

- Na lata.

- Murilinho está afim de você.

- Quê?

- Na verdade, ele quer saber se você ainda sente ódio por ele.

- E porque eu o odiaria?

- Ah, sei lá! Ele me contou umas paradas de consultório dentário. Uns arranca-rabos do passado de vocês.

- E o centro-das-atenções acha que eu o odeio?

- Acha, cascavel. Agora diz ai: meu amigo tem chance ou não tem?

- Que mais ele te disse?

- Ih... sem essa de mulherzinha. Não sei contar detalhes de menina, não. Comigo é tudo no pá-pum: ele está afim de você. Se você também estiver, bem. Se não, já era e morreu o assunto.

- Custa contar?

- Custa, porque eu não sou homem de ficar de futrica com mulher de amigo meu.

- Que homem? Que mulher de amigo seu? Se liga, Ivo! Não gosto do Murilo.

- Sacanagem com meu camarada, hein?

- Não vai dar certo.

- Por quê?

- Porque não.

- "Porque não" não é resposta.

- Não vai rolar, Ivo!

- Deus do céu que garotinha chata você é. Sinceramente? Não sei o que o Murilinho viu em você.

- Sinceramente? Nem eu.

- E o que eu falo pra ele, cascavel?

- Diz que eu tenho namorado.

- Que namorado? Cadê? Quem é?

- Não te interessa!

- É do bairro?

- Não.

- Da escola?

- Não.

- Então é mentira.

- E desde quando eu só conheço pessoas da escola e do bairro?

- De onde então?

- Você é enxerido, hein moleque?

- E você deve morar na geladeira.

- Isto não é frescura meu amor, é excesso de gostosura.

- Excesso mesmo...

- Sou gorda, mas $%^&*(%#**

- Olha o palavrão! Controle-se... E não me olha com essa cara porque eu tenho medo de virar pedra.

- Como você fala merda, Ivo Tadeu! Você nunca cala esta sua boca grande?

- "Cala a boca" já morreu.

- Quantos anos você tem, hein? Cinco?

- Olha quem fala! Sai pra lá, treze anos!

- Acabou?

- Está certo, parei. Só vim fazer o correio elegante. Me diz o que eu falo pra ele e assunto encerrado.

- Não sei...

- Como não sabe? Quem entende? Agora pouco tinha um namorado, agora não sabe?

- Mas eu tenho mesmo um namorado! Só que...

- Só que, o quê?

- Desencana! Não dá! Além do mais, porque é que ele mandou recado? Porque ele mesmo não veio falar comigo?

- Porque ele queria ter certeza de que não levaria um fora ou coisa pior.

- Como assim coisa pior?

- Brava do jeito que você é...

- Brava eu? Que bundão! Eu não namoro bundão.

- Que mané! Tanta mulher pagando um pau e o cara se interessa logo por você que, certamente, dará um pé na bunda dele.

- Então, ele que fique com as outras.

- Não é bem assim, Ale... Ele pediu que eu sondasse as possibilidades. Se você der cartão verde, ele te pede em namoro, sacou?

- Cartão verde... sei. Pois diz para o seu amigo que eu não sou otária de namorar um menino que tem uma namorada em cada bairro de São Paulo.

- Putz! Quem te contou? Quer dizer... isto não é verdade.

- Pára, Ivo! Não tenta consertar. Eu não namoro garotos galinhas. E chega deste papo.

Deixei o Ivo falando sozinho, subi na bicicleta e fui pedalar sem companhia. Quando voltei, a turma estava largada no meio da rua decidindo qual seria a próxima brincadeira. Entre "Polícia e Ladrão" ou "Barra-Manteira", ganhou "Policia e Ladrão".

Era hora de dividir o grupo:

- Dois ou um. Os quatro que saírem primeiro serão policiais; o restante, ladrões.

Fechem o círculo.

- Doooisoooooouuum!!!

- Murilo, Tieta , Pescoço e eu seremos os policiais. Ale, Voadora, Ferrugem e a Lu os ladrões. Preparados?

Corri para me esconder. Em seguida, o Murilo veio atrás de mim. Veio desarmado, veio para conversar e não para seguir as regras da brincadeira. Mas eu, com todas as minhas inseguranças e o fardo da inexperiência, estava com munição suficiente para fazê-lo desistir de mim em dez minutos.

Posted by Alessandra at 05:13 AM | Comments (0)

JUNHO 16, 2003

A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST VII)

- Te peguei!

- Tira a mão de mim!

- Você está presa.

- Eu sei. Pode deixar que eu sei o caminho da cadeia.

- Não... espera. Quis dizer que você está presa no meu coração.

Meninos apaixonados perdem a noção de ridículo. Que papo era aquele? Que o Murilo era o garoto mais mulherengo do bairro, isto eu sabia, mas daí para se tornar o Don Juan da breguice era um pouco demais! Mais brega que isto só se eu caísse naquele papo... E foi exatamente isto que aconteceu! Fiquei toda derretida. Convenhamos, ouvir aquilo aos treze anos de idade de um garotinho lindo de olhos azuis era pra derrubar qualquer adolescente de primeira viagem. Perdi a voz, a respiração e desatei a gaguejar:

- Ma-ma-ma...

- Ale, quer namorar comigo? - Ele era rápido e, naquela época, se pedia em namoro. - E-e-eu? Eu não.

Eu sei, eu sei. Eu sempre fui uma anta indecisa e confusa, mas pensam que é fácil tomar uma decisão dessas? No meu caso, era humanamente impossível. O "não" saiu antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa. Mas, diante do olhar tristonho do Murilo, eu ganhei forças para tentar balbuciar outras palavras:

- Calma, espera. Não é um "não". Quer dizer, não é um "não" pra sempre. É um "não" mais ou menos. Um "não" do tipo "preciso pensar", sabe?

- Bem que o Ivo me disse que você era meio maluquinha...

- O que?

- Maluquinha. Você é um pouco maluca, mas eu gosto de meninas malucas. Maluca no bom sentido, não maluca de lelé.

Nunca entendi o porquê, mas desde que eu me entendo por gente sinto que as pessoas se sentem atraídas por pessoas que possuem um leve grau de desequilíbrio. Na dúvida, deixei que ele acreditasse no queria. Era melhor do que deixá-lo ciente de que minha forma confusa de expressão, não passava de insegurança. Sorri um sorriso de reprovação e deixei que ele falasse por mim já que dos meus lábios quaisquer sons saíam picotados.

- Você quer um tempo?

- Anh?

- Um tempo pra pensar, quer?

- Que-ro! Quero sim...

- Quantos dias?

Pode parecer ridículo, mas o tempo para dar a resposta a um pedido de namoro determinava se a garota era fácil ou não. Uma bobagem que, só de lembrar, me faz querer morrer de catapora preta.

- **Dizer "sim" na hora: galinha**
- **No dia seguinte: garota fácil**

- **De dois a três dias: mulher pra casar e ter filhos**
- **Até cinco dias: menina difícil.**

Mais do que isto, achei eu, deveriam ser dias suficientes para fazê-lo partir pra outra...

- Uma semana!

- Uma semana? Por que tanto tempo?

- Porque sim!

Olhou-me fixamente, suspirou e ...

- Ok, uma semana.

Nevou dentro de mim naquele instante. Eu tinha sete dias pra pensar no que fazer. Sete dias pra aprender a beijar na boca... Mas, antes que ele percebesse a minha aflição, encerramos o assunto e voltamos a brincar de polícia e ladrão.

Posted by Alessandra at 11:47 PM | Comments (1)

JULHO 01, 2003

A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST VIII)

Eu devia ter dito "não", mas tudo aconteceu tão rápido... E também não era justo que os meus medos resistissem ao azul calcinha dos olhos daquele menino. Além do mais, no momento que o Ivo me contou que o Murilo queria me namorar, todo o meu desprezo por ele se transformou em uma paixonite desenfreada.

Apaixonar-se tão facilmente e com tamanha intensidade é um privilégio dos imaturos e, naquela época, eu me apaixonava e desapaixonava por pessoas e por coisas no espaço de tempo que separava o fim de uma tarde dos raios de sol do dia seguinte. Pode parecer coisa de gente mimada, mas esses surtos de paixão ainda me cheiram a presentes que a vida nos dá e, durante anos, tive muito medo de que um dia eu deixasse de senti-los.

Achava que envelhecer trazia responsabilidades suficientes para ignorarmos as necessidades e tempestades do coração. Hoje em dia, acho que isto só acontece com quem tenta se proteger do lado emocional da vida ou com aqueles que acabam matando de uma vez por todas o adolescente que já foi. Não digo que seja necessário arrastar toda a adolescência para a fase adulta, seria uma imbecilidade. Mas um pouquinho da sua essência precisa ficar. Se o pirralho que existe dentro de nós vai embora, nosso

brilho vai junto e a falta desta energia pode transformar os anos de qualquer ser humano em um verdadeiro tédio.

Sete dias pra dar uma resposta! Onde eu estava com a cabeça? A ansiedade me fazia contar cada segundo. Desconheço sensação pior do que a de esperar que algo aconteça. Minha pouca idade só me dava bagagem para ficar aflita. E no auge do meu desespero, tive uma idéia que me fez tirar os olhos do ponteiro do relógio. Uma idéia que me fez crer que o melhor remédio para a ansiedade feminina é a indústria da beleza. Basta ver para onde vão as mulheres na iminência dos grandes acontecimentos de suas vidas.

Achei que seria um abuso pedir dinheiro aos meus pais para ir a um salão de beleza, por isto transformei meu quarto em uma clínica de estética caseira. Foram dias de exercícios físicos e dietas absurdas, máscaras faciais à base de gema de ovo, açúcar e suco de limão (como se eu precisasse disso aos treze anos), dormi todos os dias com algodões umedecidos de chá de camomila nos olhos para evitar pés de galinha e olheiras (como se alguém precisasse disso aos treze anos), fiz vários preparados de babosa na tentativa de ver as madeixas mais compridas (como se o comprimento do meu cabelo fosse esclarecer as dúvidas que brotavam na minha mente) e ouvi música, muita música, no máximo do volume que a velha vitrolinha verde conseguiu propagar (isto sim, era necessário!).

Minha técnica anti-ansiedade funcionou bem, mas a única coisa que eu precisava mesmo naquele momento era descobrir como é que se beijava alguém na boca. Também, pudera! Ninguém pensa nos beijoqueiros de primeira viagem. Não há um manual, não há escola, pais, amigos, não há nada. Desamparada e desinformada, era assim que eu me sentia. Mas, por um milagre, eu conheci a Marilu. Santa galinha Marilu!

----------> Continua

Clique aqui para ler o Post I - A saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 10:15 AM | Comments (5)

JULHO 16, 2003

A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST IX)

Marilu era uma das garotas mais faladas do colégio. Enquanto o charme do momento era pedir um tempo pra pensar antes de namorar, Marilu

horrível, aquele! Só morrendo de fome pra comer aquela gororoba. E era assim mesmo que se referiam à Marilu. "Dia de canjão! Cozinharam a Marilu!".

A danada era linda. E, como se não bastasse ser bonita, tinha um humor e uma desenvoltura social invejáveis. Seu primeiro dia de aula gerou um grande bochicho entre os rapazes e fez torcer o nariz da maior parte das meninas. Em menos de um mês já tinha ficado com pelo menos meia dúzia dos garotos da lista dos "Top 10 Vespertino", recebeu duas advertências da diretoria por cabular aulas e deixou muita gente com medo

Entretida com meus pensamentos, levei um susto e acabei falando mais alto do que devia. Alto suficiente pra inspetora cruela, que já estava de olho em mim, achar que eu e a Marilu estávamos com descaso a bandeira. Fomos as duas para a diretoria.

----------> Continua

Clique aqui para ler o Post I - A saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 04:42 PM | Comments (22)

JULHO 18, 2003

PARA AQUELES QUE PEDIRAM POSTS GIGANTES:
A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST X)

Eu e a Marilu, escoltadas pela senhora do mal, caminhamos em silêncio até a porta da sala da diretora. Diante do velho banco de madeira, Esther foi categórica:

- Sentem aí e esperem a dona Olga chamar vocês. Se levantarem por um segundo, eu expulso as duas!

Virou as costas, empinou a bunda como de costume e atravessou a passos longos o grande corredor que levava ao pátio.

- Putz, desculpa. Você foi me avisar e acabou encrencada.

Marilu levantou-se num salto e estendeu o dedo do meio em direção à inspetora.

Meu coração gelou. Se a Esther visse, seria a nossa morte, mas antes que eu a puxasse de volta para o banco, Marilu sentou-se e se acalmou.

- Não foi culpa sua. A vaca está de olho em mim desde o dia em que eu pisei nesta merda de escola.

- Ela trata todo mundo assim, Marilu.

- O quê? Você é cega? Com os meninos ela não faz nada. Já viu as calças que esta mulher usa? Acha mesmo que ela traria algum garoto bonito pra cá? Só se fosse para traçá-lo no banheiro dos professores. Ela quer dar, isso sim!

- ...

- Que cara é essa?

- Dar o quê?

- Hahhahaahahahahha! Tá de brincadeira comigo, né? Dar, transar, trepar, fazer sexo... vai dizer que não sabe o que é isso?

- ...

- Não?

- Claro! Claro que sei. É que hoje estou meio devagar.

Um desastre atrás do outro. Como eu poderia imaginar o que significava "dar" se eu nem entendia direito porque alguém transava sem a intenção de ter filhos? Eu lá, tentando descobrir como é que se beijava na boca sem dar vexame e ser desmascarada, e aquela galinha vinha me esfregar na cara que eu não sabia o que era sexo. Eu havia aprendido na aula de ciências que era através do ato sexual que os bebês nasciam e estava aprendendo com os alunos mais espertinhos que aquilo se fazia não só para gerar bebês, como também por diversão. E agora aquilo! Todo mundo inventando apelidos para o ato sexual. E ainda por cima zombavam de desavisadas como eu, que nunca tinham ouvido falar de "dar", "bimbada", "crau", "cutuco"... Que graça tinha inventar tantos nomes pra mesma coisa?

- Vem comigo!

- Marilu, não! A Esther disse que...

- A Esther manda nos seus passos?

Grandessíssima manipuladora. Ela parecia saber exatamente o que dizer para convencer as pessoas a fazerem o que ela queria. Na ponta dos pés, caminhamos entre as salas da área proibida aos alunos.

- Que limpo! Como foi que você descobriu este lugar?

- Vindo levar advertências da diretora, oras. Acha o quê? Que eu ficaria ali plantada esperando a bonitona? Eu não!

- Tem até espelhos de corpo inteiro! Bem, que podiam colocar um desses no nosso banheiro.

- Claro, bobinha! Podiam deixar um cabeleireiro à nossa disposição também...

- Se nos pegarem aqui, estaremos fritas.

- Estamos fritas de qualquer jeito.

- Tudo por causa daquela droga de hino. Vou fazer xixi, segura a porta pra mim?

- Não precisa, aqui tem trinco! E a culpa não é do hino, mas sua, que não sabe fingir que está cantando enquanto pensa na morte da bezerra.

- Ando muito preocupada ultimamente. Pensa que é fácil pensar em tudo?

- Técnica - você precisa desenvolver a técnica da atenção. Só assim, pra você pensar no que quiser enquanto os outros tagarelam no seu ouvido ou exigem que você faça o que eles querem. Eu posso passar horas conversando com você e não ouvir uma só palavra do que você diz, basta pegar no ar uma ou outra palavra, resmungar uns "ahãs", uns "é verdade", "é mesmo", "nem me diga"... Aulas de Educação Moral e Cívica, por exemplo, eu mal sei como é a voz daquela professora.

- Não posso acreditar que você consegue não ouvir aquele monte de bobagens.
- Se não fossem bobagens, eu ouviria, *darling***.**

- Eu odeio aquela aula. Acredita que esta privada é tão limpa que dá até pra sentar?

- E eu não sei? É por isto que eu só uso este banheiro. Eu também odeio. Aula pra imbecís.

- E aquela cartilha, então? É uma ofensa! Nunca te pegaram aqui?

- Nunca. E nunca li aquela droga. Joguei a minha no lixo, arranquei a capa e encadernei com ela um livro de quadrinhos eróticos que a minha prima mandou da França.

- Mentira!

- Veja com seus próprios olhos. - Abriu a mochila e mostrou-me o livro adulto adulterado.

- Tudo em francês!

- Claaaaaaro, Alê.

- Mas você entende?

- Não, mas basta ter imaginação pra saber o que eles estão falando.

- Eu adoraria saber o que está escrito... Uau, que desenhos bem feitos. E quanta língua...

- Nosso poder está na língua, *darling***.**

- O quê?

- Na língua! Nosso poder está na língua. No verbo e no beijo. Minha prima me contou que nunca beijou tanto de língua como tem beijado lá na França.

- Ela não é brasileira?

- É, mas a mãe dela é francesa e se separou do meu tio. Foram as duas morar em Paris. Minha prima é uma sortuda virada pra lua.

- Nunca conheci ninguém que tivesse pais separados.

- Se Deus quiser, em breve você conhecerá. Não vejo a hora dos meus pais pararem de brigar e irem cada um para o seu canto.

- Deve ser bom mesmo... duas casas, dois presentes, maiores chances de argumentar pra conseguir sair com os amigos. Lá em casa eu não posso nem piscar, que já estão todos me dizendo o que fazer, que horas ir, que horas voltar. Nem sei o que fazer pra me livrar dos sermões na semana que vem.

- Por que na semana que vem?

- Vou aceitar um pedido de namoro...

- Pedido de namoro? Hahahhahahahhaa!

- Pode rir à vontade... Eu prefiro assim, não sei namorar como você.

- Pedir em namoro é muito careta... Hahahahah! Desculpa, mas é engraçado. A caretice e o militarismo dessa escola vão me transformar em uma carola, qualquer dia desses.

- Ah, eu não acho careta pedir em namoro. Acho que é um sinal legal, um sinal de que o garoto está a fim de verdade. Do jeito que você faz, não dá pra ter certeza.

- E eu lá quero alguma certeza? Eu só quero é beijar na boca e ser feliz!

- Mas onde está a graça de beijar e não namorar? Bom mesmo é namorar.

- Ah, é? Então me diz o que você faz quando aceita namorar um menino e depois descobre que ele não beija bem?

Eu não havia contado a ninguém sobre o fato de nunca ter beijado, ela não seria a primeira, mesmo que naquele momento ela parecesse a melhor pessoa pra confiar o meu segredo.

- Termino, ué!

- Ah, muito trabalho. Meu jeito é melhor. Beijo, experimento e depois decido se quero namorar ou não.

- Mas aí você corre o risco do menino não querer mais namorar você.

- Em que planeta? Neste? Aqui, Alêzinha, quem manda somos nós. Por mais inteligente que um homem seja, sempre vai comer na mão de alguma mulher.

Escolha suas vítimas e prepare-se para convencê-los do que você quiser.

- Pára! Tudo bem que você é bonita, engraçada, inteligente... mas daí pra fazer o que bem entende com os meninos é outra história.

- Outra história nada! É só você aplicar um bom beijo de língua neles. Minha prima me ensinou uma técnica imbatível! Dá pra treinar na mão.

- Anh? Como assim? Hahahahahahahaha... – Ri o sorriso mais nervoso do mundo. Se ela me dissesse como, todos os meus problemas estariam resolvidos.

- É fácil, vou te mostrar. Faz assim: pegue a sua mão e ponha, próxima da boca, a curva que existe entre o indicador e dedão. Agora fecha os olhos e imagina que esta é a boca do menino. Imaginou?

- Imaginei. Tô me sentindo uma otária, mas imaginei.

- Xô, xô, xô! Tire os pensamentos "estraga prazeres" da mente, antes que eles arruínem o treinamento e seus futuros beijos! Beijo bom é corpo arrepiado e mente cheia de desejos. Vamos lá! Imagina que a sua mão é a boca do menino, imagine a língua... começe com beijos leves, beijos suaves... agora deslize com tranquilidade a sua língua pelas curvas da mão e deixe a língua ir pra onde quiser... Relaxa o corpo, mulher! Dura desse jeito, você nunca será uma *expert*! Quem você andou beijando nos últimos anos, heim? Se faz isto com a sua mão, pobre dos garotos que você namorou!

- Eiiii! Dá pra parar de me achincalhar? Já perdi toda a concentração.

- Certo, parei. Voltando... pegue de novo o "L" da mão e comece tudo de novo.

Devagar, descobrindo e aumentando a intensidade do beijo... Isso, isso mesmo. Minha prima diz que beijo bom é aquele que um saboreia os lábios do outro até que a gente perde o fôlego e entra boca adentro como se a língua fosse um bandeirante desbravando uma mata virgem...

- Punnfff...

Segurei o riso no nariz, na tentativa de segurar a gargalhada, mas acabei dando uma babada no meu Murilo imaginário.

- Hahhahahahhahaha...
- Posso saber o que vocês duas estão fazendo no banheiro dos professores?

- Aaaaaaaaaaaaaa!

- Aaaaaaaaaaaaaa, caralho que susto Dona Olga! Quer matar a gente do coração?

- Humm, fodeu! – num sopro de voz e de riso, tentei avisá-la – Palavrão não, palavrão não, Marilu...

- Palavrão não? Punfff! Você acabou de falar "fodeu"! Por que eu não posso falar "caralho"?

----------> Continua

- A Esther me disse que vocês conversaram durante o Hino Nacional. Vocês sabem que isso é um desrespeito, não sabem?

Sacudimos a cabeça para baixo e para cima.

- Não me surpreende vê-la em minha sala, Marilu. Mas você, Alessandra? Até hoje nunca tivemos nenhuma queixa sobre o seu comportamento. Ao contrário, seu currículo escolar é um dos melhores da sua turma. Suas companhias sempre foram muito saudáveis e suas notas exemplares. Já você, Marilu, deveria envergonhar-se. Não contente em estragar o seu próprio futuro, agora pretende desvirtuar os bons alunos que temos? Pois saiba que eu não permitirei que isto aconteça. Alessandra, você pode ir. Reflita sobre este incidente e não volte a cometer os mesmos erros. A Marilu fica.

Não tive reação; nem verbal nem física.

- Vamos, pode ir.

Minha cabeça girava num misto de medo e vergonha. Eu tentei falar, tentei explicar que a Marilu era inocente, que eu é que estava desatenta na hora do hino, que ela só quis me alertar para que eu prestasse atenção... Levantei da cadeira com os joelhos trêmulos e, de cabeça baixa pela falta de coragem, saí em silêncio.

- Quando sair, feche a porta.

Dois nítidos caminhos surgiam à minha frente e, por inércia, eu segui o de costume. Sair daquela sala e deixar que a Marilu fosse punida sozinha, me garantia a imagem de boa aluna e belo exemplo, mas dali para a frente, eu teria que carregar no colo a minha vítima sem brios. Fechei, junto com aquela porta, um ciclo da minha vida. Um ciclo de poucos anos, mas o primeiro regido pela consciência. O forte barulho da porta de madeira maciça contra o batente ecoava como um chicote nas minhas costas. E doeu tanto, que foi impossível não perceber que aquele era o momento de deixar para trás a menina covarde e mal articulada que ditava as regras dentro de mim.

Toc, toc, toc...

- Entre.

- Eu posso entrar de novo?

- Esqueceu alguma coisa?

- Não, não dona Olga é que...

- Sim, diga.

- É que a Marilu não teve culpa de nada.

O silêncio permitiu que eu ouvisse as batidas do meu coração. Finalmente eu me sentia no caminho certo.

- Alessandra, não tente defender a Marilu. Ela já assumiu a culpa e já recebeu a advertência merecida.

- Não... Eu não sei o que ela disse à senhora, mas a culpa é minha. Eu estava distraída na fila e ela tentou me chamar a atenção. Mas aí a Esther viu, achou que estávamos conversando e nos trouxe para cá. A Marilu não teve culpa, mas como ela está acostumada a aprontar, acabou pagando o pato junto comigo.

- Sem gírias por favor.

- Sim, senhora.

- E o banheiro dos professores?

- Eu...

Não havia o que falar sobre o caso do banheiro dos professores, as duas eram culpadas.

-Estávamos muito apertadas...

Mentir para dona Olga era como ser imune ao cinto da verdade da Mulher Maravilha.

- Hum... E os palavrões?

- ...

- Estávamos treinando pra ver quem dizia o mais cabeludo.

- Silêncio, Marilu!

- A senhora tem razão dona Olga, foi uma atitude impensada. Levamos um susto quando a senhora abriu a porta e os palavrões escaparam. Não dissemos por mal. Se a senhora quiser podemos escrever na lousa cem vezes que estudaremos mais para melhorarmos o nosso vocabulário ou que pensaremos duas vezes antes de falar.

- Opa! Eu não. Pra que escrever, se você continua abrindo a boca sem pensar? Eu prefiro o meu dia de suspensão.

- Chega, Marilu! Aceito a sugestão da Alessandra. Vocês duas podem pegar a caixa de giz e irem até a sala dos professores. Usem a lousa de lá. Cinqüenta vezes cada uma está de bom tamanho. Isto e esses bilhetes.

- Que bilhetes?

- Estes. Quero que o pai e mãe das duas estejam cientes do que aconteceu. Amanhã, antes da primeira aula, quero os dois bilhetes assinados.

- Mas...

- Bem feito.

- Sem mas. Peguem seus bilhetes e a minha frase do dia. Aproveitem meu bom humor e o meu momento de inspiração: "Os maiores obstáculos transformam-se nas melhores recordações." Podem ir.

----------> Continua

Clique aqui para ler o Post I - A saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 09:09 AM | Comments (13)

AGOSTO 07, 2003

A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XII)

- Que papinho furado! "Maiores obstáculos"... "grandes recordações"... éca! E se eu vomitasse dentro dessa caixa de giz?

- Ergh! Deixa de ser nojenta, Marilu! E pára de frescura porque agora falta pouco.

- Se deu mal, hein?

- Nem me diga.

- Tirando a sua idéia patética de escrever na lousa, o resto foi muito legal. Não esperava isso de você.

- Acho que nem eu. Mas tudo bem, o pior está por vir. Se meus pais lerem este bilhete, adeus próximos finais de semana.

- Isso pode estragar seu encontro com o Murilo?

- Sim... foi a primeira coisa que pensei.

- Seus pais são tão bravos assim?

- São.

- Então só há um jeito de se livrar deste bilhete.

- Qual?

- Falsificamos a assinatura deles.

- De jeito nenhum! Enlouqueceu?

- A assinatura deles é muito complicada?

- Não, mas...

- Então está tudo certo! O que você fará depois da escola?

- Nada. Mas, Marilu, se nos pegarem falsificando as assinaturas dos nossos pais, teremos um problema muito maior.

- Nossos pais, virgula! Faço questão que os meus assinem. Eles não dão a mínima para o que eu faço ou deixo de fazer. Vou encher aquela casa de bilhetes e problemas escolares. Quem sabe assim, eles viram o disco e passam a brigar por outra coisa que não seja dinheiro. Depois da aula eu vou com você até a sua casa e te ajudo com as assinaturas. O que acha?

- Não sei...

- Deixa de ser bundona! Vamos?

Não tive escolha. Falsificar as assinaturas não me parecia uma boa idéia, mas era isto ou babau fim de semana, babau primeiro beijo.

----------> Continua

Meus dias de insônia resultaram em uma porrada de posts do videotexto e do primeiro beijo. Mas vou postá-los aos poucos senão mato vocês de tédio. Aguardem um post por dia até o final dessa semana. Beijoca no nariz!

Clique aqui para ler o Post I - A saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 12:02 AM | Comments (12).

AGOSTO 12, 2003
A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XIII)

Marilu adorou minha família - aquela que me dava nos nervos durante as vinte e quatro horas dos meus dias. Durante a tarde, ela brincou com os atentados dos meus irmãos, conversou sobre os artistas da TV com a minha mãe e achou o máximo a conduta exigente e simpática, exercida pelo meu pai. Fiquei surpresa como alguém tão sem limites poderia gostar tanto daquele quartel general. Almoçamos e em seguida, com a desculpa de que precisávamos fazer as lições do dia seguinte, nos trancamos no quarto para falsificar as assinaturas.

- Isso não vai dar certo...

- Claro, que vai! Deixa comigo.

- E se a dona Olga perceber?

- Relaxa, Alê.

- Pra você é fácil! Não está na minha pele.

- Preciso ver a assinatura, você tem algum documento deles aí? p

- Ridículo! Olha esse eme! Um horror! Me dá isso aqui!

- Toma sabichona, quero ver fazer melhor.

- Deixe-me ver... assim, assim e assim! Pronto.

- Uau! Você é o gênio da falsificação! Nunca vi ninguém fazer isso tão rápido.

Caímos na gargalhada.

- Até que ficou bom, mesmo.

- Bom é apelido! Isso está fantástico. Faz a do seu pai agora.

Respirei fundo e...

- Acho que é isso.

- Alê, está incrivelmente parecida. Não, pára tudo! Faz a minha.

Segundos depois...

- Alessandra, você tem o dom!

- Grande talento...

- Grande? Grandessíssimo! Podemos ganhar dinheiro se quisermos. Eu negocio e você assina. Dividimos meio a meio, o que acha?

Rimos, assinamos os bilhetes e fomos interrompidas pela campainha. Era a turma da rua chamando para andarmos de bicicleta. Mas, como estava muito frio, minha mãe deixou que assistíssemos sessão da tarde juntos. Apresentei a Marilu para a Tieta , para a Lu e para o Murilo e o Ivo que logo que entraram já se esparramaram pelo sofá e ligaram a TV.

----------> Continua

Clique aqui para ler o Post I - A saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 12:54 AM | Comments (12)

SETEMBRO 13, 2003
A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XIV)

Minha mãe só podia ter enlouquecido. Logo depois do almoço, todos saíram. Meu pai voltou para o escritório, meus irmãos foram para a escola e, mesmo assim, minha mãe deixou a molecada toda assistir TV em casa. Pra completar, ainda nos encheu de cobertores, almofadas, travesseiros, chocolate quente e saiu; simplesmente saiu. Eu não acreditei! Meu pai mal me deixava conversar com meninos e, de repente, minha mãe libera a casa e nos deixa sozinhos e de casal. Aquilo era inacreditável! A Marilu olhava pra mim incrédula. Já os meninos, achando tudo normal, não despregavam os olhos do bendito filme "As sete faces do doutor Lau".

Foi minha mãe bater o portão, pra Marilu e eu pularmos de alegria. Pulávamos, ríamos e dávamos aqueles gritinhos irritantes misturados com risos e mensagens cifradas que só as pirralhas insuportáveis entendem.

- Olha a frente aí, ô filha de vidraceiro!

- Silêncio, mulherada...

Os dois babacas nem se deram conta da situação - homem é realmente um bicho devagar! Eu notei que a Marilu olhou diferente para o Ivo assim que bateu o olho nele, mas não imaginei que a danada fosse agir tão rápido. Indignada com a falta de visão dos garotos, ela pegou um dos travesseiros e disparou contra a cabeça dos dois. Foi o suficiente para iniciarmos uma guerra de travesseiros que botou o doutor Lau no chinelo.

Viramos a casa do avesso. Poltronas serviram de escudo, o tapete saiu do lugar, quebramos uma lâmpada do lustre... Estouramos uns quatro travesseiros. Era espuma pra tudo que era lado. Uma festa, uma delícia de festa que fez com que perdêssemos a consciência da bagunça que estávamos aprontando.

De uma forma muito ingênua, aquela não passava de mais uma das nossas brincadeiras de criança. Uma brincadeira mais do que comum, mas que, acrescida dos nossos hormônios e da nossa empolgação de ter a casa só pra nós, causou um estrago quase irreparável.

O anta do Murilo, sem mais nem menos, se jogou em cima de mim. Caí estatelada no chão com o garoto sobre o meu corpo. Morta de vergonha, mas adorando a sensação de tê-lo tão próximo, danei a fazer charme e a me debater para que ele me soltasse. Não que eu quisesse, mas dizia.

- Murilo, me solta!

- Não.

- Solta ou eu...

- Eu o quê?

- Eu... eu não falo mais com você.

- Só solto se você me der um beijo.

- De jeito nenhum!

- Então diz que aceita namorar comigo...

- Não! Você prometeu esperar até amanhã.

- Por causa de um dia? Só um beijo! Custa?

- Você já terminou com as meninas que você estava enganando?

- Não exagera. Era uma menina só! E eu já terminei.

- Jura?

- Juro.

- Se você não terminou com ela e me fizer de boba eu...

- Você o quê?

- Eu... eu...

Por muito pouco não nos beijamos. A porta da sala foi aberta repentinamente e minha mãe...

Vocês podem me explicar o que está acontecendo aqui?

----------> Continua

Clique aqui para ler o Post I - A saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 12:00 AM | Comments (31)

SETEMBRO 15, 2003

MAIS UM: A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XV)

Antes que um de nós reagisse ao flagrante da minha mãe, a Marilu, com toda sua genialidade, deu um murro na cara do Ivo. Um murro! Um belo de um murro na bochecha. O garoto ficou atordoado e a empurrou causando exatamente a reação que ela queria. Ela continuou. Partiu pra cima dele dizendo:

- É briga, dona Maria! É briga! Esses meninos só sabem bagunçar...

E desatou a falar... Disse que eles tinham começado aquela bagunça, que eram dois irresponsáveis, encrenqueiros... - tudo para que eu, o Ivo e o Murilo compreendêssemos a mensagem e começássemos uma briga de verdade. E foi o que fizemos. No momento seguinte, eu estava grudada nos cabelos do Murilo, o Ivo tentava segurar a Marilu dando-lhe uns croques e o Murilo gritava:

- Puxão de cabelo não, puxão de cabelo não...

Diante daquela cena, a primeira impressão da minha mãe mudou completamente. Marilu foi brilhante! Quem poderia dizer que aquilo não era uma briga de adolescentes? Perplexa, minha mãe abandonou sua posição de xícara e tentou controlar a situação. Bastaram alguns berros e vassouradas nas nossas poupanças para que fizéssemos silêncio e ela pudesse dar a sua bronca.

- Chega! Não quero mais ouvir um piu! Deixo vocês sozinhos por uma hora apenas e vocês destroem a casa.

- Os meninos que começaram...

- Chega, Alessandra! Eu não quero saber quem começou e muito menos como começou. Vão os quatro arrumar a sala e depois, vocês três podem ir para as suas casas. Quanto a você, esqueça sair de casa por uma semana.

- Uma semana? Mas você disse que amanhã eu podia dormir na casa da Marilu...

- Não me faça repetir uma só palavra do que eu disse. Será da escola pra casa e de casa para a escola.

- ...

- Vocês entenderam?

Sacudimos nossas cabeças e obedecemos. Se a Marilu não tivesse simulado a briga, o castigo seria muito pior. No final, foi fácil. Tão fácil que, enquanto colocávamos os móveis em ordem, um olhava para o outro e tampava o nariz e a boca para não rolar de rir.

Mesmo assim, eu estava arrasada. Uma semana de castigo implicava em cancelar meu encontro do dia seguinte. Meu primeiro beijo estava arruinado...

Marilu percebeu minha tristeza e abaixou ao meu lado para juntar os cacos:

- Não se preocupe, eu tenho um plano. Conversaremos na escola amanhã cedo.

Piscou pra mim e voltou a varrer o chão.

----------> Continua

Clique aqui para ler o Post I - A saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 04:28 PM | Comments (15)

SETEMBRO 16, 2003
OUTRO: A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XVI)

No dia seguinte, depois de passar a noite pensando no que fazer, fui ouvir a minha amiga.

- Oi, sabichona

- É assim que você cumprimenta quem salvou a sua vida?

- Admito que ontem você se superou. A hora que eu vi você dando aquele soco no Ivo, eu não acreditei.

- Morri de medo que vocês não entendessem nada.

- Foi arriscado mesmo...

- Você precisava ver a reação do Ivo quando saímos da sua casa. Foi muito engraçado. Nunca imaginei que alguém me agradeceria por levar um tabefe.

- Eu imagino! De que outra forma eu poderia explicar o que o Murilo estava fazendo em cima de mim? Minha mãe realmente acreditou que era uma briga!

- Pais acreditam no que querem. Acham que a gente não tem vida própria.

- Até levarem o primeiro susto.

- Alguns, nem depois do décimo quinto...

- Mas me conta. Quero saber tudo o que vocês conversaram.

- O Murilo gosta mesmo de você, menina! Não entendo porque você não contou pra ele que nunca beijou na boca.

- E quem disse que eu nunca beijei?

- Ah, Alê! Pra cima de mim, não. Não precisa ter vergonha de mim. Além do mais, você faz tempestade em copo d'água com essa história.

- Você que está dizendo...

- Pára, Alê! O cara gosta de você, estava de rolo com duas meninas, terminou com as duas e você fica com frescura. Ele teria compreendido se você tivesse contado.

- E se risse de mim?

- Você já tropeçou e caiu de bunda com um monte de gente olhando?

- Você faz cada pergunta, Marilu... Já! Por que a pergunta?

- Porque pior do que isto não seria.

- Você que pensa...

- Menino nenhum riria de uma situação dessas, Alê. Se eles gostam tanto de meninas virgens, você acha mesmo que eles se importariam de ensinar a beijar?

Duvido!

- Você já transou?

- Isso não vem ao caso.

- Custa contar?

- Papo furado, Alê! Vamos pensar no que precisa ser feito hoje.

- Você não falou sobre essas coisas com eles, falou?

- Claro que não! Mas bem feito pra você. Quis bancar a experiente e perdeu uma semana se descabelando de preocupação porque é tonta e vai na onda dessas meninas babacas da sua classe.

- Pra você tudo é fácil...

- E não é fácil?

- Do jeito que você fala parece que nada te abala...

- Abala... mas não vou deixar de viver pra remoer inseguranças. Adianta? Não. Tem como fugir? Não. Então, o jeito é enfrentar.

- O que mais vocês conversaram?

- Que hoje eu vou dormir na sua casa.

- O quê? Enlouqueceu? Você não ouviu nada do que a minha mãe disse?

- Ouvi.

- E?

- E aí que você é uma garota de sorte. Hoje vai rolar uma chuva de meteoros. Os jornais estão dizendo que, talvez, dê para ver.

- Pirou Marilu? O que isso pode ajudar?

- Santa ingenuidade! Deus te dá uma chuva de meteoros e você não sabe o que fazer com ela. Eu digo o que faremos. Diremos à sua mãe que eu preciso dormir na casa de vocês porque nós precisamos fazer um trabalho sobre meteoros. Desculpa simples e eficiente.

- Você deve ter algum problema mental! Só pode ser. Suponhamos que ela deixe. Me diga como os meteoros contribuirão para o meu encontro?

- Já pensei em tudo. Eles vão andar de bicicleta na sua rua durante a noite. Aí, é só você convencer seus pais de que precisamos ver a chuva de meteoros para fazer o trabalho. E qual o melhor lugar para ver o céu? Hein, hein?

- Não sei...

- A rua, Alê!

- Eu sei, Einstein! O que eu não sei é se eles deixarão.

- Relaxa, garota! O plano é perfeito.

- Será?

- Deixa comigo. Aliás, bonitinho aquele Ivo...

- Eu sabia!

- Alê!

- O quê?

- Os bilhetes! Você esqueceu? Precisamos entregar hoje.

- O meu está aqui. E o seu?

- Esqueci. Meus pais não assinaram. E agora?

- Sua carteirinha escolar está aí?

- Está.

- Tem a assinatura deles?

- Você está falando sério?

- Deixa eu ver.

- Eu devo ser realmente uma má companhia.

- Ué! Abalou?

- Engraçadinha...

- Agora estamos quites.

Rindo, mas preocupadas com a reação da diretora diante das assinaturas falsificadas, entramos na fila para cantar o Hino Nacional.

----------> Continua

Clique aqui para ler o Post I - A saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 07:39 PM | Comments (20)

SETEMBRO 22, 2003
A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XVII)

Nos apresentamos à diretora, mostramos os bilhetes falsificados e aguardamos enquanto ela ajeitava os óculos e conferia as assinaturas. O silêncio do ambiente era perturbador, mas antes que se tornasse insuportável, ele foi quebrado pela campainha do telefone.

Dom Duarte... Alô, alô, alô... Fale um pouco mais alto... Sim... Como vai dona Maria? Sei... Sim, está aqui na minha frente.

O que era aquilo? Filme de terror? Senti meus olhos lacrimejarem e minhas pernas adormecerem. Por que minha mãe ligaria para a escola? Marilu segurou minha mão e fez um sinal para que eu procurasse me manter calma. Não adiantou. O rumo da conversa era aterrador.

- A senhora não se preocupe porque está tudo sob controle... Nada que não possa ser corrigido... Claro... Acabei de lê-lo... A senhora fique tranqüila porque sua filha está em boas mãos.

Comecei a chorar. Não conseguia segurar uma gota de lágrima. A diretora, de costas pra nós, falava ao telefone e, a cada palavra que ela pronunciava, eu via nitidamente a minha mãe do outro lado da linha. Que ingenuidade a nossa achar que falsificar as assinaturas dos nossos pais resolveria o problema! Diante da cena patética de me ver chorando de medo, a Marilu passou a mão por trás da cadeira e me deu um beliscão nas costas. Doeu tanto que precisei respirar fundo para não dar na cara dela. Senti um ódio tão grande que parei com o choro e me recompus.

Quando a diretora virou novamente o corpo para nós, apesar de roxa de ódio e rosto esfregado, eu já não dava mais tanta bandeira de preocupação. Estava pronta para o pior, mas estava com mais raiva da Marilu do que medo da minha mãe ou da diretora.

- Marilu você pode ir para a sala de aula. Alessandra fica.

Estremeci, mas pelo menos não chorei. Foi a vez da Marilu bambear. Ela ficou como barata tonta, não sabia se ia, se ficava, se argumentava...

- Saia e deixe a porta aberta. Quero ouvir os seus passos bem longe daqui.

Sem escolha, Marilu saiu da sala e me deixou a sós com a dona Olga. Durante alguns segundos, ouvimos em silêncio o solado do Conga chiando contra o piso de cerâmica.

- Alessandra, eu quero te pedir um favor.

Favor? Que tipo de favor?

- Favor? Claro, dona Olga.

- Eu quero que você cuide da Marilu.

O quê? Ela devia estar brincando. Será possível que não era minha mãe do outro lado da linha? Que papo era aquele? Desde quando a Marilu precisava de cuidados? Ela era capaz de cuidar daquela escola inteira, inclusive da própria dona Olga.

- Como assim dona Olga?

- Sabe minha filha, alguns amigos operam verdadeiros milagres nas nossas vidas. E é por este motivo que estou pedindo a sua ajuda. Você é muito nova para compreender a dimensão do que eu estou dizendo, mas vou apostar na sua sensibilidade. Marilu é uma menina com muita personalidade, mas ainda é uma menina. E é importante que você acredite que ela precisa tanto de você, quanto talvez você precise dela.

- Desculpe, dona Olga, mas eu não entendi o que a senhora quer que eu faça. Ela tem algum problema?

- Problemas, todos nós temos. Mas o que eu quero é que você não deixe de se impôr com a Marilu. Não se sinta deslumbrada com as idéias mirabolantes dela, faça valer as suas, combinado?

Era tudo muito confuso, mas eu só queria sair daquela sala.

- Tudo bem.

- Assim espero. Um dos sinais de que você estará cumprindo o prometido, será se mantendo longe desta sala. E isso vale pra vocês duas.

Concordei novamente e pedi licença para me retirar. Fechei a porta e respirei aliviada. Nada de assinaturas falsas, telefonemas e nada da minha mãe. Eu não sabia se ria ou se chorava, mas acabei rindo ao ver a Marilu no corredor, só de meias e na ponta dos pés, tentando se aproximar da sala da diretora para saber o que estava acontecendo. Era uma palhaça...

----------> Continua

Clique aqui para ler o Post I - A saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 04:49 PM | Comments (38)

SETEMBRO 30, 2003

A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XVIII)

- O que aconteceu?

- Nada! Acredita?

- Nada? Não era sua mãe no telefone?

- Achei que fosse, mas parece que não era.

- Como assim "parece"?

- A dona Olga não tocou no assunto...

- E falaram sobre o quê esse tempo todo?

- Nada.

- Pára, Alê!

- Juro! Um papo furado sobre bom comportamento e só.

Pela expressão da Marilu, minha versão dos fatos não foi muito convincente. Mas eu não quis falar sobre. Imaginei que, se eu contasse sobre as insinuações da diretora, ela voltaria lá para tirar satisfações. Desconversei e ela não insistiu.

- Bom, vou pra sala de aula.

- Esquece, a professora de matemática faltou.

- De novo?

- Graças a Deus! Duas aulas vagas seguidas. As meninas conseguiram que liberassem a rede de vôlei. Você vai jogar?

- Não. Preciso estudar. Tenho que terminar o trabalho de geografia.

- Quer ajuda?

- Sua? Está brincando?

- Por que estaria? Não é porque eu sou à toa que eu sou burra. É sério! Tudo bem que é uma das únicas matérias que eu mando bem, mas de burra eu não tenho nada.

- Nunca achei que fosse. Só acho você desinteressada.

- Por sala de aula? Pode ser... Mas não pela vida.

- É uma boa resposta, mas conveniente.

- Bom, pense o que quiser. Só estou oferecendo ajuda porque está um tédio no pátio. Eu até jogaria, mas não gosto daquelas garotas.

- Que garotas?

- Da Julia e da Marina. Elas que descolaram a rede.

- Ah, é? Eu também não gosto delas.

- Não? Achei que fossem amigas.

- E éramos. Antes delas revelarem suas facetas do mal.

- Que história é essa?

- Peguei as duas falando de mim pelas costas e desde então não somos mais tão amigas assim. Não parei de falar com elas, mas acabou a proximidade.

Marilu desatou a rir...

- Quando? Como foi?

- No banheiro aqui da escola. Já faz tempo.

Contei toda a história do flagrante do banheiro. Quer dizer, tentei contar. Quando ela não ria, fazia um milhão de perguntas paralelas.

- Que caras de pau!

- É. Mas a raiva já passou. Além do mais, foi bom eu ter ouvido o que elas disseram sobre mim. Foi no começo da amizade...

- Cara, como pode? Você é muito metida a "boa samaritana". Deveria ter saído de trás da porta e enfiado a mão na cara delas.

- Marilu, eu não sou como você.

- Deveria. Teria adquirido respeito.

- Existem outras maneiras de se adquirir o respeito das pessoas. A questão é que, delas, eu não quero nada. É como se elas não existissem mais. Não quero respeito, não quero amizade, não quero nada.

- O velho hábito de ignorar... Ignorar é péssimo! Você ignora e tudo continua como está. Um filha da puta só pára quando alguém mete a mão na cara dele.

- Não acredito. Nunca conheci um maledicente que não fosse carente de atenção. Ou é carência, ou auto-afirmação. Neste caso, revidar pra quê?

- Não acho nada disso. Filha da puta é filha da puta e pronto! O resto é desculpinha pra boi dormir. Essas meninas tem prazer em falar mal das outras pessoas. É um esporte para elas.

- Todo mundo fala mal dos outros, Marilu! Eu falo mal, você fala mal, elas falam também.

Ela me olhou com cara de paisagem por um instante e...

- Você tem razão. Somos todos um bando de filhos da puta! Vem, eu tenho uma idéia. Isso não pode ficar barato desse jeito.

- Que idéia, Marilu? Isso aconteceu há um tempão!

- Não interessa. Vem.

----------> Continua

Clique aqui para ler o Post I - A saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 10:32 AM | Comments (25)

OUTUBRO 03, 2003

A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XIX)

- Interessa sim! Diz logo o que você está pensando.

- Precisamos entrar na sala de recreação.

- Você é louca? Fazer o quê na sala de recreação?

- Pegar umas coisas emprestadas.

- Pegar o quê, Marilu? A sala fica fechada a maior parte do tempo!

- Eu sei. Por isso mesmo que podemos entrar.

Caminhei atrás dela fazendo perguntas, mas de nada adiantou. Fomos parar atrás da escola.

- Pronto! Sabe subir em árvores?

- O que você quer fazer?

- Vai subir ou eu subo sozinha?

Lembrei da minha promessa à diretora e parei de fazer perguntas. Pensei em virar as costas e ir embora, mas sozinha ela acabaria encrencada.

- Ok, eu subo! Mas me diz antes o que você pretende fazer.

- Está vendo aquela janela ali?

- Não, Pedro Bó...

- É a janela da sala de recreação.

- Há quantos anos você acha que eu estudo aqui? Acha que eu nunca vi essa janela antes?

- Pode ter visto antes, mas certamente não sabe que ela não tem tranca.

- Marilu, você é muito trombadinha! Que tipo de gente confere as trancas das janelas da escola?

- Você não imagina a utilidade desta informação. Lá dentro tem tudo o que precisaremos.

- Eu não preciso de nada!

- Como você é chata! Deus do céu! Quer a lista? Uma peruca loira, um pano branco e um pouco de algodão.

- Enlouqueceu de vez... Quer o quê? Sair por aí de mulher loira?

- Isso! Isso mesmo!

Às vezes era difícil conversar com a Marilu sem cair na gargalhada. Ela contava seus planos com as expressões mais insanas. A mulher loira era uma lenda que aterrorizava meio mundo na escola. Aliás, em várias escolas. Uns a chamavam de mulher loira, outros de loira do banheiro ou de loira do algodão, mas todos falavam das supostas aparições da assombração. Várias eram as versões sobre a sua morte. E, durante muitos anos, me perguntei se elas não foram inventadas para assustar alunos indisciplinados.

- Você acredita nessa estória?

- Acredito.

A cara dura respondia absurdos com a maior pinta de séria.

- Acredita em que mais? Mula sem cabeça e sexo só depois do casamento?

- A mulher loira sou eu.

Ela bem que tentou, mas não conseguiu segurar o riso.

- Conta de uma vez...

- Já me vesti de mulher loira várias vezes para assustar os trouxas que tem medo dela. Já entrei até no banheiro dos meninos.

Sentei no chão pra rir melhor, enquanto a destrambelhada escalava o tronco da árvore. Como alguém poderia evitar que aquela louca se metesse em confusão?

- É sério! Uma das minhas expulsões foi por causa disso. Botei uns dez moleques pra correr com as calças na mão. Não teve jeito. Fui expulsa.

- Cara, você é completamente pinel!

- Essa estória da mulher loira é mais velha que a minha mãe. Não entendo como tantos babacas acreditam nela. Vai ficar aí embaixo?

Ela estava prestes a abrir a janela e pular para a sala de recreação. Como o papo estava engraçado, não resisti e fui atrás. Coisa boa que aquilo não daria, mas era impossível ficar de braços cruzados diante de um plano maquiavélico da Marilu.

----------> Continua

Clique aqui para ler o Post I - A saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 11:59 PM | Comments (25)

OUTUBRO 15, 2003

A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XX)

Pulamos a janela e entramos na sala de recreação.

- Marilu, falando sério: por que vestir-se de mulher loira?

finge que viu a mulher loira, finge um susto e sai gritando: Mulher loira! Mulher loira! Em seguida eu saio do box para que as outras meninas me vejam.

Segurei o riso...

- Você não vai durar muito nessa escola... Não há o que eu possa fazer... eu desisto.

- Alê, eu já fui expulsa de três escolas, esqueceu? Acha mesmo que estou preocupada com isso?

- E os seus pais?

- Não importa o que eles acham! Que papo furado! Você nem parece que tem a idade que tem! O que interessa agora é vingarmos você daquelas duas patetas.

- E quem você acha que é, pra sair vingando os outros?

- Acho que eu sou sua amiga. Ou tenho sido, pelo menos. Acho que isso é só uma brincadeira e você deveria estar se divertindo e não me dando lição de moral. Alê, custa? Imagina a cena, caramba!

Por vingança eu realmente não me disporia a participar do teatro que ela tinha em mente, mas por diversão... O plano era sensacional! Eu conhecia a Julia e a Mariana melhor do que a Marilu e tinha certeza de que as duas se borrariam de medo. Era uma idéia genial. Seria engraçadíssimo e eu, apesar de querer de verdade que a Marilu não se metesse mais em confusão, não podia resistir à tentação daquela farsa.

- Vamos pegar o que for preciso e sair daqui.

- Ah, não acredito! Obrigada. Sabia que você não era tão molenga quanto parecia.

- O que?

- Brincadeirinha, brincadeirinha, brincadeirinha...

Araras e baús escondiam roupas, acessórios e bugigangas de várias peças de teatro que os alunos apresentaram no decorrer de anos. Não encontramos um lençol branco. Mas encontramos uma espécie de vestido de noiva que caiu como uma luva no personagem da mulher loira. Achamos algodão, maquiagem de palhaço e uma peruca amarela de fios longos e embaraçados. Não deu tempo de arrumar coisa melhor. Enfiamos tudo em uma sacola de plástico e voltamos para o banheiro das meninas.

Marilu se arrumou rápido. Botou o vestido em cima da roupa, encheu o rosto de pó de arroz, enfiou algodões nas narinas e ajeitou a peruca. Eu fiquei do lado de fora, esperando o jogo de vôlei acabar. E foi aí que tudo começou a dar errado.

----------> Continua

Clique aqui para ler o Post I - A saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 12:02 AM | Comments (21)

OUTUBRO 16, 2003
A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XXI)

O jogo não acabava nunca. Minha irritação teria sido controlada se fosse somente uma questão de tempo, mas não era. Os dois times eram tão ruins, que eu chegava a me contorcer de indignação. Pra encurtar meu sofrimento, levantei da mureta, entrei na quadra, roubei o apito do garoto que mais atrapalhava do que arbitrava, esbravejei regras e passei a apitar direito a partida. Não que eu tivesse esquecido que a Marilu estava mofando no banheiro com seu traje de mulher loira, mas aquele jogo estava de dar dó. Com o apito nas mãos, eu achei que o último set acabaria mais rápido. E acabaria, se a quadra não tivesse sido invadida pelos meninos do colegial com seus shorts curtíssimos e pernas musculosas e cabeludas à mostra. Foi um espetáculo! Aquilo sim que era jogo! As bolas atravessavam a quadra em uma velocidade digna de tirar o fôlego de qualquer garota. Intimidadas, as molengonas cederam espaço para os grandalhões. E, para a minha felicidade e desespero, os estupendos pediram para que eu continuasse apitando.

Como eu poderia recusar um pedido coletivo dos corpos mais disputados da escola? Eu mal conseguia respirar, quanto mais pensar! Balbuciei qualquer coisa ininteligível, apertei os lábios e soltei um sim seguido do outro, que só não ficou mais patético porque, ao som dos urros que eles davam na quadra, minha voz soava como os pios de uma franga recém-nascida. Por um breve momento, eu, uma pirralha, tive sob o meu comando todo aquele monte de coxas. Breve, porque eu mal acabei de apitar o inicio do jogo e fui interrompida por uma histeria coletiva de garotas que saiam aos tropeções do banheiro. A mulher loira havia entrado em ação.

Saltei do alto do meu posto de juíza e corri para salvar a pele da Marilu. Não demoraria muito para que a Esther fosse avisada e levasse todos os suspeitos para a diretoria.

----------> Continua

Clique aqui para ler o Post I - A saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 09:38 PM | Comments (20)

OUTUBRO 17, 2003
A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XXII)

Apavoradas, algumas garotas saíam das cabines aos berros. A bagunça tornou-se ainda maior porque aconteceu bem na hora que o sinal tocou. A gritaria chamou tanto a atenção que, em poucos minutos, uma aglomeração se formou em frente ao banheiro para saber o que tinha acontecido. Com muito custo, consegui romper a barreira e entrar para tirar a Marilu de lá. A encontrei em uma das cabines, enfiando o vestido na sacola e lacrimejando de rir.

- Vamos embora daqui rápido!

- Onde você se meteu? Perdeu o melhor da festa!

- Marilu, corre! A Esther não vai demorar muito pra pegar a gente aqui.

Colocamos a peruca na sacola e saímos às pressas. Roxa de tanto rir, a Marilu mal conseguia correr. Puxei-a pelo braço e gritei por nós duas:

- É de verdade! É de verdade! Sai da frente! Ela está lá no fundo! Sai, sai, sai.

Escapamos por um triz. Assim que nos livramos da multidão, o Kiko, ciente da fama da Marilu, veio ao nosso encontro.

- Alê, por aqui! Por aqui!

Atento ao movimento, ele viu a Esther vindo por um corredor e nos guiou por um outro caminho.

- Foram vocês?

- Jura que guarda segredo?

- sßLUiç(yUuç(L!"ê"UFç(ê!0L"LUiç("ú!0Xx0U!ç(ú!X>L>U ç"!0ú00"UOçê!ú0"0úUnç(L!"êê0Udç(ê!yúúLú

- Eu devolvo. Marilu, lava este rosto. Vão desconfiar se te pegarem borrada desse jeito. Eu já volto.

Nunca se viu tantos alunos na diretoria como naquela tarde. Um interrogatório que atrapalhou o cronograma de aulas do dia todo. Meninas chorando, novas versões surgindo a todo instante e um fuzuê que tornou a verdade impossível de ser descoberta. É claro que a Marilu foi a principal suspeita. Mas ela tinha o melhor álibi. Cara a cara pela segunda vez com a dona Olga, eu jurei de pés juntos que a Marilu estava ao meu lado o tempo todo. E como eu estava apitando o jogo e tinha doze rapazes de testemunha, ninguém mais poderia dizer que não. Em outros carnavais eu não teria mentido com tamanha facilidade, mas foi a própria dona Olga que pediu para eu livrar a Marilu de encrencas. Passado o algazarra, a Marilu me contou como tudo aconteceu.

- Putz, desculpa. Eu vacilei.

- Foi ridículo! Uma pena você não ter visto. Como você não vinha nunca e o banheiro já estava lotado, eu não resisti. Olhei pela fresta da porta e vi a Mariana escovando o cabelo, bem próxima da cabine onde eu estava. Fiz um teste só pra experimentar e atravessei correndo de uma porta a outra. Foi o suficiente, não precisei fazer mais nada. Acho que ninguém viu nada direito, mas todas se assustaram com o vulto branco e o estrondo das portas batendo. Nunca vi gente tão medrosa na vida. Mas não teria tido a menor graça se eu não tivesse visto com meus próprios olhos a bunda branca da Júlia levantando da privada e saindo no pátio com as calças arriadas e um filete de papel higiênico preso no elástico do moletom.

Não se falou em outra coisa durante semanas e, naquele dia, a confusão foi tão grande que alguns pais foram acionados para pegar o filho na escola. Minha mãe foi uma delas! Não que eu tivesse pensado em ligar, mas a Marilu entrou na fila e ligou correndo para minha casa. Contou o ocorrido, disse que estávamos muito nervosas com a visão do fantasma e perguntou se minha mãe não poderia reconsiderar o sermão do dia anterior e deixá-la dormir em nossa casa. Não somente pelo fato de termos visto a mulher loira, mas porque tínhamos também um trabalho sobre chuva de meteoros para fazer. Diante do inusitado, minha mãe cedeu. Meu encontro com o Murilo parecia estar a salvo.

----------> Continua

Clique aqui para ler o Post I - A saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 10:32 PM | Comments (31)

OUTUBRO 25, 2003

A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XXIII)

Marilu tinha o dom de transformar o mundo em um *playground*. Como é que alguém com quinze anos podia ser tão descolada e esperta, eu não fazia a menor idéia, mas conviver ao seu lado era um aprendizado danado. Depois de conseguir mobilizar a escola toda com a aparição da mulher loira, sentamos em uma mureta do estacionamento e esperamos a minha mãe chegar. O Kiko se aproximou de nós. Sem pressa, sentou e nos fez companhia.

Os dois só se conheciam de vista. Aproveitei o momento de sossego e tratei de apresentá-lo decentemente à Marilu, que mal havia reparado nele.

Desde o flagrante do banheiro, o Kiko tornou-se um dos meus amigos mais próximos. Devido à pouca idade, ainda não tínhamos intimidade e muito menos a desenvoltura necessária para falarmos sobre alguns assuntos, mas passávamos horas conversando sobre música, política e pessoas – nossos assuntos prediletos. Ele não só me enchia de discos para ouvir, como também me contava tudo sobre os Titãs do Iê-Iê (primeiro nome dos Titãs), Ramones, Plebe Rude, Camisa de Vênus, Aborto Elétrico (banda punk de Brasília por onde passou Renato Russo e outros músicos que participaram do cenário musical dos anos oitenta). Em uma época onde todo rebeldezinho desfilava uma lança pendurada no corpo e se dizia punk, o Kiko mostrava que a rebeldia adolescente podia nos levar a aderir a movimentos, sem que houvesse necessidade de torna-se uma aberração ambulante. Ele era um sujeito normal. Ignorava qualquer tipo de moda, era um excelente ouvinte e tinha um interesse incrível pelas pessoas. Podia passar horas conversando com quem quer que fosse. Autêntico, questionador e com um leve traço de tristeza no olhar, ele só queria mudar o mundo.

A Marilu ficou surpresa quando soube que ele era filho de ex-exilados políticos. Quis saber tudo sobre a vida dele e não parou de lhe fazer perguntas. Eu sabia das suas histórias, mas era sempre bom ouví-las novamente. Às vezes eram um pouco tristes, faziam parte não só do ambiente onde ele se criou como também da história do país que nós desconhecíamos. Se não fosse pelo Kiko, nossos conhecimentos sobre o que foi o período da ditadura no Bs dhs êo, nossos conh(X"O!xH7nFn"f g nL0>fX0Lê!X!Lxú>0Ucç

de Itu. Uma semana depois ele foi entregue aos avós. Os pais escaparam a pé pela fronteira e moraram em alguns países da América do Sul, clandestinamente.

Sob os cuidados da avó e de uma tia, ele cresceu assistindo a família lutar contra a ditadura. Viu com os próprios olhos o avô ser levado de casa por policiais inúmeras vezes. Eles invadiam a casa e o levavam sem dar nenhum tipo de explicação. Um de seus tios nunca mais voltou. Disseram que foi suicídio. Mas seu corpo foi encontrado cheio de hematomas, marcas de queimadura e outros tipos de agressões que o avô se recusava a contar.

Nove anos depois do seu nascimento, o governo brasileiro decretou uma lei que concedeu anistia política para aqueles que lutaram contra a violência ilegítima daquele período e, conseqüentemente, para aqueles que abusaram do poder. Os pais do Kiko voltaram ao Brasil, mas nenhum militar, delegado ou governante foi punido pelo tempo que eles viveram sem o filho, pelas humilhações que a família sofreu e, tão pouco, pela morte do tio.

- Mas isso não pode ficar assim! – a Marilu estava vidrada na história da vida do Kiko.

- Meu avô costuma dizer que o que passou, passou, mas é bom que o passado esteja forte dentro de nós. Ele diz que é o único jeito de não repetirmos um erro.

A buzina do carro da minha mãe interrompeu a conversa. Nos despedimos do Kiko e entramos no carro. Marilu estava quieta. Tomamos banho, almoçamos e fomos jogar *Stop*.

- Cor com "F"?

- Flicts.

- Flicts não é cor, Marilu!

- Claro que é! O Ziraldo que inventou!

- Sem essa, Marilu! Problema dele se ele decidiu inventar moda pra falar do que é bege. Isso não vale.

- Quem disse que flicts é bege? Pega o livro! Não é bem bege, é mais ou menos bege.

- Não vou pegar nada.

- Ok, você ganhou. Ponto pra você.

- Como assim? O que deu em você? Você nunca desiste fácil desse jeito.

Ela abaixou a cabeça e suspirou.

- Não consigo tirar o Kiko da cabeça.

Guardei os papéis. Acostumada a não levar ninguém a sério, a Marilu perdeu em poucos anos as contas de quantas bocas sentiu o gosto, mas naquele momento ela estava assustada. Era paixão. E era a primeira vez que acontecia. Saímos pra conversar.

----------> Continua

Clique aqui para ler o Post I - A saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 08:16 PM | Comments (42)

NOVEMBRO 01, 2003

A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XXIV)

A paixão nos tira a graça quando acontece pela primeira vez. Não para sempre - com o tempo aprendemos a domá-la, mas no começo ela parece incontrolável. Graças a deus, nesta fase, ela assusta, mas tem os dias contados. A gente até acredita que ela morrerá conosco, mas ela passa. Sempre passa. Dói pra cacete e não há nada no mundo que cure as dores que ela traz. Às vezes, a cicatriz é tão profunda que nos faz olhar pra ela a vida inteira, mas a dor acaba. Paixão de adolescente, ou destrói um pouco do mundo que construímos, ou nos aprisiona. Foi o que aconteceu com a Marilu. Ela era livre, até que se apaixonou. O Kiko monopolizou sua mente, roubou-lhe o sorriso e tomou seu coração. Ela não conseguia se concentrar em mais nada. Por horas, eu fui obrigada a contar tudo o que sabia sobre ele, sua vida, namoradas passadas, família e interesses. Mesmo ansiosíssima com a proximidade do meu primeiro beijo, não pude deixá-la sem as respostas que precisava sobre o moço que, dali pra frente, mudaria a sua vida. O dia acabou. Minha espera também chegava ao fim. Meus pais, que haviam deixado a Marilu dormir em casa, contrariando todo o sermão do dia anterior, decidiram implicar na hora da chuva de meteoros. Não nos proibiram de olhar para o céu, não teria lógica, já que eles acreditaram na estória do trabalho escolar, mas teríamos que fazê-lo do portão para dentro e não na rua. Foi uma decepção, mas não houve nada que pudéssemos fazer. Nos contentamos em ficar na garagem que nos separava da rua somente por um portão de grades. Dali, seria possível conversarmos com os meninos e olharmos os meteoros que os jornais prometeram. O céu fechou. As nuvens esconderam as estrelas e a minha família desistiu de manter o pescoço virado para a lua. Eu e a Marilu imploramos

pra ficar. Eles deixaram. Barra limpa, não demorou muito para o Murilo e o Ivo chegarem montados em suas bicicletas e se aproximarem do portão.

Conversamos um pouco - eles do lado de fora, nós do lado de dentro. Não teve mesmo jeito. Rimos das marcas roxas que a Marilu deixou no Ivo com a guerra de travesseiros e, pouco depois, os dois decidiram subir no muro pra conversar e me deixaram a sós e entre as grades com o Murilo. Eu não podia mais fugir. Ele começou:

- E então?

- Então...

Minha voz não saía. Ele riu e me pegou pelas mãos.

- Eu sei, é que você não tem uma fama muito boa e você sabe disso.

- Com você é diferente.

- Você deve dizer isso para todas as meninas.

- Você acha que eu teria esperado até agora a sua resposta, se eu não gostasse de você?

Abraçou-me como pôde. Eu recuei mais um pouco, mas mantive minhas mãos entrelaçadas as dele. Mudei de assunto na tentativa de ganhar tempo:

- É, pelo visto será impossível ver esta chuva de meteoros. O céu está muito nublado. Nem a lua deu as caras.

- Só o fato desta notícia ter permitido que os seus pais deixassem você ficar aqui hoje já foi suficiente.

- Foi uma boa desculpa...

- A gente pode dizer pra todo mundo que começou a namorar em uma noite de chuva de meteoros. O que você acha?

- Uma chuva de meteoros que se escondeu de nós.

- Ah, ela deve ser tímida. Como você.

Mesmo que eu não fosse, teria ficado. Sorri avermelhada e ele me puxou de novo pra perto dele. O portão atrapalhava cada vez mais.

- Parece que essas grades não querem que a gente namore.

- Mas elas não vão impedir, vão?

Encabulada, tentei desviar meu olhar do dele. Não consegui. Senti novamente o rosto dele colando no meu. Ele me pegou pela cintura, me aproximou do seu corpo e beijou meu queixo, meu nariz, me apertou um pouco mais contra as grades de ferro do portão. Eu fechei os olhos, tentei me desvencilhar dos seus braços, mas ele me beijou.

O breu dos olhos fechados misturado com o gelo do meu estômago me causaram comichões que bloquearam meus pensamentos por segundos e, antes que eu me desse conta do que estava fazendo e pudesse avaliar se aquilo era bom ou ruim, um estrondo e um golpe do lado direito do meu corpo me jogou no chão. O Murilo deu um salto para trás apertando uma das mãos. Estava sangrando. A Marilu e o Ivo, desesperados, vieram nos socorrer.

----------> Continua

Clique aqui para ler o Post I - A saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 02:18 PM | Comments (69)

NOVEMBRO 13, 2003
A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XXV)

Foi a Aruska, nossa dobermann de estimação. Ela não era violenta como diziam que os dobermanns eram, mas não podia ver ninguém da minha família correndo perigo que atacava. Eu jurava que ela estava presa! A danada veio de mansinho, aproximou-se de nós, viu aquela atracada de bocas e só avançou quando já estava bem próxima. Enorme e forte, seu golpe foi certeiro. Suas patas me derrubaram e seus dentes abocanharam um teco da mão do Murilo. Deu pra ver a marca dos dentes dela - alguns chegaram até a perfurar a carne. Sangrou um pouco e não foi possível socorrê-lo. Antes que eu pudesse pensar em um curativo, ouvimos o chamado do meu pai. Ele acordou com um barulho, viu que estávamos na garagem e soltou a Aruska. Ouvimos os passos dele se aproximando do portão e, como os meninos tinham mais medo do meu pai do que da cachorra, deram no pé antes mesmo que eu os avisasse. Foi o tempo certo do Murilo sussurrar...

- Te vejo amanhã?

- Eu passo na tua casa.

... e desaparecer.

Eu e a Marilu, despistamos meu pai com um papo furado de que haviam pessoas na rua à procura dos meteoros. Ele olhou para o céu - o tempo fechado - não quis saber de conversa - ordenou que entrássemos e fossemos dormir.

Bem que tentamos adormecer, mas como dormir depois de um dia como aquele?

A Marilu com a cabeça no mundo da lua por causa do Kiko e eu dando um certo "graças a deus" por aquele beijo trágico e breve. Por um lado, como não deu tempo, eu não precisava me preocupar se ele havia percebido ou não que eu não sabia beijar. Por outro, eu ainda me sentia sem saber o gosto que aquela experiência tinha.

- Ele te beijou?

- Mais ou menos...

- Até a Aruska beijou o Murilo antes de você...

- Isso! Ria, ria da minha vida antes que eu ria da sua. Quero ver você rir depois que eu contar para o Kiko que você abestalhou depois que o conheceu.

- Se você contar eu te mato!

- Deus, obrigada! Nunca imaginei que um dia você fosse ficar vulnerável, Marilu. Bendita a hora que eu te apresentei o Kiko.

- Aí, nem me fala! Essa merda dói...

- É eu sei...

- Sabe nada! Não acho que você seja apaixonada pelo Murilo.

- Acho que não sou mesmo. Quando ele está longe, eu acho que eu gosto; quando ele está perto, eu tenho vontade de desaparecer.

- Alê, vê lá o que você vai aprontar! Ele terminou com a namorada por sua causa. - Ah, ele tinha uma namorada em cada esquina!

- Mas não está com mais ninguém. Se você não queria nada com ele, não deveria ter enrolado até agora.

- Não é que eu não queira... Eu não me sinto segura ao lado dele. Fico estranha. Não é uma sensação boa. Às vezes é bom, mas quase sempre é ruim. Entende?

- Não. E não quero nem ver onde isso vai dar.

- Não vou terminar com ele. Nem sequer começamos...

- Combinaram alguma coisa para o fim de semana?

- Mais ou menos. Pensei em ir até o MAM terminar um trabalho escolar amanhã. Acho que vou chamá-lo para ir comigo.

- MAM? Museu de Arte Moderna?

- É. Por quê o espanto?

- Cada programa que você arranja para fazer com o namorado... Já ouviu falar em cinema? Playcenter? Praça Pôr do sol? Qualquer outro lugar que não envolva a escola?

- E quem disse que é um programa para namorados? Vou eu, ele e você.

- De jeito nenhum!

- Por favor! Preciso que você vá, caso contrário não tenho nem como sair de casa.

- Ah, não! Pelo amor de deus, Alê!

- Custa, Marilu? Por favor... eu faço qualquer coisa que você quiser.

- Não.

- Te dou este caderno de recordações, novinho em folha.

- Não gosto dessas bobeiras.

- Minha carteira da OP!

- Marca, éca!

- Qualquer um dos meus cartuchos do Atari.

- Pac-man?

- Pode ser.

- Não, obrigada.

- Convido o Kiko pra ir com a gente!

Um sorriso de um canto ao outro abriu no rosto dela.

- A que horas mesmo?

----------> Continua

Posted by Alessandra at 07:22 AM | Comments (37)

JANEIRO 09, 2004

A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XXVI)

Cinco horas da manhã e nós duas conversando. Combinamos acordar por volta do meio-dia. Ligaríamos para o Kiko, passaríamos na casa do Murilo e sairíamos os quatro.

Parecia um bom começo, tanto para as nossas relações de amizade quanto para os possíveis namoricos.

Muito antes do inicio da tarde, fomos acordadas pelo barulho estridente de uma ave que parecia um papagaio. Meus irmãos, empolgados com a aquisição do ser gritante, corriam em volta das nossas camas enquanto a Aruska tentava calar a ave com uma dentada certeira.

- Tira esse bicho de cima de mim!

- É um papagaio! Temos um papagaio! Temos um papagaio!

- E que tipo de droga vocês deram pra ele ficar assim?

Meus irmãos não tinham idade para saber o que eram drogas, mas nem mesmo a pergunta bem humorada da Marilu me fez sorrir naquela manhã. Eu não havia acordado bem e a culpa não parecia ser do papagaio.

Recuperadas do ataque matutino, saímos de casa sem que meus pais fizessem muitas perguntas. Parecia um milagre digno de me arrancar algum tipo de alegria, mas meu humor continuava péssimo. Mal cumprimentei o Murilo. Da casa dele, ligamos para o Kiko, marcamos de nos encontrar em frente ao museu e seguimos nosso destino.

Durante todo o percurso, tive que agüentar o Murilo tentando me dar o beijo interrompido na noite dos meteoros. Um sol infernal, o motorista do ônibus em alta velocidade, a Marilu quieta no banco ao lado e o Murilo querendo conversar, beijar... Minha cabeça parecia que ia explodir. Eu não distinguia mais a minha insegurança daquele mau estar. Me esquivei dos beijos, mas segurei em sua mão na tentativa de buscar algum conforto. Ele deve ter compreendido o gesto como um sinal afirmativo do namoro e me deixou em paz.

Quando chegamos no MAM, as coisas pioraram. O Kiko e a Marilu perceberam o meu estado e acharam que era melhor manter distância. Àquela altura, eu já estava agressiva.

Todas as alamedas, aquela exposição e as pessoas a nossa volta só aumentavam a minha indisposição. Murilo não sabia mais o que fazer e, na tentativa de não estragar o dia de todo mundo, sugeri que saíssemos do museu e caminhássemos um pouco pelo parque.

Em busca de sombra e água fresca, paramos próximos ao lago e ficamos conversando. O bate-papo descontraído e a brisa fizeram com que eu me animasse um pouco, o

suficiente para que o casalzinho feliz me deixasse a sós com o Murilo novamente. Ele, por sua vez, voltou a insistir no beijo e eu, exausta de tanta resistência, deixei...

"Ok, vamos lá. É só um beijo. Já treinei beijo de língua na minha mão, em frente ao espelho e com uma maçã. Não há o que temer. Hum...beijinho roubado bom! Mas e agora? Não me olhe desse jeito... Vem, eu deixo você me beijar... Ah, bom. Pensei que tivesse desistido. Você não deve saber disso, mas beijar meus lábios com a minha aprovação também está bom. Abraço bom... Opa! Estranho... Iu! Que língua é essa? Precisa enfiar esse troço na minha boca com tanta força? Ai meu dente! Ok, está tudo bem. Foi só uma arranhadinha. Acontece. Mas será que podemos voltar aos beijinhos? Hum, passar essas mãos pelo meu rosto e cabelo está muito bom... Mas e eu? O que eu faço com as minhas? Vou deixá-las aqui nos seus ombros antes que eu faça bobagem. Uma coisa de cada vez... Não! Babação não! Não vou pensar na troca de micróbios, não vou pensar na troca de micróbios, não vou pensar na troca de micróbios... Este é o tipo de nojo sem cabimento! Caramba, esse menino não deve saber o que está fazendo. Pra que bloquear a minha traquéia? Ar, eu preciso de ar. Ok, ok... Respirar! Eu preciso controlar a respiração e relaxar. Pensamento positivo... Não há o que dar errado. Impossível que eu faça isso pior do que ele. Vamos tentar... Ei, será que eu posso misturar minha língua com a sua? Iu, nada bom desse jeito. Devolva minha língua! Como pode esse menino ser tão cobiçado pelas meninas? Parece um camaleão. Isso não é um beijo, é um bote. O que ele pensa que esta fazendo com o céu da minha boca? Isso faz cócegas e não parece nada nada com o beijo que eu achei que você me daria. Vai me asfixiar, seu imbecil! Ufa, ainda bem. Obrigada, deus! Suave, melhor. Me deixa descobrir com calma como isso funciona. De onde vem essa tontura? Que cara será que ele esta fazendo? Não estou me sentindo bem... E se eu abrir o olho só um pouquinho? E se eu abrir e ele perceber? Duvido. Ele voltou a se concentrar na extração das minhas amígdalas, não deve estar pensando em abrir os olhos. Vou olhar e pronto! Não ria. Não ria, Alessandra! Segure este riso! Não há porque rir. Se esse menino me apertar mais um pouco e o sol aquecer a terra só mais um tiquinho eu vou cair dura e seca nesse chão. Ah, não! Não babe tanto, não babe tanto, por favor... Meu estômago não está legal. Calor insuportável... Quer saber? Chega! Babar mais do que a minha cachorra é um pouco demais para o meu gosto"

Me afastei do Murilo e o "chega" escapou dos meus pensamentos e saiu pela minha boca em voz alta. Eu não estava bem.

- O que foi?

Não soube o que dizer. Olhei para o Murilo, para aquele lugar, para mim e tudo me embrulhava o estômago. Não sabia mais se era o sol ou uma febre. Comecei a transpirar e a sentir o corpo fraco e dolorido. Tive vontade de chorar sem ter a menor idéia de onde

vinha aquele monte de sensações e reações. Foi tudo muito rápido. E eu deveria ter chorado, mas nunca ter dito o que eu disse.

----------> Continua

Clique aqui para ler o primeiro post da saga do primeiro beijo

Posted by Alessandra at 03:36 AM | Comments (77)

JANEIRO 14, 2004

A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XXVII)

- Sai de perto de mim!

- O que foi que eu fiz?

- Nada! Você não fez nada.

- Calma, Alê... Por que não me conta o que está acontecendo?

As palavras não vinham. Não tive discernimento e, muito menos, boa vontade para expressar toda aquela confusão na minha cabeça. Logo eu que me achava tão madura... Eu não sabia dizer a verdade, não sabia o que estava acontecendo com o meu corpo e não sabia que relacionamentos precisavam de diálogo tanto ou mais do que de atração física. Reagi a situação como toda adolescente revoltadinha que não sabe retribuir carinho e não sabe respeitar os sentimentos alheios.

- Me deixa em paz, Murilo. Eu não gosto de você. Tenho nojo de você.

Ele ficou mudo. E eu não deveria ter nascido...

A tontura e a dor no corpo aumentaram. Murilo me olhava sem esboçar reação alguma. Me arrependi do que eu disse naquele mesmo instante

O parque do Ibirapuera, local que abriga o Museu de Arte Moderna, era também um dos lugares que ele mais gostava de ir para se exercitar. Estava correndo e acabou presenciando todo o começo e final da minha história com o Murilo. De longe, me reconheceu, viu o beijo, deve ter achado que eu menti que precisava fazer trabalho escolar para namorar e ficou enfurecido. Não era pra menos. Era a primeira vez que ele tinha que se deparar com o fato de que eu estava crescendo. Mas daí pra ele administrar seu cuidado com a filha mais velha, a realidade da vida, minhas mentiras e um beijo na boca... Não pensou duas vezes, me tirou de lá pelo braço. Não falou nada para o Murilo. E o Murilo, por sua vez, depois do que ouviu de mim, não moveu um músculo em minha defesa. Ficou olhando eu ser arrastada pelo meu pai. Por um momento achei que fosse levar uma surra no meio daquele parque.

Mentir? Eu não menti nada! Eu omiti. É diferente. Eu disse que iria ao museu e fui! O trabalho escolar foi feito, não foi? Então o problema só podia ser o raio do beijo! Por que nossos pais mentem pra gente? Por que não dizem a verdade e param de bancar os pais modernos? Seria mais fácil se eles dissessem que não estavam preparados para ver a filhinha namorando...

- Você não tem idade pra namorar!

Bingo! Era isso que eu queria ouvir. Meu pai sempre foi mais direto. Sabia que ele não resistiria e acabaria confessando.

- E também não tem idade para tomar decisões por conta própria. Você é uma criança!

Maldita mania de achar que filho não cresce, não tem vida própria, não pensa... Eu não era mais criança desde os sete anos de idade! Ok, exagero. Mas já sabia muito mais sobre a vida adulta do que eles poderiam imaginar.

- E com que idade que vocês querem que eu comece a namorar? Com dezoito anos, como fez a mamãe?

Nunca mexa nas feridas da história de alguém - não em um momento delicado. O único namorado que minha mãe teve foi o meu pai. Casou com ele um ano depois que se conheceram. Casou de véu, grinalda e sob o dedo em riste do meu avô. Não porque estava grávida, como era muito comum na época; eles se amavam. Mas foi sorte eles gostarem um do outro, porque meu avó não permitia que homem nenhum chegasse perto de suas filhas sem que fosse para casar. Antes do meu pai, minha mãe só teve um paquera. Paquera é jeito de dizer, porque o caso não passou de troca de olhares. Por azar, meu avô viu e deu-lhe uma surra de cinta. Sem contar que jurou de morte o pobre rapaz que a cortejava. Jurou de morte também é jeito de dizer, apesar dele ser um nordestino arretado, nem arma ele possuía. Ameaçou na hora da raiva... Não deveria, mas as leis nunca levaram muito a sério os chiliques masculinos. Vovô botou o sujeito pra correr e o coitado nunca mais apareceu por aquelas bandas.

Minha mãe não gostava nada-nada de falar sobre aquela história. Ficava triste de lembrar o quão difícil a adolescência havia sido. E lá fui eu, com a minha boca de panela, cometer o erro da comparação...

- Como fez a mamãe? Ah, é assim? Eu queria ver se você tivesse um pai como o que eu tive! Você não dá valor pra vida que tem! Eu e o seu pai fazemos tudo por você e por seus irmãos e o que vocês nos dão em troca?

Ai, ai... as chantagens emocionais.

- Irmãos, não! Atenha-se ao problema da Alessandra. Eu o Dan e o Rique não beijamos ninguém na boca ainda!

- Shirley, já para o seu quarto! Ninguém te chamou na conversa!

Bem feito pra engraçadinha da minha irmã...

- E você, Alessandra...

Sabia que ela voltaria a falar de mim...

- Daqui pra frente será de casa para a escola e da escola para casa. Esqueça festinhas, namorados e passeios com as amigas. E não pense em sair do seu quarto nos próximos dias. Não quero ver você nem no quintal!

Passei o resto do fim de semana no quarto. Sem telefone, sem amigos, sem poder pedir desculpa para o Murilo e suportando calada, por pirraça, a danada da dor no corpo que não passava. E mesmo se eu pudesse sair de casa, aquela cólica insuportável e a fraqueza não me deixariam ir muito longe...

"Que arrependimento ter dito aquela bobagem para o Murilo... O que deu na minha cabeça? Bom, se eu soubesse não teria feito o que fiz. Que infantil que eu sou! Infantil, nojenta e mimada. Agora, pensando bem, o beijo até que não foi tão ruim... Tarde demais... E o Murilo é tão bonitinho, engraçado, sabe fazer acrobacias com a bike... E se ele voltar com uma das ex-namoradas e nunca mais quiser saber de mim? Que burra que eu fui! E essa dor que não passa..."

Na madrugada de domingo para segunda, acordei meio inconsciente. A mão da minha mãe sobre a minha testa e meu pai olhando para o termômetro...

- Melhor irmos até o hospital...

----------> Continua

Clique aqui para ler o primeiro post da saga do primeiro beijo

Posted by Alessandra at 01:51 AM | Comments (44)

FEVEREIRO 05, 2004
A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XXIX)

Fui carregada. Não agüentava andar direito. As pernas não respondiam, a cólica havia aumentado e eu me contorcia de dor. Fui internada, medicada e dormi. Abri os olhos no dia seguinte sem saber direito porque havia sido internada. Meu pai dormia em um sofá em frente à minha cama. Não quis acordá-lo. Ainda sentia meu corpo fraco, mas não doía mais - não o corpo. Passados alguns minutos na companhia daquele silêncio e cheiro hospitalar, senti minhas angústias despertarem minha vontade de chorar. Eu e a minha mania de segurar o choro. Mania triste. Evitei o barulho dos soluços, mas não consegui segurar as lágrimas. Não gostava que me vissem chorando. Afundei o rosto no travesseiro e torci para que o meu pai não ouvisse.

Eu poderia ter feito tudo diferente. Poderia ter dito a verdade desde o começo, evitado que a Marilu se metesse em mais encrencas tentando me ajudar, poupado meus pais do sentimento de culpa pelos meus erros e, principalmente, poderia não ter dito uma merda como aquela para o Murilo... Mas, afinal, o que eu fiz de errado? Por que eu vivo me cobrando perfeição? Por que vivo me culpando tanto? Eu não fiz nada errado! A Marilu é feliz do jeito que é e eu não vou mover uma palha para estragá-la. E meus pais? Ah, meus pais que se virem para lidar com os fatos! Eles sentem culpa, eu sinto culpa, o mundo inteiro sente culpa por alguma merda que já fez. Que a nossa relação, daqui pra frente, seja o que Deus quiser. Eles precisam se acostumar com a idéia de que eu cresci. E não vou mais pensar sobre isto. O que importa é que eu não apanhei. Ufa...

O problema maior é o Murilo. Mas quer saber? Se o Murilo não fosse tão galinha, eu me sentiria mais à vontade para revelar a minha falta de experiência. E aposto que ele nunca levou um fora de uma menina... bem feito! Que tenha servido de lição! A maior parte dos meninos passa a vida levando foras. Quem ele pensa que é? Pensa que só porque é bonito está isento de levar um pé na bunda? Droga... ele é o menino que eu gosto e não vai me perdoar nunca mais...

O que será isso na minha veia? Será que eu vou morrer? Detesto ter que morrer. Não pense nisso, não pense nisso, não pense nisso... Ninguém morre antes dos vinte. Claro que morre sua burra! Eu não vou. Nem com doze, nem com vinte e nem com cento e cinqüenta. Vou escapar por um triz... Mas que diabos será isso? Deve ser soro... Será que é porque eu não como há dias? Não, não é possível. Regime não mata. Além do mais, o Murilo não iria gostar de mim gorda do jeito que eu estava... Queriam que eu fizesse o quê? Além do mais, beijar pela primeira vez tira o apetite.

A enfermeira abriu a porta. Esfreguei o rosto no travesseiro e limpei as lágrimas...

- Bom dia...

- Bom...

- Como você está?

- Bem...

- Bem mesmo?

- Sim... já sarei.

Chorar sempre deixou meu rosto semelhante a uma beterraba atropelada ...

Por que a gente incha quando chora? Não bastasse ficar triste ainda precisamos explicar o porquê da cara roxa. Preciso desconversar antes que ela queira detalhes...

- Eu vou morrer?

Ela sorriu...

- Não, não vai. Você tem uma vida inteira pela frente, mas precisa cuidar bem dela. Daqui a pouco o doutor Otávio vem conversar com você. Tente descansar e se alimentar. Vou pedir para trazerem o seu café da manhã.

Meu pai acordou com o barulho da enfermeira saindo do quarto. Espreguiçou-se no sofá, estalando os ossos mal dormidos. Olhou para mim com um meio sorriso nos lábios. Levantou, deu um beijo na minha testa e...

- A febre passou...

Por uma fração de segundos achei que aquele era um beijo do tipo "Querida filha, que bom que você está viva. Nunca mais colocarei você de castigo". Ledo engano...

- E a mamãe?

- Foi para casa. Saiu assim que os médicos disseram que estava tudo bem com você. E as dores? Passaram?

- Um pouco...

Quis fazer manha para escapar de um possível sermão, mas não teve jeito...

- Filha, eu estou muito preocupado com você. Conversei essa noite com o médico. Exames estão sendo feitos para avaliar melhor o que aconteceu, mas a impressão que eu

tenho é que você não está nada bem. Você tem exagerado nos exercícios físicos e há dias eu só vejo você comendo abacaxi!

Ops! Incrível como tudo que eu faço de errado ele vê. Se eu tivesse esfregado no nariz dele uma prova com um "B" aposto que ele não teria dado a menor bola. Mas também você quer o quê? Um "B" é o mínimo que se pode esperar de um filho. Não ultimamente. Ultimamente um "B" seria o máximo e um "A" seria um milagre. Aí dele se não levasse em consideração um "A". Eu usaria um "A" por dias! Chantagista... Tenho a quem puxar.

- Abacaxi emagrece...

O médico interrompeu a conversa. Achei que tinha sido salva pelo jaleco, mas não. Respondi um questionário gigante, me submeti a mais exames e fui obrigada a comer. Fiz tudo que mandaram, inclusive tomar café da manhã, almoçar e jantar. Estava muito fraca para discutir e não agüentava mais levar bronca por ter vivido de abacaxi e água durante um mísero mês.

Só tive alta no dia seguinte pela manhã. Mesmo assim, antes de ir embora, o médico pediu que o acompanhássemos até o quarto de uma garota que estava internada na ala B. Eu não via a hora de chegar em casa e saber notícias do Murilo, mas como dizer "não" para um pai e um médico unidos contra mim?

A menina era poucos anos mais velha do que eu e estava dormindo. Não ouviu a nossa conversa. A pobre estava que era pele e osso e, em um primeiro momento, não entendi o porquê do doutor Otávio pedir que eu a visse.

- Essa garota chegou aqui em uma ambulância há dois dias. Está bem melhor agora, mas não sei mais quais são suas chances de cura. Ela sofre de anorexia e é a sexta vez em um ano que ela é internada.

- Anorexia? O que é isso?

Na época, eu não fazia a menor idéia...

- É um distúrbio alimentar que você pode vir a desenvolver se continuar se alimentando de fatias de abacaxi ou qualquer outra dieta absurda que inventar. A Lívia, essa moça que você está vendo, nem abacaxi come mais.

- Não come de louca! Magra desse jeito ela pode comer o que quiser.

- Não. Ela, assim como você, tem uma imagem equivocada do próprio corpo. Você tem tendência para engordar, mas ainda é saudável. Seu pai me disse que você tem

exagerado nos exercícios físicos e que vem se alimentando mal há pouco tempo. Ela começou assim.

- Não é possível...

- Acredite. Não teria trazido você aqui se não fosse para alertá-la. Acho bom que queira emagrecer porém, é importante que saiba como. Parando de comer e fazendo ginástica compulsivamente, a única coisa que você vai conseguir é vir me visitar com mais freqüência.

- Vocês acham o quê? Que eu vou ficar como essa menina? Nem se eu passasse a vida comendo abacaxi!

- Alessandra, escute: se você não ficar atenta, pode desenvolver este ou outros distúrbios alimentares. Ainda não sabemos o porquê da cólica, mas você está anêmica.

- Mas eu sou gorda! Gordos não ficam anêmicos.

- Em primeiro lugar, você ainda não está gorda. Você pode ficar, mas ainda não está. E, segundo, quem disse pra você que gordura evita anemia, mentiu. Você está em fase de crescimento, em breve terá a sua primeira menstruação...

Ei, meu pai está ouvindo! Que vergonha... Não basta me dar a má notícia de que gordinhos podem ficar anêmicos e ainda fala sobre a minha futura menstruação na frente do meu pai. Onde está sua ética profissional? Será possível que você não aprendeu na faculdade que essas coisas ditas na frente do pai podem encabular uma menina de doze anos? Ei, doutor-psicologia-zero, dá pra parar de tagarelar?

Meu olhar de fuzilamento e minha força da mente não o impediram.

- ... e, se não cuidar da sua alimentação, você impedirá que o seu corpo se desenvolva e poderá causar males irreversíveis para a sua saúde.

Eu queria morrer de catapóra preta com todo aquele blá-blá-blá. Ignorei absolutamente tudo o que ouvi, mesmo prometendo que eu marcaria uma consulta com o nutricionista o mais rápido possível - minha imaturidade e ignorância não me davam a real dimensão do problema. Eu não era capaz de compreender como uma garota magrela, que deveria estar feliz da vida pelo físico esguio, podia ser tão tola a ponto de se achar gorda e não comer.

Será possível que ela não tem espelho em casa? Magra daquele jeito eu trocaria o abacaxi por dois hambúrgueres, alface, queijo, molho especial cebola, picles num pão

com gergelim. E ainda pediria um sunday, sem culpa alguma. Se ela se acha gorda, eu tenho motivos de sobra para evitar até o abacaxi.

Por maior que fosse o espelho, nenhuma de nós duas éramos capazes de enxergar o que estávamos fazendo com as nossas vidas. Meus pensamentos delirantes me transformavam em uma menina tão tola quanto a tal da Lívia. Meu corpo estava se tornando reflexo da minha mente e eu não percebia. Minhas inseguranças, dúvidas, pressões, amores, desafetos e falta de estrutura emocional para lidar com a minha forma fora de moda, se transformariam em poucos anos em dietas mirabolantes que me tirariam a paz.

Aqueles foram os anos onde eu pude ver crescer a obsessão de muitas mulheres por academias, anfetaminas, dietas, cirurgias e fugas plásticas. Eu e a Lívia, éramos só mais duas das vítimas de uma epidemia que afetou nossas almas, mais do que nossas aparências.

Meses depois, lembro do meu pai ter comentado que a Livia estava com os dias contados e eu...

- Livia? Que Livia?

----------> Continua

Clique aqui para ler o primeiro post da saga do primeiro beijo

Posted by Alessandra at 01:22 AM | Comments (43)

MARÇO 16, 2004

A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XXX)

Pouco me interessava o que aconteceria com a tal da Lívia, com a minha saúde ou com a dieta mirabolante de quem quer que fosse. Na minha cabeça, aos doze anos de idade éramos todos imortais e eu só pensava em chegar em casa e dar um jeito de pedir desculpas ao Murilo. Meses depois eu soube que a Lívia morreu, mas eu continuava surda para aquela história. Meu pai tentou me alertar, mas eu ignorei cada palavra. Adolescentes enfim, tornaram-se mortais, mas eu não era tão burra quanto ela foi. Ou, pelo menos, achava que não.

Depois de dois dias internada naquele hospital, minha mãe cismou que eu precisava ficar em observação. Pela anemia e pela mentira, eu passaria o resto da semana sem ir para a escola. Voltei para a cama, para os dias de castigo e fui obrigada a tomar compostos

vitamínicos e parar com a dieta do abacaxi. Nada de rua, nada de amigos. Ela tinha uma licença médica como justificativa.

Sem notícias, sem meios de comunicação e me sentindo uma leitoa no cativeiro de engorda, a vontade que eu tinha era de fugir para algum lugar onde os pais não fossem necessários.

O primeiro dia foi horrível. Não só pelo tédio, mas também por conta do arrependimento. Eu queria saber do Murilo, da Marilu, do Kiko... Nem dormir eu conseguia. Quando eu consegui descansar um pouco a mente e adormecer, já era madrugada.

- Aleeee...

Abro os olhos e vejo uma bochecha amassada no vidro da janela sussurrando meu nome. Esfreguei os olhos, dei um salto da cama e abri a janela para que a Marilu entrasse...

- Estou há meia hora batendo nesta janela...

- Batesse com força!

- Se eu pudesse fazer barulho, teria entrado pela porta da frente.

- E por que não entrou?

- Sua mãe não deixou. Disse que você precisa sarar da dieta maluca que inventou e que está de castigo.

- O que ela quer? Me matar de vergonha? Que horas são?

- Onze e quinze. Que dieta foi essa que te levou para o hospital?

- A do abacaxi...

- Dieta do abacaxi?

- Dá pra rir mais baixo, Marilu?

Passei o trinco na porta como se ele pudesse abaixar o volume das gargalhadas que ela dava...

- Você desmancharia igual ao churrasco ruim que o meu pai prepara.

- Ver minha bunda desmanchar fazia parte dos meus planos. E chega desse papo. Não suporto mais falar sobre este assunto. Me conta... Me conta do Murilo.

Ela titubeou...

- Ele está muito bravo comigo?

- Hum... Pior que isso.

- O que pode ser pior?

- Vai doer. Quer mesmo que eu conte?

- Quero. Acho...

- Quando o Ivo me contou eu nem acreditei.

- O Ivo? Por que o Ivo? Até ele já está sabendo?

- Claro! Ele é o melhor amigo do Murilo, Alê.

- Eu sei, eu sei... mas me diz. Você chegou a conversar com o Murilo no dia do parque? Ficou sabendo que o meu pai viu a gente?

- Eu e o Kiko vimos vocês entrarem no carro e corremos para falar com o Murilo e saber o que tinha acontecido.

- E aí? O que ele disse?

- Ele estava com uma cara péssima. Não falou muita coisa, não.

- Como assim? Conta direito...

- Ah, ele não falou quase nada. Nós insistimos, mas ele não quis saber de conversa. A única coisa que ele disse foi que perguntássemos pra você.

- Só isso?

- Só.

- E o que o Ivo te disse?

- Essa é a parte que vai doer...

- Conta de uma vez, Marilu!

- Ele não quer mais falar com você.

- Como assim não quer mais falar comigo? Conta desde o começo. Ele sabe que eu passei mal e fiquei no hospital esse fim de semana?

- Não sei, mas acho que não sabe. O Ivo teria comentado.

- O que mais ele disse?

- Eu não lembro de tudo... Conversamos um tempão e sobre outros assuntos.

- Como não, Marilu? Como é que você esquece os detalhes de uma conversa como esta?

- Ah, lembrei! Ele também disse que você deve ser louca.

- Blá-blá-blá... Que mais?

- E que enrolou esse tempo todo só pra fazer o Murilo de palhaço.

- Não foi nada disso...

- Mas afinal, o que aconteceu então?

- Ai, se eu disser você vai querer me esganar.

- Conta!

- Eu disse que tinha nojo dele.

- Não acredito... Sério? Por que você fez isso? Não me diga que você vomitou no menino?

- Claro que não, Marilu!

- Ufa! Menos mau...

- Você acha?

- Eu vou saber? Esquisita do jeito que você é!

- Você não entende...

- Nem eu, nem o Murilo, nem ninguém!

- Fala baixo... Se minha mãe pega você aqui, vou passar mais uma semana trancafiada em casa. Eu não disse por mal. Eu estava doente.

- Doente de quê?

- Anemia, dor no estômago, febre, começo de gripe...

- Frescura...

- Essa é uma longa história, Marilu. Deixa pra lá. Ela não interessa mais. Agora, o que eu preciso é que você me ajude. Preciso dar um jeito dele me perdoar.

- Esquece. Ele não vai desculpar você nunca. Isso não é coisa que se fale pra alguém.

- Vai ajudar ou me dar uma lição de moral?

- Eu não deveria! Quem faz o que você fez não deve bater bem da cabeça. Mas eu ajudo. Ajudo só porque, graças a você, eu...

- Você o quê?

- Eu estou namorando o Kiko!

Pulamos e gritamos baixinho como duas adolescentes retardadas. Não havia casal mais perfeito do que o Kiko e a Marilu. Ao lado dele, ela aprenderia a compreender melhor a família que tinha, repensaria a fé que lhe faltava, a paixão que ela esbanjava e os detalhes que ela sempre perdia. E, infelizmente, com ela, ele descobriria todas as dores e alegrias de uma grande paixão. Mas essas eram as cenas de um futuro distante daquela manhã. Naquele dia, ela era dona do sorriso mais feliz que eu já havia visto. Um sorriso que eu vi estampado em seu rosto toda vez que o nome ou a presença do Kiko se tornavam presentes. Um sorriso que desbotou entre tantos fins e recomeços. E que ela deixou de sorrir, desde que ele foi embora.

- Conta! Conta tudo tim-tim por tim-tim!

- Não. Depois eu conto. A gente precisa dar um jeito nessa sua história com o Murilo. Anda. Escreve uma carta pra ele, explica tudo o que aconteceu e eu vejo o que eu posso fazer.

- Boa! Mas... escrever o quê?

----------> Continua

No radinho: Educação Sentimental II - Kid Abelha

Clique aqui para ler o primeiro post da saga do primeiro beijo
Posted by Alessandra at 02:02 PM | Comments (44)

MARÇO 18, 2004
A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XXXI)

O Bilhete:

"*Murilo, eu sei que você está bravo comigo e por isto eu queria pedir desculpas. É que eu estava doente e comecei a ficar zonza, zonza, zonza e meu estômago doía... Mas aquilo tudo que eu disse no parque não tem nada a ver com você. Juro. Será que a gente pode ficar de bem?*"

Preciso de um papel de carta bonito.

- Alê, eu falei uma carta! Esse bilhete está ridículo. Você acha o quê? Que o Murilo vai ler isto e desculpar você só porque o papel de carta é rosado e tem desenhos de flores do campo?

- Não agoura, Marilu! Não agoura! E isto não é rosa; é bordo. O bilhete está lindo. Pode entregar assim mesmo. E cuidado pra não dobrar. Entrega enroladinho como se fosse um pergaminho.

- Vai quebrar a cara.

- Não vou, não.

Passei a tarde procurando pontas duplas no cabelo. Uma ansiedade que me fazia bater a cabeça na parede. Pra piorar, a Marilu não voltou em casa naquele dia. Só foi aparecer no dia seguinte. E à noite!

- Isso são horas?

- Você parece minha mãe falando. Eu, hein...

- E então? Como foi?

- Eu avisei...

- Ele não vai me desculpar?

- Não vai, não.

- Mas o bilhete estava tão bonitinho... O que ele disse?

- Ele não disse.

nL0>fê0y"(

----------> Continua

Mais uma de amor no radinho. Clique lá.

Clique aqui para ler o primeiro post da saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 03:24 PM | Comments (53)

MAIO 01, 2004
A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST XXXII)

- Minha irmã deve ter enfiado o gravador no nariz!

- Achei!

- Como é que você achou ele aí dentro?

- Procurando nos lugares improváveis. Nos provaveis você já estava procurando.

- Engraçadinha...

- Foi sem querer. Esbarrei, senti um negócio duro, fui ver o que era e *voilá***... um gravador.**

- Não disse que ela enfia tudo no nariz? Quem, além dela, teria colocado um gravador dentro de um travesseiro? Essa menina não é boa da cabeça.

- Eu queria ter irmãos...

- Você não sabe o que diz. Um quarto só pra você, presentes só pra você, roupas que ninguém mexe, travesseiros sem gravadores...

- Bronca e cobranças só para mim...

- Isso eu também recebo e não é por falta de irmão.

Mas pelo menos você tem em quem botar a culpa. Sem contar que deve ser o paraíso não ter um pai e uma mãe se descabelando vinte e quatro horas em um único par de ouvidos. Um acusando o outro pelas coisas que eu faço. Nunca o erro é dos dois e nunca é só meu. É um saco...

- Marilu, não pira. Você é super livre. Seu pai e sua mãe nem devem saber onde você está agora. Quem, na nossa idade, consegue fazer o que você faz?

- Eu não faço porque eu quero, faço porque deixam. Meus pais são ocupados demais pra perceberem que eu não estou no quarto vendo TV.

- E você acha isso ruim? E eu então, que não posso dar um passo sem o consentimento da família inteira? Além de não poder sair, agora preciso abrir a janela pra você entrar. Nem amigos eu posso ter mais.

- Não vejo a hora de ter dezoito anos...

- Nem me fala...

- E eles não vão me emancipar nunca...

- Qual a primeira coisa que você vai fazer quando completar dezoito anos?

- Ir a um motel.

- Motel?

- É, motel... Que foi? Que cara é essa? Vai dizer que você não sabe o que é um motel?

Eu achava que sabia, mas pela expressão de sabida que a Marilu fez, eu só podia estar enganada...

- Claro que eu sei.

- Que bom. Achei que eu teria que explicar a diferença entre hotel e motel.

Sempre que ela desconfiava saber de assuntos que eu não sabia, ela empinava as sobrancelhas e ganhava o ar mais esnobe que uma garota poderia ter. Eu odiava. Principalmente porque me sentia traída por todos à minha volta. Eu não entendia porque ela sabia de tantas coisas e eu não. Mas teria o meu pai mentido pra mim? De novo? Não bastava ter escondido durante anos que o Papai Noel da rua era na verdade o seu Joaquim da banca de jornal? Não bastava ter descoberto, pela rabugenta da professora de ciências, que eu nunca tinha sido uma sementinha? Vindo da Marilu, a diferença entre motel e hotel, estava mais pra sexo do que pra hospedaria sem parquinho.

- Eu sei a diferença. E vamos gravar logo essa fita porque já está ficando tarde e eu quero resolver logo essa história com o Murilo.

- Já vi que não sabe. Ai, ai... como você é orgulhosa. Eu só espero que esse fora que você está levando do Murilo, dê um breque nesse seu orgulho. Por que você não diz a verdade? Por que não pergunta pra mim qual a diferença entre motel e hotel? Por que

não pega esse gravador e conta para o Murilu o que realmente aconteceu no dia do beijo?

- Eu já disse! Eu estava doente.

Marilu ficou em silêncio e eu aproveitei para fugir. Saí batendo o pé, abri a porta do quarto e escapei...

- Já volto. Vou pegar um suco. Quer algo da cozinha?

- Não...

- Quer que eu tranque a porta ou você se esconde se chegar alguém?

- Pode trancar.

No banheiro, fiquei olhando no espelho a minha cara de pateta. Eu era mesmo muito boba... Já tinha perdido o primeiro namorado e agora estava perdendo a amiga - talvez a única que eu realmente tivesse. O Kiko era menino; um grande amigo, mas menino. Não era a mesma coisa. Os papos eram outros, a cabeça era outra, as piadas eram outras... Não que fosse ruim, muito pelo contrário. A amizade do Kiko abria os meus horizontes para o mundo e para os homens. Nossas conversas me faziam pensar, questionar e compreender um pouquinho melhor as diferenças gritantes entre os garotos e as garotas. Mas era impossível imaginá-lo nas rodas de meninas.

Com a Marilu era diferente. Nós tinhamos afinidade pra falar de qualquer coisa, mas ela era tão esperta, tão independente e corajosa que botava medo em qualquer um que se aproximasse dela, inclusive eu. Como confiar plenamente em alguém tão despreendida? Eu me perguntava o tempo todo como era possível ser amiga da garota mais mal falada de, pelo menos, três colégios da redondeza. E se ela fosse falsa como as outras foram? Sem contar que ela tinha as melhores idéias e vivia a anos luz do seu tempo... Nossa diferença de idade não era tão grande, mas era o abismo que separava a ingenuidade da infância, das descobertas da pré-adolescência. E eu teria que decidir se atravessaria aquela ponte com ou sem ela.

Não é porque aquelas duas fizeram aquele papelão comigo no passado, que eu vou deixar de confiar nas pessoas. E dane-se também o que os outros pensam sobre a Marilu. O que interessa é o que eu penso. Só porque ela é diferente não significa que seja uma ameaça... Eu confio nela.

Saí do banheiro pronta pra deixar de frescura e ter uma conversa franca com a melhor amiga que a vida poderia ter me dado. Abri a porta do quarto, vi a janela escancarada, o gravador em cima da cama e um bilhete ao lado...

- Aperte o play. Tem recado pra você.

Ela foi embora.

----------> Continua

No radinho, pedras rolando. Clique lá para ouvir.

Clique aqui para ler o primeiro post da saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 06:13 PM | Comments (38)

NOVEMBRO 06, 2004
A SAGA DO PRIMEIRO BEIJO (POST MDCCXXXIII)

Para ler ou lembrar onde a história parou, clique aqui.

Maldita mania de fazer drama. "Tem recado pra você..." Onde já se viu? Louca! Por que não esperou eu sair do banheiro e disse o que tinha para dizer na minha cara? Droga! Tudo vira uma novela pra essa garota. Dá vontade de não ouvir nada. Ela e o Murilo que se danem! Sensiveizinhos de uma figa... Droga! Droga! Droga.

Apertei o *play***...**

Alê, Alê... Você me dá nos nervos, sabia? Seu problema não é o Murilo, seu problema é você mesma. Você é insegura, imatura e orgulhosa. Fala como se fosse gente grande, mas não passa de uma pirralha que não enxerga uma agulha na frente do nariz. E não adianta desligar essa merda de gravador e jurar que nunca mais vai falar comigo porque isso não resolve nada. Ao contrário do que você sempre acreditou, virar as costas para os seus problemas não a torna superior. Quer sair das fraldas, **baby***? Siga o conselho das chatas das nossas mães: cresça e apareça! O dia que isso acontecer, me procura. Não é só pra beijar na boca que você precisa de coragem. Você precisa de coragem pra viver.*

Ouvi, apertei o *stop***, voltei a fita, ouvi de novo. Repeti o roteiro do** *"rew"* **e** *"play it again"* **umas cinco vezes na tentativa de desfazer o nó que aquelas palavras formaram na minha garganta. Não adiantou. Eu só queria poder encher a cara da Marilu de tabefes. Tranquei a porta do quarto, pulei a janela, o muro e, decidida, segui até a casa da sabichona. Decidida, mas cagando de medo. Era a primeira vez que eu saía de casa sem avisar os meus pais. E mesmo com toda a coragem que a raiva me proporcionava, achei melhor correr. Era quase meia-noite, um temporal atravessava a represa e eu morria de medo do que diziam sobre a gangue do Zé Laranja.**

----------> > >Continua.

Clique aqui para ler o primeiro post da saga do primeiro beijo.

Posted by Alessandra at 01:00 AM

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo